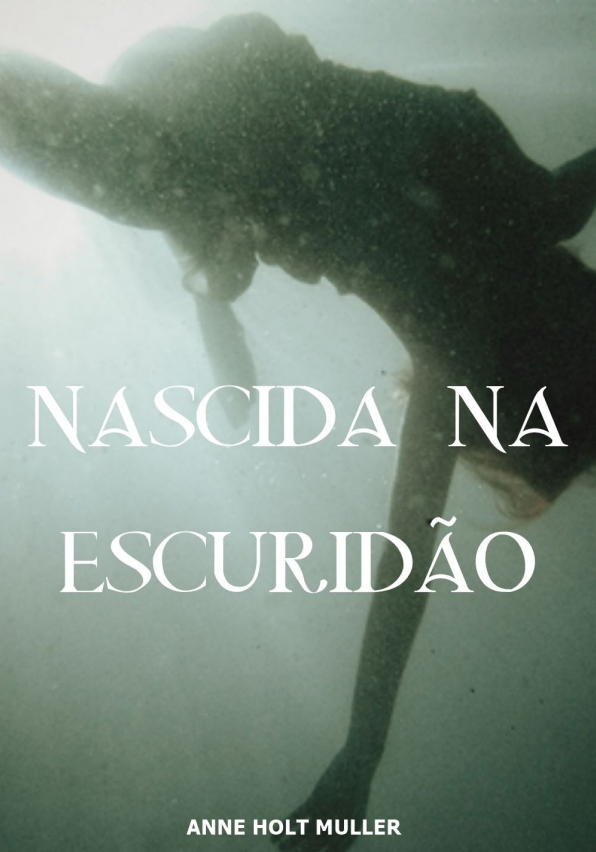


An underwater photograph showing the dark silhouette of a person's head and upper body against a lighter, hazy blue background. The person appears to be looking upwards, with their head tilted back. The water has a grainy, textured appearance.

NASCIDA NA ESCURIDÃO

ANNE HOLT MULLER



Nascida na

Escuridão

Parte I

Nascida na

escuridão

ANNE HOLT MULLER

Título original: *Born into the darkness*

Copyright© 2017 por Anne Holt Muller

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Tradução e notas por Marina Jaguaribe.

Todos os direitos reservados. A duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quais quer formas ou por quaisquer meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocopia ou outros), sem a autorização por escrito do autor é proibida e constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.360/98).

M958 Muller, Anne Holt, 1999 —

NASCIDA NA ESCURIDÃO/Anne Holt Muller — Rio de Janeiro: agBook: 2017

175p. — (Na escuridão, v. 1): 14x21 cm

Tradução de: Born Into the darkness

ISBN 9781520717449

I. Mitologia grega. II. Ficção. III. Título. IV. Série

CDU: B869

CDU: 821.134.3(81)

Uma protagonista loira para Juliana, que sempre reclamou do preconceito de todas serem morenas.

Assassina

KATHRYN

S aí do carro de Vincent, o policial responsável por me levar até aquela prisão. Vincent era um policial, simpático e que gostava de mim. Confesso que também gostava muito dele. Devia ter seus cinquenta e poucos anos de idade. Vincent abriu o porta-malas, tirou minha mala e eu puxei minha mochila do banco de trás.

—Não vai ser por muito tempo – garantiu Vincent a me ver contemplar o mausoléu. Assenti desorientada não acreditando em suas palavras.

—Eu sei. Por que Henrickensen vai me jogar numa cadeia...

—Vou fazer o possível pra te tirar daqui, sei que a culpa não foi sua.

—É.

—Eu não vou poder entrar com você. Tenho casos para resolver – assenti.

—Siga as regras e vai ficar tudo bem, não fuja daqui. Eu contratei um advogado que fez um pedido ao juiz para ter a sua guarda, até completar dezoito anos pelo menos.

—É sério? – sorri.

—É sim. Faça os deveres e pelo amor de Deus, você tem que ir para Stanford.

—Eu vou fazer o que puder e o que não puder para passar.

Vincent me abraçou, voltou para o carro e foi embora, deixando-me ali, sozinha, no meio do nada.

Uma garota apareceu saltitando por entre os carvalhos e abriu o portão de ferro retorcido. Tinha os cabelos loiros presos numa trança, jogada no ombro esquerdo.

—Oi, você deve ser Katie Afternoon, a nova aluna.

—É – disse.

—Precisa de ajuda? – perguntou. Antes mesmo que eu pudesse responder, ela pegou minha mala.

—Obrigada.

—Por nada – ela se virou e deu alguns passos, parando de maneira

abrupta – Ah, meu Deus, me desculpe, esqueci de me apresentar: sou Kaitlyn Deveroux.

Kaitlyn continuou andando pelo caminho estranho, aquele lugar era realmente assustador.

–Isso aqui parece mais um cemitério – comentei.

Kaitlyn riu.

–Você se acostuma, Katie.

–Todos aqui são tão legais? – perguntei com um risinho nervoso.

–Nem todos, mas você se acostuma a isso também. A maioria é bem legal e você vai gostar deles.

Andamos mais uns minutos até chegar à porta.

–Definitivamente, esse lugar é assombrado.

–Tem razão – disse Kaitlyn contemplando a arquitetura do lugar.

–É mesmo... Assombrado?

–É. Aqui era um luxuoso internato de meninas até o fim da Guerra de Secessão. Depois que coisas estranhas começaram a acontecer por aqui eles abandonaram o lugar. Dizem que é assombrado pelos espíritos dos confederados.

–Então quer dizer que aqui é um cemitério? – perguntei. Um calafrio percorreu minha pele.

–Não exatamente. Mas tem centenas de corpos enterrados no quintal da propriedade.

A porta da frente abriu e uma senhora saiu da casa, ela parecia-se com as avós bondosas da TV. Olhou para mim, em seguida para Kaitlyn.

–Já está assustando a garota nova com suas histórias macabras sobre o colégio, Kaitlyn? – embora seu tom fosse de indagação, meio que não era uma pergunta.

–Nova ou não, ela tem que saber a verdade sobre o lugar onde está se metendo – disse com um sorriso que, com certeza, faria todos os caras da minha antiga escola babar por ela.

–Vamos entrar – disse a mulher.

Ela entrou e eu fiquei observando com certo receio de entrar ali.

–A Sra. Martin não morde, Katie – disse Kaitlyn.

Assenti e a segui pelos corredores.

–Não temos muitas regras, mas as que temos devem ser seguidas rigorosamente – disse a Sra.. Martin enquanto andava – A primeira regra, não são permitidos celulares, objetos pontiagudos, nem nada do tipo nas horas de aulas. Você tem acesso à tecnologia no seu quarto e nas horas vagas.

Ela abriu a porta de uma sala e eu entrei, acompanhada por Kaitlyn.

–Você pode usar computador portátil, mas será fiscalizado os sites que você entrar, só é permitido acessar sites com conteúdos que vá utilizar em trabalhos escolares e estudos. Outros tipos de sites serão apenas tolerados em fins de semanas. Entendido?

–Sim, eu não sou muito fã de internet.

Ela se sentou desconfortável, na cadeira giratória atrás de mesa.

–Pode nos dar licença – disse a Kaitlyn.

–Eu te espero lá fora, Katie.

A diretora abriu uma pasta e começou a revirar as páginas.

–Segundo o seu arquivo você é emocionalmente instável, mas o Sr. Schultz liberou-a das seções de terapia há duas semanas, e a menos que piore e tenha algum tipo de comportamento que seja considerado agressivo ou anti social, não precisará de acompanhamento do seu psiquiatra.

Assenti, ela só estava dizendo tudo o que meu terapeuta tinha me dito antes de me jogar num reformatório, por mais que pudesse parecer insano, eu acreditava que ele e Henrickensen tinham um complô para me jogar ali, e se me tirarem quando tivessem provas suficientes para me jogar numa penitenciária, ou até, quem sabe, no corredor da morte. Ela abriu a gaveta e revirou alguns papeis, e entregou uma folha de horários e se levantou.

–Aqui estão seus horários – disse, depois revirou mais a gaveta e tirou uma chave de lá –, e aqui está sua chave.

–Obrigada.

–Se tiver algum problema com a localização, pode pedir ajuda a Kaitlyn.

Abri a porta e vi Kaitlyn com umas pessoas. Ela deu tchau e veio até mim.

–Vem, vou te mostrar onde fica seu quarto, a aula começa em dez minutos.

Ela me guiou por corredores que pareciam ter sido tirados de filmes de terror de casas assombradas. Kaitlyn parou diante de uma porta quando viu o nome na porta, não o meu nome, mas o que eu implorei para que fosse impresso:

KATIE AFTERNOON

–Seu nome é mesmo Katie? – perguntou.

Peguei a chave e abri a porta. Hesitei um segundo antes de empurrá-la.

–Não. Mas pedi que colocassem Katie na porta. Pra que ninguém soubesse meu nome de verdade.

–É tão ruim assim? – perguntou com os olhos fixos nos meus horários.

–Não, é só que eu... Não gosto dele.

–Vamos ter aulas de história, duas aulas. Depois... Religião: três.

Parei de mexer nos livros e olhei para ela.

–Três aulas – balancei a cabeça em negação – Não deveríamos ser obrigadas a isso.

Equilibrei todos os livros no braço esquerdo, coloquei minha bolsa com o laptop e, com a direita tranquei a porta e coloquei a chave no bolso.

–A sua sorte é que temos as aulas juntas, vou te dar uma ajudinha com isso – ela fez um sinal abrangente com as mãos – Mas, agora, eu vou ter que... Falar com a diretora. Desculpe-me por deixá-la sozinha, mas é muito importante.

–Tudo bem, eu posso me orientar se tiver alguma dificuldade de encontrar a sala de aula.

–Eu te vejo no segundo tempo, é só seguir por aqui – ela indicou um extenso corredor –, e não vai ter problemas.

–Obrigada.

Ela desapareceu na escuridão do corredor ao lado. Andei na direção indicada por Kaitlyn e encontrei um bando de gente com um extenso corredor de salas. Todos conversando e rindo.

Olhei para o lado e vi um garoto de cabelos pretos, usando roupas completamente pretas – assim como todos ali –, e óculos de lentes escuras. Ele estava sentado numa cadeira, no meio do corredor, com os pés apoiados numa outra cadeira, lendo um livro.

–Com licença – disse.

Ele levantou a cabeça, tirou os óculos e fechou o livro – *Sob a redoma*. Sua expressão indicava que eu não era digna para que ele fechar o livro e dedicar um terço de sua atenção a mim.

–Pode-me dizer onde fica a sala 18?

–Pergunte a alguém que se importe com essa merda – disse e voltou a ler o livro. Balancei a cabeça, meio perturbada.

Andei dois metros antes de ver um velho – que eu julguei ser um professor.

–Com licença – disse e ele se virou – Aqui é a sala 18?

–Sim, é Katie Afternoon? – perguntou.

O velho estava usando suéter verde e uma camisa xadrez vermelha por baixo. Ele ajustou os óculos redondos – iguais aos do HP – e apertou os olhos.

–É.

–Sou Mark Collins. Entre.

Entrei e me sentei na penúltima fila. A sala era pequena e não tinha muito mais que umas doze pessoas. O Sr. Collins olhou para a sala, depois para o lado de fora e falou com alguém: –Não vai participar da nossa aula, Sr. Walker?

Meio segundo depois, aquele garoto que eu tinha visto no corredor, entrou na sala.

–Tire os óculos – pediu.

Ele tirou os óculos e enfiou na camisa. Seus olhos eram de um tom incrivelmente preto.

–Sente-se lá atrás – disse Collins –, com a Srta. Afternoon.

Ele olhou para mim e eu desviei os olhos para os livros. Ele se sentou ao meu lado e passou a mão pelo cabelo.

O professor abriu o livro e olhou para todos nós.

–Bem-vindos a mais um ano letivo na Doom, espero que todos gostem do que vem por aí para que sintam que estão em uma escola normal.

–Isso daqui está longe demais de ser uma escola normal – murmurou o garoto ao meu lado. Ignorei-o, por infantilidade, assim como ele fez

comigo no corredor.

Uma folha de papel pousou na minha mesa e uma garota que estava sentada atrás de mim, murmurou, inclinando-se à frente, quase ao meu lado: –Kaitlyn me pediu para entregar isso pra você.

Estava escrito o meu nome do lado de fora da folha de caderno. Pensei quando ela tinha escrito isso, antes de eu chegar, ou quando a diretora pediu licença da sala?

Aqui vão algumas instruções para viver aqui:

- 1. Não seja legal demais com NINGUÉM.*
- 2. Não converse com Ian Walker.*
- 3. Não seja muito Nerd (porque você tem cara)*
- 4. Não dê mole para os garotos bonitos, são babacas.*
- 5. NEM PENSE EM FALAR COM O IAN, ele é um idiota.*
- 6. Se o fizer, vai se arrepender eternamente.*

Se seguir essas instruções consegue sobreviver até o segundo tempo sem mim.

Beijinhos, Kaitlyn!

Tarde demais, pensei. Dobrei o pedaço de papel e coloquei no bolso. Eu iria conseguir passar por ali, tudo o que eu tinha que fazer era aguentar o Sr. Collins falando sobre a Guerra de Secessão. Dei uma olhada em Ian, que me encarou por meio segundo antes de desviar o olhar.

Fundo demais

— Você conseguiu — disse Kaitlyn.

—E você disse que estaria lá no segundo tempo, mas não estava — olhei para ela, tentei ser sarcástica, mas ela me deu um sorriso triste e melancólico.

—Desculpe, é que minha reuniãozinha com a Martin durou mais tempo do que eu gostaria, ou mais do que planejei. Você vai sair?

Entrei no banheiro e coloquei meu maiô preto e um shortinho azul curto de ginástica.

Kaitlyn olhou no relógio.

—Já são quase oito — disse ela.

—É.

—Tem alguma novidade da aula de hoje?

—O professor passou um ensaio sobre a Guerra de Secessão para entregar semana que vem.

—Em dupla, apostou.

—É, e ele sorteou as duplas.

—E com quem você ficou? — pareceu curiosa.

—Ian Walker.

Kaitlyn descruzou as pernas, se ajoelhou na minha cama e apoiou as mãos em meus ombros de modo dramático.

—Deus te dê sorte, Katie.

—Por fãla tão mal do cara? — perguntei e abri a porta.

Ela saltou da cama e veio atrás de mim quando tranquei o quarto e andei pelo corredor.

—Porque ele é o diabo em pessoa. Ele, tipo, odeia todo mundo só por existir.

—Tanto faz, porque eu estou sendo obrigada a fazer isso. Só para que você se lembre.

—Está indo pra piscina?

—É, eu meio que gosto de água, ajuda a pensar.

—Você pode ser punida se ficar rodando por aí depois das oito.

—Eu não me importo.

—Sabe, ao menos, onde fica?

—Eu já aprendi onde fica muita coisa enquanto você não estava.

—Tudo bem, mas cuidado para não ser pega.

Ela sumiu na escuridão do corredor e eu caminhei pela escola quase que completamente escura, mesmo com lâmpadas espalhadas por todo o canto. Saí por uma porta lateral e uma lufada de um vento quente bateu no meu rosto, o que não era exatamente o que eu estava procurando. Eu queria ar, poder respirar livre e calmamente como eu podia fazer seis meses atrás. Andei um pouco pela grama seca e amarela do campus e fui até a piscina. Precisava de água, precisava literalmente esfriar a cabeça.

Tirei meu short e deixei-o na beirada na piscina, que era extremamente grande e cercada de dois lados por arquibancadas, e eu me perguntei se ali tinha alguma competição. Sem fazer muita pose, ou planejar, saltei na água. Então, tudo começou voltar, não tudo, mas ao menos uma parte do que poderia me salvar daquele inferno. O fogo queimando a casa enquanto eu estava na cozinha. Como eu odiava aquelas pessoas. Eu tive coragem de dizer pra todo mundo que, se a casa não tivesse pegado fogo, eu mesmo os teria matado, o que foi pura estupidez. Já que era tudo que Henrickensen precisava para me mandar para um reformatório. Então, eu comecei a me lembrar. Minha pele pegando fogo. Eu estava afundando cada vez mais. E daquela vez, talvez não tivesse volta.

Todos os pedaços soltos começando a se encaixar perfeitamente um no outro. Eu, fingindo que gostava daquelas pessoas idiotas. Ellen sorrindo, enquanto tentava, ou fingia fazer torradas e Ben tomando café. Eu me virei para pegar uma forma e colocar mais torradas...

Um par de mãos me agarrou pela cintura e me puxou de volta a superfície e me colocou sentada na beira da piscina. Eu mal conseguia respirar, então olhei para ver quem me puxou.

–Ian – exclamei enquanto tossia e a água saía dos meus pulmões – Qual o seu problema?

–Estava se afogando, e eu te salvei. Desculpe-me por isso – ele levantou os braços acima da cabeça em sinal de rendição.

Meus pés ainda estavam dentro d’água. Levantei-me, com certa dificuldade, que tentei ao máximo esconder daquele garoto estupidamente presunçoso.

–Não é porque vamos fazer um trabalho idiota, você pode ficar me seguindo pelos corredores.

–Eu não estou te seguindo, só não consegui dormir e vim dar uma volta. Pensei que estivesse se afogando. Minhas mais sinceras desculpas... se estava enganado – ele pegou o tênis e desapareceu na escuridão da noite.

–O que está rolando entre você e Ian? – perguntou Kaitlyn dando uma mordida no hambúrguer.

–Nada. Por que vive falando mal dele, hein?

–Ele é um antipático – ela tomou um gole do refrigerante e eu comi um pedaço da minha pizza – E ele também não fala com ninguém, não tem amigos.

–Ah, não é o que parece – disse apontando para a mesa que Ian estava. Uma garota chegou por trás de Ian e bagunçou o cabelo dele. Ela tinha os cabelos loiros longos, era muito magra, estava usando jeans preto, blusa branca e chapéu de feltro.

–Ela é irmã dele, Jo Walker.

–Ah, claro – virei-me para Kaitlyn – Como eles vieram parar aqui?

–Eu não sei – ela deu de ombros – Mas sei que o sinal vai tocar em 20 segundos.

Ela jogou o guardanapo na bandeja e levantou, assim como eu.

–Eu tenho que pegar meus livros – disse Kaitlyn quando chegamos a alguns metros da sala.

–Tudo bem.

–Eu volto daqui dois minutos. Não se sente muito na frente, guarde

um lugar pra mim. Vamos ler Romeu & Julieta hoje.

–O quê? – perguntei, mas era tarde demais, ela já tinha desaparecido no corredor.

Entrei na sala e coloquei minha bolsa e os livros numa mesa assim que me sentei. Olhei para a porta esperando Kaitlyn.

–Oi – me virei e Ian estava sentado na cadeira ao meu lado.

–O que faz aqui? – perguntei.

–Estudando – o modo como ele, pronunciando cada letra como se fosse uma palavra fez com que eu me sentisse uma retardada por ter perguntado, então reformulei a pergunta.

–Não na sala, aqui do meu lado?

–Bem, nós temos um trabalho pra fazer caso não se lembre... – Kaitlyn entrou na sala um segundo depois do professor.

–Todos sentados – disse o professor.

–É – murmurou Ian esticando as pernas – Parece que vai ter que ficar sentada aqui comigo.

–Hoje, vamos fazer uma leitura em voz alta de Romeu & Julieta. Alguma dupla quer começar? – dois homens chegaram com dezenas de exemplares de Romeu & Julieta e colocaram na mesa do professor. Saíram e o professor colocou os livros nas mesas e os alunos foram repassando uns para os outros.

–O que acha de começar, Srta. Afternoon? – perguntou o professor ajeitando os óculos em seu rosto.

–Claro – respondi – Qual página?

Ele caminhou até mim e me entregou seu próprio exemplar aberto em uma página que eu sequer olhei qual era, com um trecho marcado.

–Amor é uma fumaça – comecei –, que se eleva com o vapor dos suspiros; purgado é o fogo que cintila nos olhos dos amantes; frustrados – fiz uma pausa e olhei para Ian – é o oceano nutrido das lágrimas desses amantes. O que mais é o amor? A mais discreta das loucuras, fel que sufoca, doçura que preserva.

Todos aplaudiram. Inclusive Ian, que me lançou um olhar de flerte.

–Quer ser o próximo, Sr. Walker?

–Sem problemas.

O professor passou algumas páginas e entregou-o a Ian.

–Ah, ela ensina as tochas a brilhar! Parece estar suspensa na face da noite, tal qual joia rara na orelha de uma etíope; beleza incalculável cara demais para ser usada, por demais preciosa para uso terreno!

–Ótimo. Quero agora que escrevem o que acharam sobre o livro. Ou mais alguém gostaria de ler?

Todos abaixaram a cabeça e abriram os cadernos.

–Relaxa, linda. Vai ter que me aturar por mais duas aulas – disse Ian.

–Não me chame de *linda*.

Ele tirou uma mecha do meu cabelo do meu rosto e eu dei um tapa na mão dele.

–Como veio parar aqui? – sussurrou.

–Não é da sua conta – comecei a escrever. Ian abriu o caderno e começou a rabiscar alguma coisa na margem. Com certeza não era sobre o sublime amor de *Romeo and Juliet*.

Depois de um minuto ele levantou a cabeça.

–O que Kaitlyn te disse sobre mim? – perguntou.

–Ah... – dei um risinho malicioso – Quase nada, só que você é meio antipático. Nada de mais – voltei os olhos para o meu caderno e ele se aproximou mais de mim.

–Todos aqui são loucos e delinquentes, não ligue para o que eles te falam.

–É. Inclusive... tem um louco bem ao meu lado.

–Bem colocado. E, mais uma coisa, todos só dizem isso de mim por que eu não tenho muitos amigos...

–Não tem nenhum além da sua irmã.

–Então conheceu a Jo? – ele sorriu.

–Não exatamente. Por que?

–É que... se conhecer não vai gostar dela. Acredite em mim.

–Por que fala mal da sua própria irmã? – parei de escrever e olhei para ele.

–Eu a amo, mas ela é muito, *muito* má.

Duas torturantes horas depois, no fim da aula, Kaitlyn estava me esperando no corredor.

—Agora tem que me contar exatamente o que ta rolando com você e... ele — ela fez um sinal e eu olhei para trás, onde Ian estava.

—Nada.

—Nada? Não parecia nada, do jeito que vocês dois leram aquela coisa de Romeu & Julieta...

—Chega de insinuações sobre Ian e eu. É quase nojento se ele não fosse *tão bonito*, mas... não. Você não tem outra coisa pra fazer? Quer dizer, não que eu não goste da sua companhia, eu gosto, mas você deve ter outras coisas pra fazer, além de ser minha quase guia turística que abandona os turistas quando...

—Ta, entendi. Ta brava por ontem.

—Eu não estou. Tudo bem, mas... Namorado, amigos...

—Não tenho namorado, tenho um monte de amigos. — ela olhou o relógio enquanto andávamos em direção ao campus — Tenho que falar com a diretora agora. De novo. Quer dizer, daqui a pouquinho. O que vai fazer agora? Aproveitar a tarde ensolarada?

—Como é que é? Tarde ensolarada? Isso está mais pra sol entre nuvens. E nublado.

—É o máximo que vai ter por aqui — disse Kaitlyn.

—Eu estou acostumada a sol, eu não posso viver aqui.

—Mas... você é branca, quer dizer, não do jeito que as garotas normais são, mas branca demais, não vai sentir tanta falta assim.

—É que na maior parte do tempo eu não tenho tempo. E voltando ao assunto da conversa, pra onde eu vou...

—Ah, sim, sim. Fale.

—Ontem, enquanto vagava por ai, sozinha. Eu entrei na floresta e vi umas pedras, eu fui até lá e encontrei um lago.

—O lago. Já fui lá uma vez.

—Então, Nos vemos mais tarde? — perguntei.

—É. Eu passo no seu quarto, então. Às seis, pode ser?

—Pode.

O vento quente no meu rosto era cada vez menor, conforme eu entrava na floresta. Sentei aos pés de um velho carvalho de frente para o lago. Finalmente eu podia respirar outra vez. Dois dias e estava me sentindo consumida por todo aquele lugar. Estava tão perto, mas ar livre parecia nem existir. Fiz alguns deveres que os professores passaram. A maior parte do tempo eu fiquei observando a água que cintilava sob o sol, às folhas das árvores caindo. As copas das árvores se agitando ao vento. Quando já estava escurecendo, alguém se sentou ao meu lado. Virei para ver quem era e soltei um gritinho agudo e insuportável: –Ian.

–Oi.

–Está me perseguindo? – perguntei.

–Não, na verdade eu venho aqui toda tarde – ele sorriu.

–Ah. Claro.

–Eu estou falando sério, venho aqui todos os dias, é onde eu posso respirar. Mas hoje, especialmente, eu vim aqui te fazer uma proposta e tem a ver exatamente com o que você disse.

–O que eu disse...? – perguntei.

–Que eu estou te perseguindo.

–Então, você vai continuar me perseguindo, ou largar do meu pé?

–Sim e não. Vai conseguir se livrar de mim. Definitivamente.

–Estou ouvindo – disse cruzando os braços.

–Katie – começou – Eu não sou tão ruim quanto você pensa – ele se virou um pouco mais para me olhar nos olhos – Não tenha medo de mim.

Agora eu estava com medo dele. Ele estava mais perto. Tão perto que podia sentir o cheiro do seu perfume. Parei de respirar. Sua boca estava tão perto da minha que me deixava tonta.

–Você faz isso com todas as garotas novas?

–Isso o quê? – Ian deu um meio sorriso.

–Tenta seduzi-las – disse.

–Não. Você é especial.

–Então está mesmo tentando me seduzir? Sempre funciona para você?

–Em parte. Não tem ideia do quanto me atraí por você quando veio falar comigo no corredor ontem.

–Por isso foi tão mal educado ou... – afastei-me dele – Sempre é tão mal educado com as pessoas que nunca viu? – ele de um sorriso irônico e se afastou um pouco quando percebeu que meu rosto estava vermelho.

–Eu estou abrindo meu coração e você me vem com quatro pedras na mão? – ele sorriu.

–Pare de joguinho, Ian – massageei as têmporas e levantei a cabeça – O que você quer de mim?

–Quero te fazer uma proposta como eu disse.

–Então diz logo o que é.

–Fica comigo por uma semana e se você quiser nunca mais falar comigo, está tudo bem pra mim.

Ergui a sobrancelha.

–Eu não estou falando de *ficar* comigo, estou falando de ser minha amiga. É tudo que eu quero de você.

–Eu vou pensar – coloquei a bolsa no ombro, quando ia levantar Ian já estava parado ao meu lado, me estendendo a mão, que eu relutantemente aceitei.

–Quer fazer o trabalho agora? – ele perguntou com um sorriso jocoso.

–Podemos deixar pra amanhã. Não estou me sentindo bem.

–Claro que podemos deixar para amanhã.

–Obrigada – disse caminhando de volta ao colégio.

–Tenha bons sonhos, Katie.

Quebrando regras

— Ian e você estão juntos. Sei disso — insistiu Kaitlyn — Você o defende. E dá pra ver no modo como olha pra ele e ele olha pra você.

—Como? — perguntei curiosa.

—Esses olhares e sorrisos lascivos que vocês trocam quando se veem. Como... um beijo mental.

Sorri.

—Isso é ridículo, Kaitlyn. E paranoico — disse enquanto caminhávamos até a aula de Inglês.

—Eu trabalho no escritório da senhora Martin e ela sai sempre para resolver assuntos importantes.

—E...

—Ela não se dá muito bem com computadores e pediu para eu fazer umas coisas pra ela.

—Que tipo de coisas?

—Primeiro trabalho do dia de ontem na diretoria: atualização de horários no sistema. Ian mudou os horários dele, quase todos. Parece que você terá mais aulas com ele.

—O que estava falando com o Ian no primeiro tempo? — perguntou Kaitlyn quando saímos da última aula. Uma das únicas na qual Ian não estava.

—Sobre o trabalho de história — menti —Eu tenho que ir — disse olhando as horas. Já estava atrasada.

Quando Ian disse pra eu ir me encontrar com ele não deduzi que deveria matar a última aula. Ele disse para eu encontrar ele no *nosso lugar*, através de um bilhete que uma garota me entregou no terceiro

tempo, depois de ele, magicamente desaparecer, eu nem ao menos sabia que tínhamos um *lugar*, mas deduzi que fosse no lago. Passei no quarto para colocar os livros e fui até lá quase correndo.

Vi Jo ao invés de Ian.

–Como você é bobinha, sabia que ia cair – disse ela – Mas até que não é feia, meu irmão sabe escolher bem.

Aquilo era um elogio?

–O que você quer comigo? – perguntei cautelosa, porém.

–Eu quero... – ela se aproximou a uma distancia nada segura.

–Simples – ela olhou para baixo. Havia um penhasco de, aproximadamente, trinta metros e o lago no fim – Eu só não a quero por perto. E quando digo *perto* estou me referindo a Ian.

Ela fez menção em me tocar à beira de um penhasco, aquilo não parecia muito... seguro, e poderia ter feito porque eu estava muito perto dela, perto demais, mas Ian chegou no exato segundo e me segurou.

Sem dizer uma palavra ele me levou de volta até o colégio, como se a irmã dele não fosse uma psicopata que quase me jogou de um penhasco.

–Você está bem?

–Bem? – larguei-o de modo brusco – Tirando o fato de sua irmã maluca ter tentado me matar?

–Todos nós somos um pouco malucos.

–Então você também sai por aí querendo assassinar pessoas?

–Não, mas segundo sua ficha de matrícula é o que você fez para vir parar aqui – disse ironizando esse fato.

–Andou revirando minha ficha? – coloquei a mão gelada sobre a testa.

–Não exatamente. Eu não faço esse tipo de coisa. É muito baixo – ele sorriu e chutou a grama.

–Por que sua irmã não me quer perto de você? – tentei retomar ao assunto principal da conversa, antes que ela tomasse outros rumos.

–Ela é meio maluquinha mesmo. Não ligue pra ela – disse em tom descontraido – Ignore-a.

–Foi o que eu fiz, mas parece que ela não quer me ignorar tanto quanto eu quero ignorá-la.

–Ainda vamos fazer o trabalho de história – ele chutou a grama e olhou para mim – Quer dizer, você aceitou a minha proposta.

–Infelizmente, eu tenho que fazer a droga do trabalho com você. Com ou sem proposta.

Caminhamos à passos largos até a biblioteca da escola. Havia uma sessão inteira com livros sobre a Guerra de secessão.

–Não vamos terminar isso nunca. São tantos livros... – dei um suspiro de frustração e puxei o livro mais próximo.

–Se olho para essas lajes, vejo nelas gravadas as suas feições! Em cada nuvem, em cada árvore, na escuridão da noite, refletida de dia em cada objeto, por toda a parte eu vejo a tua imagem! Nos rostos mais vulgares dos homens e mulheres, até as minhas feições me enganam com a semelhança. O mundo inteiro é uma terrível testemunha de que um dia ela realmente existiu, e eu a perdi para sempre.

–Heathcliff? – perguntei levantando debilmente os olhos do livro.

Ele assentiu e pegou outro livro. A biblioteca estava em um incômodo silêncio. Não havia mais pessoas, senão eu, Ian, e a bibliotecária – que parecia tão absorta em um livro, que nem devia ter notado quando entramos – e uma garota que lia um livro perto da porta. A biblioteca era grande demais para ter apenas quatro pessoas.

–Você não tem cara de quem lê esse tipo de livro. Piegas demais, eu diria – recoloquei o livro no lugar e procurei outro.

–Qual a sua opinião à respeito de Heathcliff e Catherine? Acha que deveriam ter ficado juntos?

Dei de ombros.

–Nunca tive um pensamento mais amplo que o contexto, mas é um bom livro. Não faz aquele gênero água com açúcar de Shakespeare.

–Aceito. Está certa em não tentar dar-lhes um final imaginário que só existiria na sua cabeça.

–Nunca lhe confessei abertamente o meu amor, mas se é verdade que os olhos falam – seus olhos encontraram os meus, me fazendo hesitar pelo terço do que seria um segundo, mas continuei –, até um *idiota* teria percebido que eu estava apaixonado.

–Eles não têm medo de nada, juntos desafiaram satanás e todas as

legiões – disse com um sorriso débil. Virei-me e fingi que estava procurando algo para o trabalho, mas não estava nem um pouco interessada em fazer trabalho algum. Não mais.

–Tu que me amavas, que direito tinhas então de me deixar?

–É a sua favorita?

–Está me subestimando?

Ele deu ombros e pegou um livro para o trabalho.

–Há melhores frases – foi tudo que disse.

–Quais, por exemplo?

Estava tentando me esforçar para prestar uma atenção, nem que fosse mínima em estudar e fazer um trabalho. Ele pensou por meio segundo.

–Se o amor dela morresse, eu arrancaria seu coração do peito e beberia seu sangue.

–Cruel e trágico. Assustador, até – baixei o tom de voz ao perceber que estávamos falando muito alto e as duas únicas pessoas além de nós estavam nos observando débil e atentamente.

–Gosta de algo mais – ele ficou atrás de mim e envolveu meu corpo com seus braços quando se alongou para pegar um livro que nada tinha a ver com o tema do trabalho, abrindo-o numa página qualquer; me virei e percebi que ele estava mais que próximo de mim – romântico? – ele levantou os olhos do livro para mim e arqueou a sobrancelha.

Dei de ombros e continuei andando pelos corredores repletos de prateleiras de livro de todos os gêneros que existiam. De Edgar Allan Poe às irmãs Brontë.

Puxei um dos livros de uma das prateleiras.

Carrie, a estranha, de Stephen King.

Sorri.

–O que foi? – indagou Ian.

–Eu lembrei de quando te vi, no corredor – lembrei levantando os olhos para ele – Estava lendo *Sob a redoma*.

–Parece fazer muito tempo – disse.

–Foram só três dias.

–Parece que te conheço a vida toda – ele olhou para mim. Seus olhos negros poderiam enxergar o fundo da minha alma enquanto eu tentava

parecer completamente alheia e desinteressada com qualquer coisa que ele pudesse dizer ou qualquer sentimento que desencadeasse em mim.

—Eu quero te levar num lugar — ele tomou o livro que eu estava olhando e recolocou na prateleira.

—Que lugar?

—Não faça perguntas. Apenas me siga.

Segui-o até sairmos da biblioteca, depois ele começou a andar rápido e tive que usar toda minha energia para conseguir acompanhá-lo.

Ele parou um pouco antes quando chegamos ao final das propriedades da escola.

—Queria me trazer aqui? — sorri arfando.

—Um pouco mais para lá — ele apontou para uma árvore, mas não era exatamente para a árvore que ele estava apontando, e sim para a lápide.

—Está com medo? — provocou. Acompanhei-o mesmo sem saber bem o porquê.

Ian se sentou ao lado da lápide de uma forma assustadoramente confortável. Ele me puxou quando meu olhar passou de ponderador à negação.

—Vem logo, Katie. Não tem medo de fantasmas, tem? — arriscou.

Balancei a cabeça com segurança.

—Não — encostei meu corpo junto à árvore, que eu tinha quase certeza que era uma magnólia.

—Então, do que você tem medo, Katie? — perguntou com ar sério desviando os olhos do horizonte e da lápide para mim. Ele tirou os óculos. Poderia jurar que alguns minutos atrás seus olhos eram negros como a densa escuridão da noite, mas agora eram de um extraordinário tom de verde acinzentado.

Mesmo parecendo estranho não comentei nada. Poderia ser loucura minha e eu estaria sendo razoável. Afinal, eu estava com ele o tempo inteiro e por que ele usaria lente com olhos como este? Eu simplesmente não conseguia pensar direito em nenhuma resposta que pudesse convencer a mim mesma.

—A emoção mais forte e mais antiga do homem é o medo, e a espécie mais forte e mais antiga de medo é o medo do desconhecido.

–H. P. Lovecraft – disse Ian arrancando um punhado de capim que crescia em torno da lápide. Virou-se para mim, numa ponderativa expressão; avaliando-me – Você quer dizer que sente o mesmo medo que outras pessoas, ou quer mudar de assunto?

–Eu quero dizer – inclinei-me para ler o nome que estava escrito na lápide – que... Lovecraft estava certo quando o afirmou.

Ele deu de ombros.

Mesmo estando um pouco longe da escola, deu para escutar quando um barulho terrível, porém, que eu não conseguia definir o quê se fez ouvir de onde estávamos.

–É melhor irmos. Antes que alguém perceba que saímos do colégio – disse calmo e despreocupado com o que quer que pudesse ter causado a explosão ou simplesmente um barulho estranho.

Começou a chover, sem que o céu ter dado algum sinal de que fosse chover. Primeiro fino e depois aumentando sua intensidade, até se tornar uma chuva torrencial. Andamos de volta para o prédio do alojamento. Provavelmente todos os alunos estavam na porta com cara de quando acontece alguma tragédia. Ian começou a rir do nada, apenas com um rápido olhar em mim.

–O quê? – olhei para ele, com olhar repreensivo, mas logo percebi o porquê de ele estar sorrindo.

–Ah meu Deus – cobri o corpo quando percebi que minha blusa estava transparente.

–Você não pode ir para o seu quarto, todos vão te ver. Vem – ele me puxou por uma mão e me fez andar rápido atrás dele.

–Para onde está me levando? – gritei por cima do barulho da chuva.

–Para o meu quarto. É mais perto.

Passamos pelo campus vazio e entramos em um prédio, que parecia mal assombrado de tão silencioso.

Passei a mão pelos cabelos molhados e segui Ian pelos corredores.

Ian tirou uma chave do bolso, tirou uma chave e abriu a porta com o nome dele, impresso com letras lustrosas:

IAN WALKER

–Ian – ele se virou quando ia empurra a porta. Ian ergueu a sobrancelha e tomei outro susto ao constatar que seus olhos haviam mudado de cor novamente. Agora para dourado escuro.

–Sim, Katie – disse pacientemente como um professor trata uma criança de cinco anos.

–Esqueça – balancei a cabeça e ele abriu a porta.

Era um quarto relativamente normal. Não havia nada que o tornasse único; além de ser o quarto de Ian. Nenhuma característica peculiar. Não havia muitas coisas pessoais, além de um perfume que me lembrava algo bastante velho, mas singular ao mesmo tempo. Havia também uma cômoda, um pequeno guarda-roupa e alguns sapatos no chão, mais que perfeitamente arrumados, que não deixava eu me lembrar de mais ninguém.

Ian era único.

Era como se minha memória se esvaísse quando seus olhos, fossem a cor que fossem encontravam-se com os meus. Era impossível de resistir ao seu olhar. Ele abriu o guarda-roupa, tirou um moletom e jogou para mim.

–Isso deve servir em você – disse com um sorriso, como se estivesse que eu fosse tirar minha roupa molhada e vestir-me na sua frente – para aquecer também, você deve estar com frio.

–Vire-se para eu me trocar – disse.

–Ok – ele se virou – Eu prometo que não vou olhar você tirar a roupa na minha frente.

Tirei a jaqueta, a blusa e coloquei o moletom. Era confortável, ainda mais porque tinha o cheiro dele, misturado à uma agradável nota amadeirada.

–Pode virar – disse.

Ele pegou a blusa molhada da minha mão e atirou na lata de lixo: –Ian – disse com a voz débil enfraquecida pelo frio que me consumia até a

alma.

–Livrando você das provas do crime – ele sorriu e minha tensão se esvaiu – Ta com fome?

–Um pouco, mas deveríamos fazer a pesquisa – ele virou-se para olhar alguma coisa pela janela.

–Não se preocupe com isso, Katie – ele virou-se. Seus olhos eram cinzentos com um toque castanho – Temos todo o tempo do mundo.

Histórias para dormir

— Para onde está me levando? – perguntei enquanto andávamos.

—Para o seu quarto, Katie.

—Recite alguma coisa para mim – disse repentinamente a primeira coisa que me veio à cabeça.

—*Eu era um garotinho, que amava uma mulher como se fosse uma menininha.* É Ron Pope.

Pisquei tentando me livrar do efeito hipnotizador que ele tinha sobre mim, mas era demasiadamente bom para eu querer que parasse.

—Algum problema, Katie? – perguntou Ian sem parar de andar. Era como se ele pudesse sentir meu péssimo estado de espírito.

—Não – menti.

—Quer que eu veja se ainda tem alguém lá, antes de te levar. Você pode querer não ser vista comigo.

—Não precisa – respondi enquanto dávamos uma volta ao invés de ir pelo caminho mais curto. Mas Ian deveria estar certo, para que ninguém nos visse saindo juntos do quarto dele.

Escoreguei e Ian me segurou antes que eu caísse. Ele segurou minha mão por meio segundo a mais do que o necessário para me puxar de volta. Os olhos dizem que são as janelas da alma e eu diria mais, diria que são também as vitrines do coração, pois como diria Heathcliff os olhos falam por você, quando não se tem coragem de exprimir em palavras o que sente, apenas pensamentos.

Ele me colocou de pé e se inclinou com graciosidade até um ramo de freesias lilás brancas.

—Linda, pequena e delicada – ele pegou minha com delicadeza e depositou a flor nela – Me lembra você.

Ele se inclinou um pouco mais e pude ver que seus olhos eram negros outra vez.

–Katie Afternoon – sua voz era carregada de ternura, ergui a sobancelha e esperei que ele falasse – Acho que tem uma coisa que eu preciso te falar.

–O que é?

–Não agora. No fim de semana. Eu preciso de tempo. Não é uma coisa fácil.

–Você está me preocupando – ele se afastou e virou-se, continuando à andar e eu segui-o – Eu devo me preocupar?

–Não. Não por enquanto – ele me ajudou a subir. Pude ver as pessoas ainda amontoadas em grupos conversando alguma coisa que parecia ser incrivelmente importante.

–O que pode ter acontecido para estarem todos aqui?

Ian deu de ombros.

–Alguém teve um surto a ponto de tentar fugir – ele se virou para encarar-me novamente e vi em seus olhos uma faísca, mesmo que rápida – uma mistura de medo com esperança.

–Eu te vejo mais tarde, no jantar? – seu olhar era parte hesitante, parte determinado. Pensei em dispensá-lo e dizer que estava sem fome, mas meus instintos falavam mais alto do que eu.

–É. Nos vemos mais tarde – respirei fundo e andei para longe dele, em direção ao meu quarto. Enfie as mãos nos bolsos da roupa. Tinha o cheiro dele. Estava grudado lá e seu olhar impregnado em mim. Uma tentação se apossou de mim no instante em que o vi naquele corredor. Quando ele tirou os óculos e vi seus olhos e quando ele tirou os óculos novamente esta tarde e seus olhos eram de uma cor diferente.

Andei à passos largos até meu quarto. Quando cheguei até a porta percebi que havia deixado a chave dentro da minha jaqueta que havia esquecido no quarto de Ian.

–Droga – murmurei.

Fui correndo até o quarto de Ian. Não estava mais chovendo, estava

apenas caindo uma fina e fria garoa. Fiz menção de bater à porta, mas ouvi a voz dele do corredor. Ele estava atrás de uma máquina de refrigerantes, falando ao telefone.

—Elijah — disse calmamente — Não acredito que ela esteja pronta ainda. Foi pouco tempo, eu não estou acostumado à fazer... Esse tipo de tarefa. Mas vai dar tudo certo, eu lhe dou minha palavra — ele sorriu, mas não com felicidade — Katie é linda e... envolvente, mas eu só pretendo me envolver nisso até certo ponto, se é que me entende.

Ele balançou a cabeça e despediu-se sem nenhuma cordialidade, pelo que pude entender, desligando o telefone na cara de quem quer que fosse do outro lado da linha. Saí do prédio e voltei depois de alguns segundos. Ele ainda estava na porta do quarto.

—Ian.

—Você está bem?

—Sim. Eu... esqueci minha jaqueta no seu quarto.

Ele olhou o corredor e quando olhou para mim novamente seus olhos eram frios como uma pedra de gelo.

—Entra — ele abriu a porta.

O quarto estava exatamente como antes, ele nem devia ter entrado lá. Peguei minha jaqueta e virei-me para sair, mas Ian segurou meu braço.

—Espere — disse com a voz suave — Eu vou com você.

—Não precisa — disse soltando-me do seu braço.

—Eu faço questão. Eu ia pro até o refeitório. É meio caminho.

Dei de ombros.

—Claro — ele trancou a porta e me acompanhou em silêncio até o meio do campus, onde ele foi para um lado e eu para outro.

Joguei-me na cama quando cheguei até o quarto. Tirei a camisa de Ian e entrei no banheiro. Tomei um banho rápido. Quando ia pegar um pijama de flanela acabei pegando um maiô, de preferência que cobrisse completamente minhas costas. Coloquei um short e uma jaqueta e dei voltas antes de tirar minhas roupas. Deixei ao lado da piscina e mergulhei fundo. De início a água gelada causou quase congelou meus ossos, mas eles se acostumaram à sensação.

Até na água, lugar onde eu encontrava um estranho refúgio antes, agora

só fazia com que eu pensasse em Ian. O que era no mínimo incômodo. Queria tirar ele da minha cabeça, mas ele estava lá e não queria sair. Como uma tatuagem que ficava gravada na minha mente, e era impossível apagar. Ou ao menos, não de uma vez. Mergulhei fundo e mantive-me dois minutos dentro da água antes que precisasse sair para respirar. Estava tudo tão escuro que a escola parecia mal-assombrada. Saí da piscina e sequei meus cabelos. Coloquei o short e andei pelo campus no frio acolhedor da noite.

Esfreguei as mãos nos braços e andei até o meu quarto. Abri a porta e fechei a porta. Coloquei um pijama de flanela e me joguei na cama. Não queria dormir; não tampouco tinha sono. Peguei um livro na minha cabeceira. *O morro dos ventos uivantes*. Estava bem velho, de tantas vezes que eu já havia lido. Alguns trechos estavam marcados. Meus trechos favoritos. Um marca página estava em uma página que, eu tinha certeza, não estava lá antes. Abri o livro e me sentei na cama. Era meu marcador de páginas favorito.

Se o amor dela morresse, eu arrancaria seu coração do peito e beberia seu sangue.

Com certeza, aquele não era um trecho que marcaria, nem ao menos gostava daquela frase. Era marcante e eu não gostei quando li pela primeira vez.

A última lembrança que eu tinha daquela frase foi quando Ian havia recitado-a para mim. Balancei a cabeça. Claro que não foi Ian. Era impossível. Por que ele marcaria alguma coisa sobre... Morte num livro romântico? E mais ridículo do que pensar nele era pensar que ele entraria no meu quarto. Pensamento patético. Guardei o livro na mesinha de cabeceira e tentei dormir. Tentando fazer a semana passar logo.

Ficando louca

— **K**atie – Kaitlyn me balançou de um lado para o outro na cama –

Eu tenho uma coisa que vai te animar.

Ela balançou um pedaço de papel na minha frente.

Virei-me e tirei o cobertor encarei-a por um segundo, com a sobrancelha arqueada.

—O que é isso, Kaitlyn? – me joguei na cama e passei a mão pelos cabelos para arrumá-los.

—Uma autorização – disse animada. Ela me empurrou para o lado e sentou na ponta da cama – Um dia fora.

—Fora?

—Fora daqui, Katie.

—Isso é impossível.

—Não é.

—Sim, *é muito* impossível – sentei-me e ergui o papel com a assinatura da senhora Martin. Algumas palavras riscadas sob o papel. Devolvi-o a Kaitlyn –, é possível, sim.

—Ta vendo? Vamos sair daqui. Pronta ou não, aqui vamos nós. Anda, Katie, se arruma logo – dei um pulo na cama e corri até o banheiro. Tomei um banho rápido e vesti um vestido azul-marinho até um pouco acima do joelho, de alçinhas e marcado acima da cintura.

—Está lindo. Não. Espera– ela puxou meu cabelo para trás e fez um rabo de cavalo – Prontinho.

Ela me puxou pelo braço e me fez correr enquanto eu colocava uma sapatilha. Ela me empurrou para dentro de um carro que eu nem pude reparar como ele era.

—Kaitlyn, para onde está me levando? Kaitlyn!

—Você vai ver, Katie. Acalme-se.

Ela começou correr e parou em frente à um restaurante/bar, no meio do

nada.

–Kaitlyn, o que diabos é isso?

–Confie em mim – ela abriu a porta do carro para mim e me guiou de modo estranhamente esquisito até a entrada.

Estava vazio.

Fantasmagoricamente vazio.

Havia apenas uma pessoa lá

Um jovem de cabelos dourados e lisos, não muito curto, vestido um terno e gravata e olhos verde acinzentados.

–Elijah – Kaitlyn sorriu. Seus olhos brilhavam quando ele olhou para ela.

–Kaitlyn Deveroux – ele se levantou – Pontual como sempre.

Ele puxou uma cadeira para ela e depois para mim, convidando-me a sentar.

–Está tudo bem, Srta. Afternoon?

Engoli em seco e sentei na cadeira que ele puxou para mim.

–Kaitlyn, o que está acontecendo? – murmurei enquanto Elijah se sentava.

–Confie em mim.

–Estou tentando, K. Estou tentando – balancei a cabeça.

–Deve estar se perguntando o que está fazendo aqui – disse Elijah.

–Sim – disse hesitante.

–Você é especial – disse inclinando-se ficando mais perto de mim do que eu gostaria. Ele me assustava. Arqueei a sobrancelha.

Ele segurou minha mão, como se quisesse lê-la e colocou um anel delicado com uma pedra vermelha. Por que ele estaria me dando aquele anel se nem ao menos me conhecia?

–Deve estar confusa agora, Katie. Claro – ele soltou minha mão quando percebeu que eu estava desconfortável.

–Vem, Katie – Kaitlyn puxou minha mão e as coisas desapareceram de modo instantâneo ao redor. Aparecemos num grande e luxuoso salão com teto altíssimo, com uma mesa e algumas cadeiras que mais pareciam tronos. Um homem estava sentado no centro delas, as outras estavam todas vazias.

–Pensei que jamais chegassem – disse o homem. Elijah não pareceu se importar, mas tudo que eu queria deles era um punhado de respostas sobre o que estava acontecendo ali. Ou o que *eu* estava fazendo ali.

–Katie Afternoon – disse o tal de Angelus.

–Sabe por que está aqui? – perguntou Elijah, eu não conseguia parar de olhar para ele. Seus olhos me hipnotizavam.

–Não – consegui dizer.

–E também não sabe o que é – perguntou Angelus.

–O que eu sou? Isso é uma piada?

–Não. Venha até aqui, Katie – andei até ele. Angelus puxou minha mão.

Imagens passaram na minha cabeça. Coisas do passado, presente e uma coisa meio estranha que parecia ser o futuro. Uma mulher a beira da morte eu coloquei o anel que Elijah havia me dado.

A mulher morreu e passou a poder me ver. Olhou para seu corpo deitado na cama. Os médicos olharam para o corpo e quando viram que não havia mais nada à fazer.

–*Hora da morte 19h07min – disse uma das médicas.*

A mulher olhou para mim.

–Por que?

–Está tudo bem – toquei as costas dela e a mulher pareceu se acalmar – Eu vou te levar agora.

–Para onde?

–Esse é o segredo. Eu não posso te contar, mas vai ver quando chegarmos. Vai ficar tudo bem.

Soltei a mão de Angelus e repentinamente dei dois passos para trás.

–O que é isso? – franzi as sobrancelhas.

–Você é uma ceifadora.

–Você é louco. É obcecado por mitologia grega?

–Não. Você viu. Se não existisse seria impossível.

–Não – balancei a cabeça – Isso não...

–Katie. Você é a escolhida. Sempre foi. Tem mais uma coisa. Eu sei quem são seus pais verdadeiros.

–Está falando dos mesmos pais que me abandonaram na porta de um orfanato quando eu tinha três dias de vida? Desculpe-me, mas eu desconsidero qualquer pessoa que teria coragem de fazer uma coisa dessas.

–Bem – ele se ajeitou na cadeira – De qualquer maneira, é a sua escolha e quanto a isso, eu não posso dizer, nem fazer absolutamente nada.

Parei para pensar por um instante e respirei fundo, mas Angelus falou antes que eu pudesse formar um pensamento mais concreto.

–Eu quero que aceite algo que eu tenho para oferecer a você. Venha aqui quando estiver pronta para mim. Quando estiver pronta para o que eu tenho para te dizer. Até lá fique segura.

–Segura, eu não estou agora?

–Não mais. Elijah cuidará para que fique segura por uns dias.

–Isso é uma completa loucura. Esse tipo de coisa só existe em *Supernatural*.

–Não, é bem verdade. Você é importante – disse Kaitlyn.

–Eu? Não tenho tanta certeza disso.

–Angelus não colocaria Elijah como guarda costas seu ou sei lá o quê se fosse só mais uma deles.

–O que você é?

–Você vai descobrir. Mas não agora. No final. Elijah está te esperando – peguei minha bolsa, meus livros e saí do quarto com Kaitlyn.

Ela foi por um lado do corredor e me deixou sozinha com Elijah.

–Olha, sei que isso é estranho para você tanto para mim, mas... Não temos escolha e se quer fazer isso dar certo tem que tentar – disse enquanto andávamos – Katie, me dê uma chance. Ser obrigada a fazer uma coisa não significa que não pode ser bom. Eu sou melhor do que pensa.

–Ta. Eu vou tentar fazer melhor. Eu vou tentar ser sua amiga, mas tentar não significa dar certo. E é melhor vestir-se como uma pessoa do Ensino médio, não um lorde Inglês da era medieval.

–Eu sou um lorde Inglês da era medieval.

–Mas não estamos mais na era medieval, Elijah. Esse nome também soa estranho. Elijah.

Entramos na sala, estava praticamente vazia. Só Kaitlyn estava lá, mas ela parecia entretida, profunda e intencionalmente feliz lendo o pior livro do mundo. Talvez ela quisesse que Elijah e eu ficássemos amigos. E talvez até eu quisesse ser amiga dele. Sentamo-nos lado a lado na segunda fileira.

–Qual seu cantor favorito? – a sala ainda estava vazia.

–Atualmente, Jamie Cullum.

Dei de ombros.

–Nunca ouvi falar. Qual o estilo musical desse Jamie?

–Jazz contemporâneo. Ele é considerado uma referência na recriação desse gênero, musical.

–Eu posso ouvir qualquer hora dessas e ver se você tem mesmo gosto musical.

A sala encheu de gente e o sinal tocou um minuto depois. O Sr. Collins entrou. Ele nos mandou abrir o livro *Wuthering Heights*.

–Vamos a análise contextual do livro que vocês leram. Espero que todos tenham lido. Todos leram certo?

O professor esperou que todos confirmassem. Só em uma semana deu para perceber que ele era meio fanático pela literatura.

–Alguém gostaria de falar sobre o livro que leu? Ninguém? Bem primeiramente, o livro não se trata necessariamente de um romance, e sim de um amor platônico. O amor *não correspondido* de Heathcliff que sofre por causa de Catherine, que também sofre de amores por ele, mas pensa também em um futuro. Sendo Heathcliff pobre, ele não poderia lhe dar uma boa vida. Então, durante todo livro Catherine fica dividida entre seu amor por Heathcliff e o dinheiro.

–Mas Heathcliff foi um idiota. Ele jamais disse a Catherine que a amava, como ele esperava que esse amor fosse correspondido?

–É uma boa observação, Sr.º Williams. Uma ótima observação, na qual o próprio Heathcliff explica no livro. Ele diz claramente em um trecho do livro que Catherine sabia que ele a amava.

–Eu não acredito que Heathcliff tenha dado a entender em momento algum amar Catherine – argumentou uma garota.

–Essa questão é bastante delicada, que instiga os leitores desde mais de cem anos atrás sobre o amor de Heathcliff e Catherine. É sempre interessante ouvir opiniões diferentes – olhei para trás, para ver a garota e pude sentir os olhos de Ian em mim.

–Catherine, em minha opinião também não o amava. Ela só pensava em dinheiro. Por isso não se casou com Heathcliff, mesmo gostando dele, ou menos um pouco que fôsse.

–É um bom argumento Williams. Qual o tipo de literatura favorita de vocês?

Ele deu a volta na mesa e se sentou atrás da mesa.

–Tragédia grega – Ian e Elijah disseram em uníssono.

–O que acham de *Romeo & Juliet*?

–Uma droga de livro – resmungou uma garota que estava sentada no fundo da classe.

–Mesmo Srta. Franklin? – ele ajeitou os óculos.

–Sim, Romeu não amava Julieta, ele amava Rosalina, mas como ela nunca quis nada com ele, Romeu deu seu amor à Julieta, mas ele não a amou como a Rosalina.

Todos ficaram discutindo sobre o tolo e tosco amor de Romeu por Rosalina e Julieta até o sinal tocar.

–Quer que eu te leve para um *tour* pela escola, Elijah? – perguntei enquanto andávamos pelos corredores.

–Já conhece bem isso aqui? – ele olhou em volta.

–Mais ou menos – dei de ombros e voltei meus olhos para ele – Eu ando por aí, quando não tenho aula.

–Então, acho que vou aceitar. Não gosto de não conhecer bem onde estou. Eu te vejo depois, então? Depois das aulas?

–Que tal... Agora?

–Você tem aula agora, Katie.

–Eu sei, mas eu estou ficando louca aqui nesse lugar. E eu preciso respirar um pouco de ar fresco.

–Tem certeza, porque eu não me importo com essas aulas idiotas, mas você deve se importar...

–Eu odeio esse lugar. Eu odeio essas aulas. Vem logo.

Saímos do prédio e caminhamos pela grama seca e morta. Os prédios cercavam todo o gramado, os dormitórios, prédios antigos davam um aspecto assustador àquele lugar.

–Esse lugar é... Peculiar – disse Elijah.

–Peculiar... Ta mais pra assombrado, ou alguma coisa assim.

–Katie – Elijah se virou e apoiou os braços em meus ombros.

–Sim.

–Eu preciso fazer uma coisa – ele olhou ao redor – Fique bem até eu voltar, ok?

–Sim, eu vou ficar bem. Eu acho.

–Ótimo – ele desapareceu no ar, deixando-me confusa. Como uma pessoa poderia sumir no ar? – virei-me aturdida e vi Ian vindo até mim, com andar confiante. Ele estava usando óculos escuros, camisa social preta, jaqueta jeans e calça preta.

–Katie Afternoon – disse com um meio sorriso – Eu posso falar com você?

–Está falando – cruzei os braços.

–É importante – ele olhou em volta como se alguém estivesse seguindo ele.

–Fale Ian. Eu não tenho tempo para suas frases enigmáticas.

–Você me conhece, Katie.

–Não o suficiente. Ian, para de enrolar e diz logo o que quer dizer.

–Eu sei que as coisas ficaram meio confusas.

–Meio? – sorri.

–Ta, bastante. As coisas ficaram bastante confusas, Katie, mas é muito mais do que você imagina.

–Está me chamando de burra agora?

–Não. Eu só... só estou dizendo que não pode compreender tudo isso, Katie.

–Por que não me diz o que não consigo compreender sozinha? – perguntei.

–Escuta, Katie – ele segurou meu rosto entre suas mãos frias e chegou mais perto – Não é o que eu quero, nunca foi. É exatamente o contrário, mas você tem que ficar longe de mim.

–Por que?

–Porque é o melhor para você. Eu gosto de você, mas é melhor ficar longe. E eu vou tentar fazer o mesmo. Eu quis te conhecer, mas eu tenho que aceitar que...

–Não estava escrito assim. Mas não quero te magoar. Por favor – ele deslizou os polegares embaixo dos meus olhos quando uma só lágrima decidiu surgir. Ele beijou minha testa.

–A gente se vê por aí, Katie.

–Eu espero que não – disse quando ele estava longe o bastaste para não escutar. Mas eu realmente esperava que nos víssemos. Ou era uma parte de mim que tinha vontade própria. Respirei fundo.

Assuntos interminados

— **D** á pra perceber que ele também gosta de você – disse Kaitlyn.

—Eu não sei – balancei a cabeça – Mas, seu quarto é bonito. Eu acho.

—Sério? Eu acho estranho.

—Não. É legal – disse olhando de um lado ao outro. Havia vários pôsteres, de um lado Avril Lavigne e do outro, Marilyn Manson.

—Isso não... – Kaitlyn balançou a cabeça.

Ela estava sentada na cama em posição de lótus e eu estava em pé andando de um lado para o outro do quarto dela.

—Nada importa, de verdade.

—Ian importa e você se importa com o Ian. Você gosta dele, ele gosta de você – ela sorriu – Vocês foram feitos um para o outro.

—Isso não é bem verdade. Acho que está confundindo vida real com conto de fadas.

—Claro que é verdade – ela se levantou e me puxou pelo braço – Vem, vamos dar uma volta por aí.

Ela olhou pela porta antes de sair, me puxando pelos corredores.

—Kaitlyn, para onde está me levando?

—Só uma volta. Um pouco de ar puro não faz mal a ninguém, Katie.

Ela passou o braço pelo meu e andou em torno dos prédios antigos.

—Então, qual a história desse lugar?

Ela deu de ombros.

—Foi fundada em 1847, era um colégio interno para garotas. Não tem uma história mais interessante. Foi transformada num reformatório em 1916 por Swan Müller, uma mulherzinha *nada* qualquer que foi a diretora daqui.

—Existiam reformatórios em 1916? – arqueei as sobrancelhas.

—Existiam, sim. Estava mais para prisão de segurança máxima. Então, Swan teve a bela ideia de transformar aquela escola – ela olhou para

mim – em uma espécie de prisão para jovens infratores. Ela achou que havia vários tipos de infrações. Por isso os vários prédios, cada prédio tinha a função de servir como dormitório.

–Como assim? Um dormitório por crime?

–É. Havia o prédio dos assassinos, dos ladrões e por aí vai, mas atualmente a maioria está desativada. Não existe mais esse tipo de separação aqui. Swan Müller era louca, isso eu posso concluir.

–Ela não parece louca para mim, mas tudo bem. Eu aceito a sua conclusão.

–Espera – ela parou. Ela apontou para um lugar, mas estava escuro demais para ver qualquer coisa.

–Eu não estou vendo nada, Kaitlyn – disse eu.

–É seu amor épico – ela desapareceu na escuridão.

–Katie, o que faz aqui à essa hora da noite? – perguntou uma voz saindo da escuridão.

Olhei para trás, onde Kaitlyn havia desaparecido um segundo atrás.

–Nada, só... Dando uma volta por aí.

–Não é permitido *dar voltas por aí* às onze da noite – Ian sorriu e chegou mais perto. Meus ombros tremeram – Você parece... – ele tirou a jaqueta e colocou nos meus ombros – Fria.

–Obrigada.

Ele deu de ombros e tirou os óculos.

–É melhor ir para o seu quarto antes que... Alguém te veja. É perigoso ficar do lado de fora.

–Por que?

–Tem lobos aqui.

–Eu não tenho medo de lobos – ele passou o braço pelo meu pescoço.

–Tem medo de cobras? – perguntou enquanto andávamos.

–Um pouco. Muito. Na verdade, eu morro de medo de cobras – meus ombros tremularam só de lembrar.

–Aqui tem muitas cobras, assustadoras e...

–Para, Ian – dei um soco de leve em seu braço.

–É verdade.

–Então me mostra – desafiei-o.

–Não.

–Por que não?

–Quer saber, eu vou mostrar, vem – ele andou até uma parte cheia de árvores – Ali – ele apontou para o topo de uma árvore.

–Ah – gritei e segurei a camisa dele.

–Foi você quem quis ver – ele sorriu e colocou a mão em cima da minha agarrada na camisa dele – É sério, Katie, vai ficar com medo de uma cobrinha?

–Não é... Uma cobrinha, ta? É uma cobra... Assassina, assustadora. Acho que está na hora de voltar para o meu quarto.

–É melhor correr senão a cobra assassina vai pegá-la – disse. Andamos pelos prédios que pareciam ainda mais mal assombrados.

–Katie Afternoon – disse a certa hora enquanto me levava até meu quarto, depois de ter me dado um fora há algumas hora antes – Nós já passamos do dormitório, está tentando me levar à algum lugar?

–Oh, eu nem reparei. Mas... – olhei para trás – já tem tempo que estamos andando e dando voltas, mas eu nem reparei.

–É melhor voltarmos – disse Ian.

Dei a volta e andamos mais trinta metros até o velho prédio.

–Ian – disse quando já estávamos no prédio – De quem era aquele túmulo? Na árvore, aquele dia?

–Uma mulher. A primeira diretora mulher, o nome dela era Swan Müller.

–Ah, Kaitlyn me falou sobre ela.

–Falou tudo? – ele ajeitou a jaqueta dele nos meus ombros.

–Como assim tudo? – puxei a chave do bolso e destranquei a porta.

–Diz à lenda que ela matava pessoas quando não se saíam bem.

–Sair bem, em quê? – arqueei a sobrancelha.

–Nos testes. Ela era louca, fazia testes malucos...

–Que tipo de testes?

–Nadar por dez horas sem parar e coisas do tipo, a mulher era totalmente maluca. Quem se saísse bem tinha uma carta de liberdade. Ou algo assim.

–Como ela morreu?

–As pessoas do reformatório se rebelaram e a mataram. Acho que Swan Müller teve o que mereceu, Katie, mas isso não importa. Ela está morta.

–Quem a matou, enterrou ao lado de uma árvore velha. Por que?

–Porque ela não gostava daqui, só isso. Ela não gostava das pessoas na verdade, então enterraram o que sobrou dela lá.

–O que sobrou? – meus ombros tremeram só de pensar em resto mortais de quase cem anos.

Ian chegou mais perto e sussurrou ao meu ouvido.

–Colocaram fogo e viram-na queimar até morrer – ele se afastou – Não sobrou muita coisa, sabe?

–Que horror.

–Como eu disse – ele deu de ombros –, ela teve o que mereceu.

–Ian... – resmunguei.

–É melhor eu ir – disse ele.

–É. Está tarde.

–Boa noite, Katie – disse Ian andando com confiança pelos corredores. Bati a porta do quarto e só então percebi que ainda estava com a jaqueta de Ian. Ótimo, agora estava fazendo coleção de roupas dele. Tirei a jaqueta e joguei no guarda-roupa, escovei os dentes e me joguei na cama. Tudo bem, talvez eu tenha ficado com a jaqueta dele por que tínhamos assuntos interminados.

Fiquei deitada por algum tempo pensando em tudo antes de dormir. Principalmente em Ian.

–Tem alguma coisa errada – eu disse quando Ian fez menção em levantar. A aula já havia acabado.

–Comigo?

–Com tudo. Tem alguma coisa errada com tudo – estava sentada na mesa ao lado da de Ian.

–Eu não entendo o que você quer dizer, mas...

–Nós temos assuntos para terminar – ele se inclinou e me puxou um pouco mais perto, me fazendo ficar sentada na sua mesa.

–Temos? – eu me inclinei em sua direção.

–Sim, nós temos.

–Você esqueceu sua jaqueta comigo – disse tentando, desesperadamente, mudar de assunto.

–Eu sei – ele sorriu e eu me afastei – Katie.

–Sim? – disse voltando os olhos para ele novamente.

–Eu sei o quanto é complicado, mas é ainda pior para mim.

–Está dando uma de terapeuta agora – disse ficando de pé.

–Ta, eu posso falar como seu terapeuta, então? Posso te dar um conselho?

–Ta, vai. Diz logo. Expresse sua opinião em palavras.

–Eu acho que você gosta de mim.

–Você é muito convencido – comecei, mas Ian não deixou que eu terminasse.

–Ainda não terminei... você vai escutar o que eu tenho a dizer.

–Eu não...

–Mas acho que não consegue admitir que gosta nem de si mesma porque tem medo.

Não sabia o que dizer, então olhei nos olhos dele.

–Acho que está enganado. Está errado – peguei minha bolsa e fui em direção à porta.

–Escute – ele estava na porta.

–Como chegou até aqui mais rápido que eu? – perguntei olhando para trás, na cadeira onde ele estava a um segundo.

–Katie. Olhe para mim – disse quando desviei os olhos.

–Não. Vocês todos são malucos e eu estou ficando maluca também e acho que vou seguir a sua dica e ficar bem longe de você – abri a porta e saí.

Andei pelo corredor e quando cheguei à porta Ian estava lá.

–Por que está me perseguindo?

–Por que preciso que escute o que eu tenho a dizer.

–Então... Diz o que você tem a dizer. Agora, antes que eu enlouqueça de vez.

Dei dois passos para trás, ficando mais perto da floresta.

–Você sabe o que eu sou, certo? – perguntou ele.

–Não – dei outro passo para trás e encostei-me a uma árvore.

–Eu tenho certeza que sabe.

–Você é louco. Eu não faço ideia do que você está falando.

–Eu sei que sabe.

–Um vampiro?

–Não seja estúpida, Katie, vampiros não existem, será que é a única coisa que conhece? Diga-me ao menos que lê Anne Rice ao invés de Stephenie Meyer? – ele sorriu.

–Isso não é uma brincadeira. O que está acontecendo, Ian? Diga-me a verdade – disse lentamente.

–Esse não é o tipo de coisa que se fala. Você tem que ver para acreditar que existe.

–Ver o quê? A sua loucura ganhar uma profundidade ainda maior? Não, obrigada.

Ele olhou nos meus olhos, como se estivesse lendo meus pensamentos e colocou a mão atrás do meu pescoço como se fosse me beijar.

–Você já viu – disse se afastando alguns centímetros.

–O que eu vi?

–Angelus, ele é assustador, mas ele mostrou a verdade à você.

–Sim – disse como se estivesse hipnotizada.

–Diga a verdade... – ele se aproximou novamente de mim – Você sente alguma coisa por mim.

–Sabe que a resposta é sim. Eu nunca me senti assim desse jeito, é bom e assustador, e...

Ele pressionou seus lábios contra os meus e eu deixei a sensação me possuir. Passei os braços pelo seu pescoço e joguei minha bolsa no chão e ele passou o braço pela minha cintura.

–Você pode sentir?

–Sim, é como uma conexão com você, como se eu já te conhecesse há séculos.

–Eu te *conheço* há séculos.

–Não – disse. Balancei a cabeça e estiquei o braço para afastá-lo um pouco, só o suficiente para conseguir respirar de novo.

–É verdade...

–Eu sei, mas... É estranho – olhei para o chão, depois para ele – Eu vi quando...

–Eu te beijei?

–É. Como pode? Isso... É muita loucura – massageei as têmporas.

–Angelus disse... Ele me mostrou uma coisa. E disse que eu era uma ceifadora, o que isso quer dizer além de... Uma história sobre mitologia grega?

–Essa conexão que você sente, não é em vão, nem por que gosta de mim, nem nada do tipo, é por que nos conhecemos há séculos. É realmente mitologia grega, mas ela é real, Katie.

–O que Angelus quis dizer?

–Só uma coisa que ele não podia mais esconder de você. O que você é, uma ceifadora.

–Isso eu já entendi, mas esse tipo de coisa não existe.

–Existe Katie, você só tem que acreditar e... Aceitar, porque é um fato. E você é uma de nós.

Ele pegou minha mão e puxou minha bolsa do chão.

–Vem comigo – ele convidou.

–Para onde?

–Conhecer a história – peguei a bolsa da mão dele e coloquei no ombro.

–Pra onde está me levando? – perguntei enquanto andávamos pela escola.

–Lugar nenhum, mas eu vou te contar tudo sobre... Tudo o que você quiser saber.

–Por que seus olhos mudam de cor?

–Sabia que perguntaria isso – ele tirou os óculos. Os olhos estavam verde acinzentado agora – É o que eu faço. Ficam negros quando estou... Hã... Como eu posso explicar isso? Quando estou com fome e verde acinzentado, como agora quando estou alimentado.

–Alimentado de... Almas?

–Sim – ele respondeu –, você conhece a história. Nós pegamos as almas e guiamos para Outro lugar quando as pessoas morrem. Isso me

faz ficar mais forte. Quanto mais almas mais forças nós temos –Isso é estranho. Quantos anos você tem? – perguntei.

–Milênios. Quase tão velho quanto Morte, sou um dos primeiros.

–Morte. Quer dizer, morte aquele que é a única certeza da vida?

–É.

–Acho que posso entender.

–Você não faz ideia do que é ser imortal. Eu estou... condenado a existir para todo o sempre. Uma existência cheia de nada – sua voz era carregada de tristeza. Uma tristeza profunda.

–Eu acho que não, mas eu não vejo isso como um pesar.

–Como? Uma dádiva divina?

–Sim, é claro.

–Não, Katie. Estou condenado a ver as pessoas nascerem, crescerem e morrerem. Eu mesmo faço isso às vezes, eu tenho uma família agora.

–É verdade? – perguntei sorrindo.

–Sim. Joanne Annabeth é minha irmã do meio e eu tenho uma irmãzinha chamada Karolyn. E uma mãe, mas é tudo para manter as aparências. Minhas irmãs também criaturas sobrenaturais. Conhece a lenda das Moiras? – fiz que sim com a cabeça – Joanne, ela é Átropos. E Karolyn é Flora, a Deusa das flores.

–Uau – disse surpresa.

–Eu te conheço há muito tempo.

–Quanto tempo?

–Uns quinze anos.

–Então, você me persegue desde que eu tenho um ano de idade.

–Na verdade, sim. Ordens de Morte. Ele é o Todo Poderoso, ele manda e nós obedecemos.

– ele deu de ombros.

–Ah, eu acho melhor nós... Voltarmos.

–Também acho – disse ele olhando para trás. Ian eu demos a volta enquanto íamos de volta ao prédio principal.

–Ian, escuta – disse enquanto mexia no meu anel prateado no dedo anelar – Essa conversa é, tipo, muito estranha, mas eu estou tentando levar numa boa.

–Eu sei que é estranho, por isso é que estou tentando levar as coisas a um nível mais profissional possível e contar o mínimo para que você possa absolver o máximo possível disso tudo, entende?

–Eu estou tentando, mas ainda assim é complicado, é tudo complicado demais – disse.

–Deixa eu te levar até seu quarto – disse Ian.

–Na verdade, eu tenho que devolver as suas roupas.

–Eu não preciso delas, mas... Eu vou pegar – virei o corredor e entrei no quarto.

Peguei a jaqueta e joguei em cima dele.

–Já pode ir agora, Ian – abri a porta.

–Eu posso, mas não quero – ele empurrou a porta e passou o braço pela minha cintura. E finalmente me beijou. Pressionei seu corpo contra a porta e puxei a camisa dele. Todos os botões se abriram instantaneamente, seus lábios se encontraram com os meus novamente. Um beijo ávido e voraz.

–Você realmente devia ir embora agora – disse, entre beijos.

–Eu deveria ir.

–Com certeza... Você... Deveria ir... Agora – abri a porta e empurrei Ian – Você tem que ir embora.

Dei outro beijo nele, peguei a jaqueta e joguei em cima de Ian.

–Vai embora – bati a porta na cara dele e sentei-me junto à porta com um sorriso nos lábios – dez segundos depois Kai entrou.

–Jantar. Vem, to morrendo de fome.

Caixinha de surpresas

— Tenho uma surpresa para você, Srta. Afternoon.

—Você tem tido surpresas demais para mim nas últimas...

—Duas semanas? Aposto que está arrependida de ter se apaixonado por mim — Ian sorriu e ficou na porta da sala, me impedindo de entrar na sala de aula.

—Será que dá pra sair da frente e me deixar entrar na sala?

—Ta, mas saiba que hoje é sexta-feira — disse sentando-se na cadeira ao meu lado um segundo depois de mim.

—Eu tenho um calendário, Ian.

—Mas amanhã é sábado e você tem que... — o sinal tocou e o professor entrou na sala.

—Eu tenho que...? — olhei para ele. A Srta. Richardson olhou para Ian e para mim enquanto eu o encarava.

—Por favor, tire os óculos Sr. Walker — pediu ela.

Ele desviou os olhos de mim e eu olhei para a professora. Ian tirou os óculos e enfiou na camisa.

—Trabalhos na minha mesa — disse ela. Peguei o trabalho na minha bolsa e Ian tomou da minha mão.

—Eu entrego — disse levantando-se. Ele jogou em cima da mesa e voltou para seu lugar ao meu lado.

—Então — sussurrei — O que tem a dizer?

—Você vai à minha casa amanhã. Eu quero que conheça meus pais.

—Eu não posso — murmurei.

—Por que?

—Porque os pais não gostam de mim. Eles nunca gostam de mim, Ian.

—Quantos namorados você já teve?

—Não importa. Você não é meu namorado. Eu não tenho pais, então, os pais de outras pessoas não gostam de mim.

–Não se preocupe. Você vai, nem que eu tenha que te jogar no ombro. E você não é minha namorada.

–Ah, e caso não tenha reparado, nós estamos aqui para ficarmos presos, não sair quando quisermos.

–Não se preocupe. Eu cuido disso.

Ian estacionou seu conversível azul na porta de uma casa em um luxuoso condomínio. Uma casa feita de pedra com um pequeno jardim com crisântemos, freesias, peônias e flores delicadas e lilás que eu não sabia o nome. Ian saiu do carro e deu a volta para abrir a porta para mim. Ele entrelaçou nossos dedos enquanto caminhávamos em direção a porta, um segundo antes de abri-la. A sala era gigante. Um piano estava sendo tocado por uma garotinha que não devia ter mais que seis anos, mas tocava perfeitamente bem. Ela tocava *Clair de lune* com uma habilidade inacreditável.

–Karolyn – Ian chamou a garota.

–Ian – disse ela, sem tirar os olhos do piano até terminar de tocar. Ela virou, tinha os cabelos castanhos, que estavam presos num penteado com algumas rosas lilás, parecidas com as do jardim.

–Você deve ser Katie – disse ela estendendo a mão – Sou Karolyn – ela sorriu.

–Olá – disse aceitando sua mão.

–Ian? – perguntou a voz de uma mulher. Ela apareceu secando as mãos em um avental.

–Cristina – ele segurou minha mão e me puxou até a mulher –, essa é a Katie.

–Prazer em conhecê-la – disse sorrindo, mas ela parecia desapontada.

–Katie, essa é minha mãe, Cristina. Onde está o Pat...

–Seu pai? – disse com ênfase nas palavras.

–Onde ele está? – perguntou Ian, com uma pontinha de irritação na voz.

–Está no escritório, falando ao telefone, ele já está... – suas palavras foram interrompidas quando um homem de uns quarenta e poucos anos

entrou na sala. Ele vestia uma roupa social, mas sem paletó e gravata, e chinelos de borracha.

–Patrick – Ian cumprimentou-o com um aceno de cabeça – Essa é a Katie – disse, colocando a mão de modo protetor em minhas costas, quando me inclinei para apertar a mão que Patrick, educadamente, estendeu em minha direção.

–É um prazer conhecê-la, Srta. Afternoon – disse Patrick – Ian estava entusiasmado com a ideia quando falamos pelo telefone. Ele falou bastante de você.

–Hã... Patrick, eu quero levar a Katie para conhecer o resto da casa – ele segurou-me pela mão e me puxou escada acima.

–Então... Sua família é bastante normal – disse tentando descontraír o clima.

–Nem tanto assim – ele sorriu e me deu um beijo na bochecha.

–A sua irmã está...

–Aqui? Sim. Mas Joanne não vai te machucar, não com o pai e a mãe aqui, acredite em mim, se ela tentar, farei com que se arrependa. Venha, eu vou te mostrar o meu quarto – ele me levou até uma porta – Pronto?

Assenti.

Ele abriu a porta. O quarto era completamente diferente do resto da casa. Enquanto os cômodos eram um tom claro, iluminados e arejados, o quarto de Ian era preto, escuro e um pouco abafado.

–Nossa, é...

–Escuro, e estranho. Eu sei – disse ele se sentindo em casa.

Algumas partes eram feitas de madeira e fazia com que o quarto parecesse um porão. Havia estantes cheias de livros e na parte de baixo cerca de cem livros pretos. Pequenos e iguais.

–Eu vou pegar alguma coisa para beber. Eu volto logo, não vá fugir.

Ele saiu e bateu a porta. Fui até a estante e peguei um dos livros. Eram diários. Abri numa página qualquer. A caligrafia de Ian era perfeita demais:

Kai ainda me pergunta por que eu prefiro o sangue dos inocentes à alma dos condenados. É apenas pelo prazer. Ela tenta em vão me

trazer de volta, mas não tem volta, agora que eu vejo a mim mesmo em um buraco. No fundo do poço, como costumam dizer os humanos. E isso me faz sorrir, e pensar em Lanore. O que ela me diria? Já faz tanto tempo, mas não consigo esquecê-la, apenas lembrar-me da crueldade que alguns seres podem ter. Acho, que talvez, jamais irei esquecê-la. Porque eu...

Fechei o diário quando ouvi a porta se abrir.

–Katie Afternoon – ele trazia um copo de suco nas mãos – O que você estava lendo?

Ele pegou o diário de minha mão com raiva, talvez por eu estar mexendo nas coisas dele, mas mantendo a calma habitual.

–Nada – pisquei várias vezes, como eu fazia quando estava mentindo.

Ele olhou para mim por um segundo depois sorriu e jogou o diário na cama.

–Você mente muito mal – disse ele com naturalidade.

–Eu não...

–Eu sei que está, mas agora, Cristina quer que a gente desça.

–Tudo bem – dei de ombros e franzi a testa.

Ele passou o braço pelos meus ombros e nós descemos as escadas.

–Venha, Katie – chamou Patrick.

Ele me guiou até uma cadeira ao lado de Karolyn e Ian. Patrick sentou na cabeceira da mesa e Cristina do lado direito da mesa, e eu, com minha enorme sorte, fiquei à frente de Joanne Annabeth.

–Está ruim, Katie? – perguntou Cristina, reparando que eu comi uma garfada do prato que ela colocou à minha frente. Ela me olhava com o canto dos olhos. Estava mais do que claro que ela não gostava de mim.

–Não – percebi que Jo me encarando.

–Já comeu outra coisa? – comentou Jo.

–Não, na verdade – disse, fingindo que não captei a indireta no ar.

–Você toca piano? – perguntou Karolyn, mesmo tendo uns seis anos ela parecia muito madura, tanto no modo de falar quanto no modo de

agir.

–Sim. Muito bem, modéstia a parte.

–Concerto favorito?

–Nocturne, Claro de luna, Arabesque... Gosto de muitos, mas acho que o meu favorito é Arabesque.

–Bom – disse em tom de aprovação.

Tirei o telefone do bolso e enviei uma mensagem de texto para Ian que ele recebeu um segundo depois.

Qual o problema com seus pais? Parecem estranhos, eles não sabem nada sobre você?

Ele sorriu e respondeu um segundo depois no meu ouvido, os pais dele não pareciam notar entretidos numa conversa.

–Eles sabem, mas fingem que não – sussurrou tão baixo que nem Karolyn ouviu.

–Eu não quero mais estar aqui, é tão estranho, e se eu me lembro bem, você ainda me deve algumas explicações.

Ian e eu nos levantamos ao mesmo tempo e jogamos o guardanapo em cima da mesa –Katie e eu vamos... Dar uma volta por aí – disse Ian aos pais.

–Vocês ainda nem terminaram ainda – disse Cristina em tom de total desaprovação.

–Não estamos com fome – disse ele.

–É melhor comerem – disse em tom ameaçador.

–É Ian, você não quer que sua namoradinha desmaie, não é? – disse Jo.

Ian bateu as mãos no centro da mesa e se inclinou em sua direção.

–Já chega, Joanne Annabeth. Eu estou, realmente cansado de você.

–Mesmo? – provocou.

–Mesmo, minha vontade é esganar esse seu pescoço magrelo.

Joanne se levantou com um sorriso sarcástico.

–Faça isso.

–Ótimo, é o que eu vou fazer e depois levar a sua alma para o Submundo.

–Idiota – ela sorriu – Não pode matar uma Moira.

–Eu acho um jeito de te matar para sempre, tem que haver uma brecha.

–É melhor sairmos daqui – disse a Ian colocando a mão em seu peito. Ele recuou e começou andar a passos pesados até a sala e pegou, com raiva, sua jaqueta em cima do sofá e saiu batendo a porta.

–Ian, o que foi aquilo? – perguntei enquanto andávamos pelas ruas estreitas do condomínio.

–Joanne simplesmente me... Irrita – disse com a voz carregada de raiva.

–Até que seria legal ver você e Joanne brigando, duas criaturas sobrenaturais – ele revirou os olhos, sorriu e passou minha mão pelo seu braço.

–Vamos dar uma volta.

–Katie, eu te conheço há muito tempo e...

–Vai pedir para casar comigo? – sorri.

–Não – ele sorriu de volta e me olhou, seus olhos negros intensos e assustadores – Você nunca me disse o seu nome.

–Ah – suspirei – Não. Não vou dizer.

–Por que não? – ele mordeu o lábio com força.

–Eu só não gosto desse nome – dei de ombros.

–Eu mereço saber – ele sorriu e olhou para mim.

–Não merece não, não mais que qualquer outra pessoa.

–Eu prometo guardar seu segredo.

–Ta, se você insiste. Eu vou falar, é... Kathryn Karmel.

Ele sorriu.

–É bonitinho – disse ele, voltando a andar.

–Não é – fiquei na frente dele andando para trás – É o pior nome da história. Eu me pergunto, onde diabos minha mãe biológica arranhou esse nome.

–Não é um nome comum, por isso é bonito – dei de ombros e fiquei ao lado dele enquanto tentava me equilibrar em cima do meio-fio.

–O que você acha de procurá-los? – perguntou. Mesmo com Ian segurando minha mão não consegui me equilibrar.

–O quê? – perguntei indignada quando Ian me ajudou a ficar de pé.

–É isso mesmo, encontrar seus pais biológicos – disse com calma.

–Não – neguei imediatamente.

–Por que não? Pensei que quisesse encontrar sua família de verdade.

–Pensou errado – disse irritada. Ele puxou meu braço quando me virei e dei dois passos.

Ian me puxou e me fez ficar cara a cara com ele, a um centímetro de distância.

–Por que não quer procurar a sua verdadeira mãe? Parece ter alguma coisa a mais nisso que não quer me contar – disse ele com ar tenso.

–Não tem nada, eu não preciso esconder nada de você, Ian – meus lábios tremularam de raiva.

–Você é incrível – disse ele sorrindo, ele se afastou um pouco.

–Por que eu sou incrível? – perguntei com desconfiança.

–É tudo confuso aí dentro da sua cabeça. Não dá pra ver com clareza – ele sorriu.

–Você pode *não* ler a minha mente, por favor? – disse com os dentes cerrados.

–Tudo bem.

Ele levantou as palmas das mãos, como fez no primeiro dia de aula quando me tirou da água e disse que achou que eu estava me afogando e isso me fez sorrir, lembrar de quando eu o conheci. De como ele *me odiava* e como nos dávamos mal, quando o vi no corredor da escola no primeiro dia de aula e ele me tratou tão mal, mas mesmo assim eu me apaixonei cada vez mais, sempre que o via. Quando seus olhos mudavam de cor, me deixando assustada.

–Eu acho que não quero mais ficar aqui, com você, sabe? – sussurrei.

–Por quê?

–Eu... Não sei o que estou sentindo agora, uma confusão calma, mas ainda assim preciso ficar sozinha.

–Vem cá, você precisa de um abraço – ele me puxou antes mesmo de eu ter tempo de dizer qualquer coisa.

Ele pressionou meu corpo contra o seu, com meus braços colados junto ao meu corpo. Não fiz a mínima questão de abraçá-lo de volta.

–Katie – ele olhou para mim – Eu sei tudo sobre você, e, sei que você não é uma pessoa má ou qualquer coisa assim, mas é fria.

–Eu não sou... fria.

–Acho melhor votarmos, minha mãe já está brava conosco.

–Ta, vamos – respirei fundo e deixei que Ian segurasse minha mão, mesmo um pouco contra a minha vontade.

–Karolyn gostou de você.

–Isso é bom, ao menos alguém da sua família gostou de mim – dei de ombros e Ian me fitou intensamente.

–Acho que Patrick gostou de você – disse.

–Onde está me levando? – perguntei quando percebi que já havíamos passado bastante da casa dele.

–Aqui – ele mostrou uma igreja simples à minha frente.

–Acho que você lê meu pensamento.

–Esse lugar me assusta, mas acho que tinha que vir aqui.

Ele segurou meu pulso quando me virei para ir e me fez girar e olhar para ele. Seu olhar profundo em mim. Cheio de significados que ele jamais diria.

–Você está me machucando, Ian – disse em tom ríspido.

Ele me soltou deixando uma marca roxa. Esfreguei os pulsos e Ian olhou para mim.

–Desculpe – disse ele, olhando para minha mão se curando de modo estranho.

–O que está havendo? Por que isso está acontecendo?

–Eu não faço ideia do por quê, mas é o que acontece com todos nós. É a ordem natural das coisas – disse ele.

–Não tem nada de Natural nisso.

Ele abriu a boca para responder, mas seu telefone tocou e ele tirou do bolso.

–Alô – disse com a voz monótona – Está bem – disse balançando a cabeça de modo meio tenso. Ele desligou e colocou o telefone de volta no bolso – Nós temos problemas.

–Que problemas?

–Não exatamente *nós*, mas é uma coisa muito séria. Nós precisamos ir para a escola imediatamente. Uma pessoa. A diretora vai quer nos ver em uma hora.

–Você não pode simplesmente desaparecer na fumaça? – apertei os olhos.

–Posso, mas precisamos voltar depois, certo? Tem umas coisas aqui que...

–Ta – suspirei.

Ele pegou minha mão e desapareceu.

O quarto de Ian era um milhão de vezes mais arrumado do que o meu. Suas roupas estavam todas dobradas e separadas, seus sapatos ficavam igualmente arrumados e seus livros perfeitamente empilhados em cima de um acessório moderno e sofisticado com tampo de vidro. Um vaso de flores, crisântemos, se encontrava em cima da pilha de literatura, que eram separados dos livros do colégio.

–Seu quarto é tão arrumado que me dá vergonha do meu.

–Não tenha vergonha do seu quarto. Gosto dele do jeito que é. O lugar à sua volta diz tudo que você é.

Dei de ombros e peguei um porta-retratos do criado-mudo ao lado da cama. Joanne, Ian e Karolyn. Coloquei-o de volta no lugar e saímos pelos corredores da escola que parecia ainda mais mal-assombrado que antes.

–Srta. Afternoon e Sr Walker, compareçam a sala da diretoria imediatamente.

Ian me puxou, nós estávamos correndo muito mais rápido que um humano em ótima forma poderia correr. Eu estava descobrindo coisas que não gostaria de descobrir.

Quando entrei no corredor do prédio principal eu parei de correr e estava longe de estar cansada.

Ian bateu três vezes na porta, de forma educada demais para um jovem da sua idade, antes de a Sra. Martin dizer que podíamos entrar. Ian

empurrou a porta. Uma garota estava sentada de costas para nós. Seus cabelos ruivos em tom natural que poderia ser confundido com preto, estavam presos com um lápis.

–Afternoon e Walker, finalmente – disse a diretora levantando os olhos para nos encarar, e por um milésimo de segundo, tive a ligeira impressão que seus olhos pudessem matar.

–Porque nos chamou aqui, tem algum problema? – perguntou Ian calmo e frio como uma pedra de gelo.

–Não exatamente. Esta é Jasmine Carlyle, ela é a nova aluna do colégio. Geralmente, nós não recebemos alunos novos após o termino do período de matrícula, mas, esta é uma *Circunstância Especial*. Já tem um mês que as aulas começaram e quero que vocês dois ajudem-na a pegar as matérias e fazer com que ela não fique perdida.

–É só isso? – perguntei arqueando a sobrancelha.

–Sim. Podem ir – ela fez um sinal para que saíssemos da sala dela – Mostrem a escola ela e ajudem com a matéria perdida, só o essencial, como assunto das provas e trabalhos.

A garota pegou a bolsa e colocou-a no ombro e levantou. Sua beleza era extraordinariamente hipnotizante.

Angelical.

Seus olhos e seus cabelos eram de uma cor sobrenaturalmente dourados, seu rosto era branco como papel.

Saímos da sala da diretoria e caminhamos até o dormitório, onde Jasmine abriu a porta.

–Quando poderemos estudar? – perguntou ela.

–Na segunda. Encontre-nos na biblioteca as 04h00min depois das aulas – disse me virando.

–Tudo bem – disse Jasmine fechando a porta.

–Está pronta?

Assenti quando desaparecemos em meio à escuridão e aparecemos em um lugar mais escuro ainda.

–Onde estamos?

–No meu quarto – ele procurou o interruptor e acendeu as luzes.

Fomos até a porta e andamos pelo corredor, procurando por alguém da

família dele que não quisesse me matar.

Karolyn subiu as escadas correndo com um envelope na mão.

–Ian, isso chegou para vocês. Tem o nome dos dois e parece uma coisa importante – disse ela, estendendo o envelope em nossa direção.

Ian pegou primeiro e abriu para ver do que se tratava.

Puxei de sua mão antes que ele tivesse tempo de abrir. O papel era pesado e tinha nosso nome em letras cursivas cuidadosamente desenhadas.

Sr° Ian Walker e Srta. Kathryn Karmel Afternoon

–De quem pode ser isso? – murmurei para mim mesma. Abri o envelope e peguei o papel que estava cuidadosamente dobrado três vezes.

Parecia mais uma carta que você receberia do presidente dos Estados Unidos.

Mas não era.

Era uma carta do Conselho.

Fico feliz em intimá-los a comparecerem na sede do Conselho sediada na Rua Main. Srta Afternoon, seria conveniente que comparecesse junto ao Sr.° Walker, Joanne Annabeth, minha bela, mas não tão doce Átropos e minha Deusa Karolyn. Estarei esperando ansiosamente nossa conversa.

Angelus

–Eu não acredito nisso – disse Ian, enquanto lia por cima do meu ombro.

Ele deu um muro na parede com força. Com tanta força que achei que fosse quebrar sua mão.

A porta se abriu com um solavanco e Joanne apareceu na porta, vestida uma camisa dos Ramones surrada e um *Jeans* preto.

–O que pensa que está fazendo, seu imbecil? – disse ela fechando o livro que segurava.

H. P. Lovecraft.

Ela fechou tão rápido que não pude ver o nome do livro, só do autor.

–Desculpe. Você tem que vir comigo.

–Você usou alguma droga? Eu não vou a lugar algum com você.

–É uma droga de uma carta do Conselho – ele arrancou o papel das minhas mãos jogou em cima dela.

–Que se dane o Conselho! Eu não trabalho para eles. Não sou obrigada a ir.

Joanne deu os papeis de volta para Ian e voltou para o quarto dela, parando apenas para pegar o livro que havia caído no chão e bateu na porta.

Ian me lançou um olhar significativo.

Massageei a têmpora e ele franziu o cenho.

–Você está bem?

Assentiu lentamente.

–Só um pouco de dor de cabeça, já vai passar. Eu deveria ir?

–Não – ele me abraçou e cantarolou uma musica – Não deveria.

Olhei para trás mais uma vez. A porta se abriu e o professor entrou.

–Calma, Katie. Não tem ninguém atrás de nós. Estamos seguros – ele falou mais baixo – eu te protejo.

Ele passou a mão pelos meus ombros e me apertou junto a ele, o que gerou mais uma série de olhares. De repente ninguém estava prestando atenção ao que o professor explicava, estavam prestando toda atenção em mim e Ian.

Ele beijou minha bochecha e tentei me ater ao que o professor dizia.

As aulas pareciam ter durado uma eternidade, e, quando tocou o sinal para o almoço tocou todos saíram praticamente correndo. Só ficamos eu e Ian na sala. Ele ficou sentado, como se ainda estivesse tendo aula, como se nada tivesse acontecendo ao nosso redor e como se não estivesse percebendo a minha paranoia. Levantei e comecei a enfiar as coisas de volta na minha bolsa.

–Não precisa ter tanta pressa, docinho – ele tocou meu pulso.

–Eu to morrendo de fome – menti e peguei a bolsa. Andei meio que correndo até a porta, rezando para que ele não me seguisse.

Quando passei pela porta Kaitlyn estava lá.

–Posso falar com você um segundo? – ela olhou para a sala e viu Ian pegando sua mochila.

–Claro – sorri e me apoiei na parede ao lado da porta.

–O que está havendo entre vocês dois?

Pisquei mais do que o normal, por um segundo, atordoada.

–Kaitlyn, olha, eu acho que isso já é demais. Acho que você está com ciúmes do Ian comigo, mas – ela fez menção em me interromper, então prossegui – eu não quero nada com ele. Nós não temos nada, nem nunca teremos. Somos só amigos. Então pode ficar com ele pra você, eu sei que é isso que quer.

Kaitlyn ergueu as sobrancelhas.

–Não, Katie. Não é isso. Você entendeu tudo errado. Eu não quero o Ian. Você não sabe o motivo? Pensei que ele tivesse dito, é por conta do Conselho, Katie – ela ficou de costas e se afastou alguns passos – Eles não permitem que... – ela se interrompeu abruptamente e se virou. Olhei para o espaço que há alguns instantes estava vazio ao meu lado, e, que agora Ian estava ocupando-o.

–Eles não permitem o quê, Kaitlyn? – dei um passo na direção dela, mas Ian me puxou.

Ele me fez girar e me beijou. Um beijo de forma desesperada e meio faminta. Coloquei a mão em seu peito e o empurrei para longe de mim, fazendo-o me largar.

—O que pensa que está fazendo? — passei a mão pela boca, querendo arrancar o gosto dele de lá, mas foi de uma maneira extremamente falsa, não era realmente o que eu queria. Era o contrário do que eu queria.

No entanto o que eu queria era impossível.

Ian ainda estava segurando meu braço quando falou com Kaitlyn.

—*O Conselho* não manda na minha vida, Kaitlyn. Não diz o que eu posso ou não fazer.

Coloquei-me na frente dele quando Kaitlyn saiu a passos largos pelo extenso corredor.

—O que tem o Conselho a ver com nós dois, Ian? — dei uma leve batidinha do peito de Ian para ele prestar atenção no que eu estava falando.

Kaitlyn se virou. Ela estava há uns vinte metros de nós dois. Ela apontou o dedo para Ian.

—Você pode negar o quanto quiser, mas no fim sabe que eu estou certa — e se foi.

Mordi o lábio por dentro, com força, enquanto esperava que Ian, ao menos, inventasse uma desculpa para me convencer de algo, ou ao menos explicar as palavras de Kaitlyn, que com toda certeza ele havia entendido muito bem.

Entrei na sala de aula de novo e peguei um livro que eu havia esquecido, enfiar na bolsa e sai, caminhando lentamente pelo corredor até a saída. Já havia perdido tempo suficiente do meu horário de almoço de papo-furado com aqueles dois.

E tudo pra nada. Tudo que eu tinha agora eram mais umas palavras soltas, palavras atiradas ao vento.

Ouvi os passos de Ian me seguindo pelo corredor extenso, ele me alcançou e segurou meu cotovelo e me fez girar para encará-lo.

—Katie, por favor, me deixe explicar — me soltei da sua mão e dei dois passos para trás.

–Então explique – cruzei os braços sob o peito e arqueei a sobrancelha.
–É uma longa história, de muitos, muitos anos atrás – ele respirou fundo.

–De quanto tempo está falando?

–Tudo começou no ano de 1804, numa pequena vila no estado do Maine, eu... Conheci uma garota.

–Lanore – disse baixinho.

–Você leu meu diário – a maneira como ele disse soou como uma acusação.

Assenti brevemente.

–Numa versão resumida dos fatos: o Conselho a matou. Porque eu me apaixonei por ela, Katie. E isso está acontecendo de novo. Eu estou apaixonado por você, Katie.

–Para com isso, Ian. Você não sabe o que está dizendo – balancei a cabeça e dei um passo para trás e ele dois para frente, na minha direção. Ele segurou meu rosto.

–Eu estou apaixonado por você e sei que você deve gostar pelo menos um pouquinho de mim. Só um pouquinho.

–Não, Ian – sorri com desdém.

–Não tem graça nenhuma, Katie – disse ele secamente.

–Não tem graça, é só meio fantasiosa.

Virei-me e fiquei feliz por desta vez ele não me seguir.

Matei todas as aulas da tarde, mas tive que passar o resto da tarde com Ian, porque só faltavam dois dias para a entrega do trabalho de história e eu não havia feito nada além da capa, enquanto Ian já tinha terminado tudo. Ele fez o resumo inteiro com todas as partes que eram consideradas importantes.

Importantes entre aspas, por que agora eu estava no Sul, e a versão das coisas para eles era bem diferente para o resto das pessoas.

Estávamos enfiados naquela entediante biblioteca há quase uma hora enquanto Ian tentava, em vão, me ensinar alguma coisa. Ele provavelmente se cansou de tentar ensinar algo a uma pessoa tão burra

que começou a falar de nós dois.

–Não é feio admitir, Katie – ele pegou minha mão e eu a puxei – Não seja cruel comigo, docinho.

–Não me chame assim, ta? E pra sua informação, eu vim aqui estudar, não ficar ouvindo suas cantadas. Somos amigos, só isso. E se não quer ser meu amigo, então fique longe de mim.

–Só quer ser minha amiga? – ele franziu as sobrancelhas, como uma criança.

–É tudo que eu posso ser nesse momento.

–Então, quer dizer que eu posso esperar algo num futuro próximo?

Fechei o livro que estava aberto na mesa, com raiva e me levantei.

Enfie os papeis na bolsa e pendurei-a no ombro.

–Eu não estou a fim de ficar aqui, ouvindo suas cantadas baratas. O que você quer de mim, hein, Ian? – disse o mais baixo que pude com toda aquela raiva fervendo dentro de mim. Inclinei-me um pouco e ele não disse nada. Caminhei até a porta e pude ouvir o barulho das botas dele atrás de mim.

–Espera, Katie – ele segurou meu braço.

–O que você ainda quer? – puxei meu braço com força, deixando bem claro que eu não o queria por perto, quanto mais tocando em mim.

–Ficar perto de você.

–Ian... – suspirei e sai andando a passos largos em meio a chuva, estava a aproximadamente cem metros do prédio do dormitório quando Ian se colocou novamente à minha frente – Eu só quero descansar, ok? O que há de errado com isso? E além do mais não quero continuar essa conversa ridícula com você.

Encolhi os ombros.

–Descansar? – ele ergueu as sobrancelhas.

–Eu não quero mais nem ser sua amiga, Ian. Você praticamente me persegue pela escola, será que não tem mais nada para fazer? Hum?

Ele deu de ombros e encostou-se numa pilastra.

–Acho difícil você conseguir o seu tão almejado descanso sem isso daqui – ele balançou minhas chaves, entre as quais estava a do quarto.

–Me dê isso agora, Ian.

Senti vontade de lhe dar uns tapas, por ser tão sexy, perigosamente lindo e manipulador. Respirei fundo e cruzei os braços. Até que não faria mal ceder um pouco, afinal era apenas uma conversa, tendo em vista que ele só me daria o que eu queria, as minhas chaves, se eu desse o que ele queria primeiro.

–Fale o que quer falar comigo, então. Estou ouvindo você, Ian. Diga o que tem a me dizer – dei um sorriso e mordi o lábio inferior levemente.

Ele foi chegando mais perto até estar a dois centímetros de mim, sua boca perfeitamente esculpida tão perto da minha...

–Você, eu quero você, desde que pus os olhos em você naquele maldito corredor, eu preciso de você.

Um nó se formou na minha garganta. Não conseguia mais respirar. Suas palavras me deixaram tonta, mas permaneci parada, fitando-o de modo tão profundo, de uma maneira tão íntima.

Alguma coisa se agitava dentro de mim, querendo sair, enquanto eu lutava contra meus instintos. Lutava contra meu passado. Lutava contra mim mesma, quando o que eu queria fazer era beijá-lo, deixar que ele me beijasse como eu queria que ele fizesse.

Por que eu o estava evitando se tudo que eu mais queria desde que havia chegado aquela escola era tê-lo? Para não me magoar? Ou para não magoá-lo?

Haviam gatilhos negativos na minha vida, coisas horríveis ligadas ao meu passado, e eu simplesmente não podia viver daquela maneira, me fechando para os meus sentimentos, retraindo-os, até o fim da minha vida, podia?

Não esperei até meu cérebro raciocinar uma resposta, beijei Ian. Foi quase exatamente como eu havia imaginado. Passei um dos braços pelo seu pescoço, se ele me desestabilizava com apenas um olhar, com um beijo... Era como ir do inferno e flutuar até os céus em questão de um segundo. Abri a boca e deixei que sua língua explorasse minha boca. Seu beijo era suave, delicado. Sem pressa, exatamente como deveria ser.

Se Ian não estivesse com uma das mãos em minhas costas eu

provavelmente teria caído.

Escorreguei na grama molhada que crescia alta ao redor do prédio, e acabei caindo, puxando Ian junto. Ele ficou em cima de mim enquanto a chuva caía com toda a sua força sobre nós, e antes que eu pudesse pensar em me levantar, já estávamos ensopados. Olhei para o lado e vi minha bolsa, que por sorte havia deixado no chão, estava intacta, sem nem um pinga de água.

Suspirei e dei uma risada audível de divertimento.

–Você não fez isso de propósito, fez? – sua boca estava próxima demais, mesmo com a água fria caindo sobre mim como uma torneira, meu corpo tremendo, podia sentir seu hálito quente e aroma de canela.

–Claro que não – mesmo já estando praticamente escuro, fiquei apavorada com a ideia de que alguém nos flagrasse naquele momento de tanta intimidade.

Balancei a cabeça e tentei empurrá-lo para sair de cima de mim, não que seu peso me incomodasse, muito pelo contrário, no entanto ele não se moveu.

Ian deslizou o polegar pela minha bochecha, que estava queimando de vergonha. Ele parecia mais a vontade do que estava em sua própria casa. Ele me beijou outra vez, devagar, dando espaço para experimentarmos um ao outro. Eu estava em estado de êxtase enquanto ele me beijava de tantos modos diferentes, mudando a cada instante, como se quisesse ajustar para uma intensidade perfeita para nós dois. Uma de suas mãos estava no meu pescoço, com o polegar pressionado contra minha bochecha e a outra mão estava tirando meus cabelos molhados que caíam no meu rosto. Era tudo perfeitamente pleno com ele. Seus beijos carinhosos quase me deixaram jogar minha droga de passado pela janela, mas eu não conseguia, sempre que tentava falar daquilo eu travava e começava enlouquecer.

Sempre que algum cara me beijava eu pirava, mas com Ian, de alguma forma, estava sendo diferente, meu coração estava acelerado. Ian beijou a veia pulsante em meu pescoço.

–Me desculpe por ter te tratado mal no dia em que nos conhecemos, é que não gosto muito de me enturmar, mas... – suas palavras foram

lentamente desaparecendo.

Ele segurou minha mão e me puxou para cima, de repente. Tive a sensação de estar me afogando, o que trouxe mais uma parte do meu passado do que eu conseguiria lidar de uma vez só. Uma parte que já deveria estar enterrada há tempos, a sete palmos do chão. Ian estava consideravelmente encharcado, enquanto eu estava apenas parcialmente molhada. Ele depositou minhas chaves cuidadosamente na palma da minha mão, com uma cautela considerável, depois pegou minha bolsa e me levou até meu quarto, em seguida deu um beijinho na minha testa.

Um beijinho de *boa noite*.

Laços

Ele estava agachado ao lado da minha cama quando eu acordei, o que me deu medo foram seus olhos negros fixados em mim. Definitivamente melhores verdes, ou qualquer outra cor. Algo menos assustador.

Seus dedos roçaram minha bochecha. Se não fosse tão boa a experiência de acordar com Ian ao lado da minha cama, eu estaria apavorada com o fato de um cara estar no meu quarto.

–Você tem sete minutos para se vestir e ir para a aula – ele franziu a testa. Sentei-me, diante de suas palavras, no entanto, eu deveria ter continuado deitada, pois a dor estava por toda a parte do meu corpo. Meu corpo estava pesado, minha cabeça girava, enquanto eu continuava no mesmo lugar. Deitei-me lentamente, tentando me recuperar do mal-estar repentino.

–Você não está nada bem, K.

Ele me tirou da cama, me pegou no colo e me carregou até o banheiro. Estava sentindo ânsia de vômito, mas nem havia nada para vomitar. Eu mal havia comido nos últimos dias. Ele me colocou de pé e eu lavei o rosto.

–Eu vou pegar um pouco de água. O que você está sentindo? – ele ficou à minha frente e tirou mecha do meu cabelo que caía no meu rosto. Ian segurou meu rosto entre suas mãos, fitando-me intensamente. Ele esperava uma resposta que eu não sabia exatamente qual era. Meus olhos começaram a lacrimejar. Gaguejei alguma coisa e Ian me abraçou, me embalando como uma garotinha precisando de colo.

Talvez fosse disso que eu realmente precisava.

Os sonhos voltaram a minha mente como tiros de uma revólver. Eu

me lembrava de tudo que tinha acontecido com *ele*. As terríveis memórias eram tão vividas que quando eu piscava tinha certeza de que era tudo tão real. E que estava acontecendo novamente.

Ian se afastou e segurou meu rosto, como se eu fosse feita de cristal, e, deu um beijo na minha testa. Era estranho o modo como ele estava cuidando de mim. Ele saiu.

Fiquei sentada no chão do banheiro até Ian voltar um minuto depois com um copo descartável até a metade com água e uns comprimidos para dor, foi o que ele imaginou que eu estava sentindo. Joguei-os na boca e tomei um gole da água fria. Ele pegou o copo da minha mão e se sentou ao meu lado.

Ian passou o braço pelos meus ombros e me fez deitar em seu colo. Ele estava dando uma de enfermeiro, babá ou o que fosse que ele estivesse fazendo, e não era isso que eu precisava que ele fizesse por mim, ou para mim. Ficamos daquele jeito por alguns minutos, ele me olhando daquela forma. Ian pressionou os lábios contra os meus cabelos, meio desarrumados.

—Eu preciso de você, Kathryn — ele respirou fundo. Estava escolhendo com cuidado as palavras — Quando te vi pela primeira vez, sabe o que eu pensei, que eu faria com que você fosse minha, por que necessitava de você. Ainda necessito, mas agora de uma maneira mais... Intensa. Você não sabe como é ser tão dependente de alguém — eu não tinha certeza se era uma pergunta ou uma afirmação.

—Eu não estou entendendo nada — endireitei-me na sua perna.

—Eu não sei explicar bem o que sinto quando estou perto de você, como aqui, agora. Eu simplesmente não sei explicar, mas me sinto diferente perto de você. Quero cuidar de você — ele acariciou meus cabelos — Preciso que você esteja bem para que eu fique bem. Quero te perguntar uma coisa, mas não quero estragar as coisas. Não quero estragar esse momento, mas eu preciso saber. Não precisa responder se achar que estou perguntando demais — balancei a cabeça levemente.

Ele desviou os olhos, impaciente. Não era típico dele. Ian sempre era bastante seguro de si; confiante. Não hesitava para fazer ou dizer alguma coisa, ele ia direto ao ponto.

–Diga o que quer saber – coloquei a mão em seu rosto e ele virou a cabeça lentamente para mim. Continuei deitada na sua perna.

Fosse o que fosse eu poderia lidar com uma simples e inofensiva pergunta, foi o que eu disse a mim mesma, mas havia uma exceção. E aquela era a exceção.

–Com o que você estava sonhando quando acordou no meio da madrugada? – sua expressão estava impassível.

Levantei-me num pulo e fui andando o mais rápido que pude até o quarto. Queria colocar uma almofada no rosto e chorar até dormir ou até que não houvesse mais lágrimas ou até que eu morresse de tanto chorar. Para mim, a terceira opção estava ótima.

Joguei-me na cama, com a barriga contra o colchão e o rosto contra meu travesseiro com tanta força que chagava a doer, mas eu não chorei. Não por que Ian estivesse lá. Talvez fosse por que eu não era mais capaz de tal ato.

–Tudo bem se não quiser falar Ele se sentou na ponta da cama e colocou as mãos em meus ombros; massageando-os com os polegares em movimentos circulares, suavemente. Ele me fez relaxar aos poucos massageando dos ombros até a base da minha coluna.

Pedi que ele contasse uma história de ninar e ele contou a de uma princesa que foi salva por um príncipe, fiquei imaginando de onde ele havia tirado aquela história, mas não perguntei nada.

–Eu contava essa história para Karolyn quando ela era menor – ele sorriu com afeto ao falar da irmã adotiva – Ela gostava, agora está crescida e não liga para estas coisas mais – ele deu de ombros.

Um minuto se passou. Um longo minuto.

–É sobre meu passado – disse por fim, para acabar com o clima ruim que pairava sobre aquele quarto – O sonho. Espera aí, como você sabia?

Virei-me para encará-lo. Agora sim eu estava assustada com a hipótese de ele estar às duas da madrugada ao lado da minha cama. Nenhuma resposta que ele me desse poderia justificar o motivo de ele estar no meu quarto tarde da noite, sem que eu soubesse.

–Você sabe o que eu estava fazendo aqui, Kathryn – Ian parecia irritado

por eu não ter as respostas que era ele quem, supostamente, deveria me fornecer. Ele se levantou.

Sentei-me.

–Eu não sei, Ian. Será que você poderia me dizer? – franzi a testa.

–Você sabe que eu adoro ver você dormir, mas nunca cheguei nem perto de você enquanto dormia, a não ser por hoje quando te acordei há uns minutos atrás – ele começou a andar de um lado para o outro enquanto falava “Eu estava ao lado da sua cama quando você começou a gritar, eram umas três da manhã – ele passou a mão na testa rápida e abruptamente, interrompendo a si mesmo. Acho que estava gritando com alguém, no sonho, claro – ele balançou a cabeça – Eu fiquei apavorado com a visão do que estava fazendo com você mesma, K – franzi o cenho, sem saber do que ele estava falando. Ian se aproximou e segurou meu pulso, num gesto bruto, puxando meu braço, ele deixou a mostra varias cicatrizes; cortes.

“Não se lembra de nada? – balancei a cabeça em sinal negativo e ele me soltou, afastando-se outra vez – Eu não sabia o que fazer; me deu alguma coisa. Medo. Acho que foi a primeira vez que tive medo – seus ombros tremeram – Eu peguei a lamina da sua mão, mas você continuava se machucando, se arranhando – engoli em seco. Não conseguia nem imaginar aquelas coisas com um estranho, menos ainda comigo.

“Eu fiquei com medo de te machucar, então eu... eu te beijei. Foi isso – ele piscou varias vezes enquanto olhava para mim – Foi isso que aconteceu. Depois você arrancou a sua blusa e rasgou a minha camiseta – ele parou de falar – E isso foi tudo.

Levantei-me, indignada.

–Então, eu estava quase nua na sua frente e você simplesmente me vestiu e foi para o seu quarto? – sorri com escárnio.

–É, foi isso que aconteceu e não me culpe por ter te visto meio-nua – ele cruzou os braços.

Solucei com raiva.

Raiva de Ian, por que ele estava certo, e raiva de mim por ser louca.

–Me desculpe – disse Ian, me abraçando. Minha primeira reação foi

retribuir. O calor que emanava do seu corpo era tão familiar que me dava vontade de chorar até encharcar a camisa dele – Sinto muito. Esquece o que aconteceu, ta? Não chora – ele sussurrava as palavras enquanto me embalava e para eu me acalmar.

–Eu já to bem – disse me afastando um pouco, ele pareceu magoado com essa distancia que eu delimitara entre nós.

–Me desculpa por ter... te beijado.

Virei-me para ir até o armário e pegar uma roupa, lembrei de algo que precisava perguntar a ele. Só para ter certeza.

–Ian – minha voz era frágil – eu te machuquei? – depois de um instante acrescentei: – Fisicamente.

Ele assentiu suave e quase imperceptivelmente.

–Eu posso ver? – dei um hesitante passo a frente.

Ele tirou a jaqueta de couro, em seguida a camisa, ficando seminua na minha frente. Nada mais justo, já que ele havia me visto seminua também.

Havia vários arranhões e alguns cortes. Ele levantou o pescoço e eu perguntei o que era a mancha roxa em seu pescoço, ele ficou meio desconcertado.

–É um chupão – mordi o lábio – Foi você que fez isso aqui também, Katie.

–Ah, me desculpe.

–Foi muito difícil, sabe, K? – ele foi chegando mais perto até eu estar sentada na cama e ele à minha frente.

–O que foi difícil? – ele se inclinou e sussurrou no meu ouvido: – Resistir a você. Ainda mais para mim que já sou completamente louco por você.

–Então me diz uma coisinha, Ian. Ontem, depois de trocar a roupa molhada, para onde você foi? Hein? Transar com sua amiga? – arqueei a sobrancelha.

Ele se afastou um pouco, com a mão espalmada na lateral da minha cintura.

–Ela é mais amiga sua do que minha – ele encolheu os ombros – E desde quando isso é um problema?

–Como assim?

–Você me tem onde você quer, eu sou seu . Se disser que me quer agora não terá mais nada entre nós, entende? – assenti breve e vagamente.

–Você ta maluco, certo?

–Por você, desde o dia em que você chegou aqui. Você é o anjo que veio me tirar desse Inferno – suas palavras eram pronunciadas lentamente, como se fosse uma poesia.

–Você já me mostrou que sai daqui a hora que bem entender, não precisa da minha ajuda para nada na sua vida – me encolhi toda quando ele ficou mais perto, na verdade, ele estava acima de mim, com uma das mãos apoiadas no colchão e a outra na minha cintura.

–Você me deu motivos para sair, é disso que estou falando. Eu quero fazer coisas com você que antes não tinha vontade, quero te levar para conhecer lugares. Você se tornou importante demais para mim, para que eu posso perder meu tempo estando longe de você, quero que sempre esteja por perto, só para que eu possa apreciar seus olhos. Para que possa sorrir. Você é tão sádica quando não sorri para mim – ele deu um meio sorriso, triste.

–Só quando você me irrita – murmurei incapaz de até mesmo respirar mais alto. Ian estava me deixando sem controle.

–EU TE IRRITO? – ele é quem parecia meio irritado, sua voz rouca era incrível e escandalosamente sexy; suas palavras pronunciadas sem demora, sem um *quê* de pergunta, meio que afirmando.

–Um pouco, às vezes – respirei fundo, o máximo que pude naquele momento – o que quer de mim? O que está fazendo comigo?

–Qualquer coisa, menos o que estiver pensando – passei a língua pelos lábios.

–O que acha que eu estou pensando? Você já disse que não podia ler meus pensamentos ou não estava sendo totalmente honesto? - ele balançou a cabeça.

–É só uma suposição, Katie – ele se ajeitou, ficando ainda mais perto, com um sorriso inabalável – Você acha que eu quero transar com você. É isso que você pensa. Estou certo? – ele já não estava sorrindo.

–Eu não sei, não é isso que você faz com as garotas? – arqueei a coluna e sussurrei – Você as usa.

–As garotas, ta certa. Mas, como eu disse não quero transar com você – ele afastou-me ligeiramente.

–Quero você por perto e sexo iria me afastar de você, o oposto do que eu quero que esteja. Quero você o mais perto possível, o mais perto do que você possa me conceder, quero um espaço na sua vida, umas horas do seu dia.

–Então... não quer transar comigo? – arqueei a sobancelha.

–Claro que eu quero, mas só quando você quiser também. Não quero nada que possa estragar as coisas com você. O que sinto por você vai bem, além disso, será que não entendeu ainda? Quero laços mais profundos. Sexo é fútil e vulgar. Sexo eu faço com qualquer uma, mas o que quero com você não posso fazer com mais ninguém. E eu te beijei, Katie – franzi a testa – Beijo para mim é mais íntimo que sexo, eu posso transar com qualquer pessoa, mas não posso beijar qualquer pessoa, a menos que esteja apaixonado por ela – me ajeitei para enfim poder beijá-lo.

Interlúdio

Katie me jogou na cama dela e agarrou meus cabelos enquanto me beijava de um modo deliberado ao mesmo tempo em que não parecia estar pensando direito, o que me levou a pensar que ela estava sonhando. Mas ela não estava.

Eu é que estava sonhando.

Tive que unir todas as minhas forças para colocar as mãos na cintura dela e afastá-la de mim. E doeu afastá-la de mim daquela maneira. Ela mordeu meu lábio inferior de uma maneira sexy e provocante antes de se afastar um pouco.

–Você não pode fazer isso comigo, está mexendo com a minha cabeça.

Ela sorriu.

–Eu sei – murmurou – Está mexendo com a minha também, Ian, você acha que não mexe comigo? – ela arqueou a sobrancelha levemente e suspirou. Coloquei uma mecha de seu cabelo que caía no rosto atrás da orelha e ela se mexeu desconfortável, saindo de cima de mim.

–Tem um baile amanhã à noite. Na verdade, está mais pra festa – eu nem sabia bem o porquê de estar falando aquilo, eu nem pretendia ir, mas... – É a data em que foi inaugurado o reformatório, então, tem uma festa todo ano – fiz uma pausa, hesitando sobre o que diria a seguir. Katie ficou me olhando, seus olhos eram um tom verde azulado. Segurei sua mão e beijei a ponta de seus dedos – Quero que vá comigo. Eu ficaria muito feliz em estar acompanhado da garota mais linda de todo o sul.

Ela se inclinou e mordeu a ponta da minha orelha e sussurrou no meu ouvido.

–Eu não sou sulista – beijei-a.

Eu não sabia se o que eu sentia por ela era amor, mas eu sabia que

quanto mais eu estava com ela mais eu queria passar mais tempo com ela, e mais e mais. Queria segurá-la, prendê-la junto a mim e jamais deixá-la sair. Eu queria beijá-la, apenas isso e abraçar ela. E a cada segundo a mais que eu passava perto dela eu me apaixonava cada vez mais. Eu não deveria, mas era o que estava acontecendo comigo, eu não tinha escolha a não ser me deixar levar. E eu estava sendo egoísta. Extremamente egoísta.

—Eu sei que não.

Apenas esta noite

Fiquei parada quando ele começou cantarolar *Uncertainty*, deitado ao meu lado, com o braço em volta dos meus ombros e depois a cantar, com a voz meio rouca.

Fiquei deitada na cama, com os olhos fechados, apenas escutando aquela música. As lágrimas se acumularam em meus olhos, mas não ousaram cair.

Sentei-me.

—Como sabia que eu amo essa música?

Eu não estava olhando para ele, mas fingi que estava. Isso era algo que eu não conseguia fazer. Não naquele momento.

—Eu não sabia — ele encolheu os ombros — Apenas apostei que você gostaria, apostei que ela fosse boa o bastante para você — ele respirou fundo.

Assenti suavemente.

—Ahh.

—Agora, é melhor se vestir se quiser ir para a aula. Vai começar o segundo tempo daqui uns minutinhos.

—Claro.

Forcei meu corpo pesado a se levantar para encarar mais um dia de aula.

Por sorte a semana já estava acabando.

Quinze minutos depois eu estava pronta para ir à aula. E animada. Normalmente, eu estaria de mau-humor depois de um banho frio, mas tinha me animado. Abri a porta e dei de cara com Ian me esperando. Ele estava lindo, como sempre, todo de preto. Estava usando suéter,

jaqueta jeans, calça jeans, sapatos sociais e seus óculos de sempre. Ele abriu um sorriso impecável. Por um instante me perguntei se não seria melhor arrastá-lo para o meu quarto, mas mantive o controle.

Coloquei uma mecha do cabelo atrás da orelha. Eu estava boquiaberta, fato que não poderia ter passado despercebido por ele.

Ian se aproximou e praticamente enfiou a língua na minha boca, se aquilo não tivesse o nome de *beijo*. Suas mãos envolveram minha cintura e pressionou meu corpo contra o batente da porta, tirando meus pés alguns centímetros do chão, para ficarmos na mesma altura. Soltei um gemido diante de seu toque. Então ele me soltou, deliberadamente e entrelaçou seus dedos aos meus, sorrindo.

–Vamos para a aula – ele ajeitou os óculos.

–Você dormirá no meu quarto hoje – disse Ian, em um tom calmo e relaxado no meu ouvido no meio da aula de religião enquanto o professor falava sobre Céu e Inferno.

–O quê? Ficou maluco? – virei-me para encará-lo. Ele balançou a cabeça, incrivelmente sério.

–Sabe porque estou falando isso e é uma afirmação, não uma pergunta. Arqueei a sobrancelha.

–Do que está falando, Ian?

–Não vou deixar que se machuque daquele jeito novamente, Kathryn Karmel – ele voltou sua atenção para a aula e eu tentei fazer o mesmo, entretanto, estava nervosa demais para prestar atenção em qualquer coisa, além do cara que estava sentado ao meu lado, calmo, depois do que havia me dito. Respirei fundo.

Trate de se acalmar, K, foi o que eu disse a mim mesma. Minha aula no ultimo tempo era de Arte, no entanto eu precisei faltar. Quando cheguei a sala da Sra.. Martin minha visita já estava lá. Quando a diretora saiu e nos deixou a sós eu me joguei em seus braços.

–Vince – sussurrei – Minha nossa, eu senti tanto a sua falta.

–Como estão as coisas por aqui?

–Está tudo bem – ele enxugou uma lágrima em meu rosto com o polegar.

Levei alguns segundos para me controlar.

–Trouxe o que eu pedi? – sorri, ele pegou algumas coisas e me entregou.

O vestido era de renda preta, com mangas compridas que iam até os pulsos, bem comportado, mas com um decote na parte de trás, em formato de V. Não era muito curto, era perfeito.

–Tem mais – ele me deu uma sacola com uma meia-calça preta e outra caixa com uma sandália de salto preto, nem alto demais nem baixo demais. Do jeito que eu gostava.

–É perfeito – sorri, guardando tudo em seus respectivos lugares – Se tivesse sido eu a comprar seria a pior roupa e o pior sapato do mundo, mas eu amei.

Sentamo-nos e eu contei tudo a ele, sobre Ian e todas as coisas que haviam acontecido, com algumas exceções, é claro. Havia coisas que ele jamais poderia saber. E eu me culpada por isso, por não poder dizer a ele tudo que eu desejava. Ele era a única pessoa que eu confiava no mundo. Eu também sabia que poderia confiar em Ian, mas era diferente. Ele não sabia de todos os meus segredos. Estava completamente alheio à meu passado.

Claro eu algum dia eu lhe contaria tudo sobre meu passado, mesmo que eu quisesse que tudo já estivesse acabado, o passado ainda estava vivo dentro de mim, nos meus sonhos também. E se nossa relação fosse a frente eu teria que contar a verdade, o problema era que estava recente demais e eu não sabia como contar aquelas coisas à ele.

Vince se levantou, segurando minha mão esquerda, ele sorriu.

–Katie, eu tenho que ir, sinto muito por só poder ficar tão pouco, mas ainda tenho que trabalhar por hoje.

–Tem que tirar umas férias, Vince. Você trabalha demais – sorri – Merece ter um pouco de descanso de vez em quando.

–Eu farei isso. Quem sabe não viajamos juntos nas suas férias? – ele depositou um beijo na minha bochecha e saiu.

Ian apareceu do nada enquanto eu tentava abrir a porta do quarto com aquela enorme caixa. Ele a pegou cuidadosamente da minha mão e me ajudou a abrir a porta, colocando tudo sobre a cama.

–Quem era aquele cara com quem passou as ultimas duas horas? –

havia um toque de irritação e ciúmes tomando conta de sua voz. Cruzei os braços.

–Vince não é um cara, é praticamente um pai pra mim, por falta de uma palavra melhor – e mais adequada.

–Bom – Ian sorriu e deu um beijo na minha testa – É bom que esteja com fome, por que eu comprei comida.

–Você já a beijou? – perguntei enquanto comia cheeseburger, sentada no chão do quarto de Ian, ao lado dele. Dei um gole na minha coca e esperei que ele me respondesse. Ian sabia que eu estava me referindo a Kaitlyn e nem tentou fingir que não sabia. Ele balançou a cabeça suavemente.

–Não – ele deu uma mordida no cheeseburger, desinteressado tanto pelo comido quanto pelo conversa.

–Sério? – minha atenção se voltou completa e totalmente para ele – Nunca mesmo?

–Não, nunca. Se por *beijar* está se referindo à um beijo na boca, não. Acredito que não estava me levando à sério quando eu disse que, para mim, beijar é muito íntimo.

Assenti lentamente enquanto terminava de comer.

–Ainda vai ao seu quarto? – ele perguntou enquanto jogava as embalagens no lixo.

–Não tenho certeza se quero dormir aqui, parece íntimo demais pra mim compartilhar a cama com você – ele caminhou até mim e ajudou-me a levantar.

–Não vamos compartilhar a mesma cama. Eu não preciso dormir, mas meu corpo humano precisa. Eu só durmo às vezes. Na maior parte fico acordado, fazendo meu trabalho. Então, eu posso ficar só te observando dormir – seus lábios se curvaram num sorriso, como se me ver dormir fosse um verdadeiro hobby para ele.

–Eu vou pegar meu pijama – ele me deu um beijo antes de eu sair. Quando voltei Ian estava usando calça de dormir xadrez e uma camiseta branca. Ele se virou. Escovei os dentes e coloquei o pijama,

um short roxo e uma camiseta azul. Havia o cheiro dele na cama, Ian ficou me observando com seus olhos verdes. Parecia mórbido demais.

Interlúdio

Ela estava dormindo como um anjo.

Meu anjo.

Até começar ter um pesadelo, no meio da noite quando parecia estar bem. Ela começou a se mexer e jogou os cobertores para o lado; ofegante.

– Não toque em mim – ela gritou. Ela estava segurando minha mão com tanta força que os nós de seus dedos ficaram brancos e minha mão dolorida.

Entretanto, eu não a soltei, eu não conseguia fazer nada. Coloquei as mãos em seus ombros quase em cima dela. Seus olhos verdes estavam abertos, no entanto enquanto ela estava sonhando eles pareciam perdidos e sem vida, ao contrário de quando estava acordada: – K, acorde. Katie – chamei-a em tom de voz baixo.

– Não me machuque, por favor – as lágrimas escorriam de seus olhos – Não me machuque – ela implorou.

– Kathryn – chamei-a com a voz suave; carinhosa. Ela fechou os olhos e os abriu, em seguida.

Ela está acordada.

Peguei um copo de água, no criado-mudo ao meu lado e ajudei-a a beber.

– Me desculpe – foi a única coisa que ela disse quando me entregou o copo. Coloquei-o de volta no lugar. Isso me chocou. Por que diabos ela estava se desculpando?

– Pelo quê? – antes que ela tivesse a chance de abrir a boca para responder, eu puxei as cobertas, cobrindo-a e prossegui: – Cale a boca e volte a dormir.

Ela fungou e apoiou o cotovelo no travesseiro.

–Eu te machuquei? – não era bem uma pergunta. Ela sabia que sim. Puxei o braço quando ela viu o arranhado.

–Não quero que se afaste de mim, quero te manter por perto. Isso eu já deixei bem claro – deslizei o polegar pela sua bochecha corada. Ela sorriu debilmente – Não fique triste, você não tem ideia de como seu humor me afeta. Eu não posso ficar feliz se você estiver assim triste. Amanhã é um novo dia, pensa nisso. Nós vamos para aquela festa e você vai se divertir. Confie em mim. Eu vou cuidar de você. Eu prometo.

Deitei-me na cama com ela e abracei-a. O que eu mais precisava naquele momento era tê-la nos meus braços e fazê-la acreditar que estava segura comigo. E, em algum nível, ela deve ter acreditado, por que ela adormeceu em meus braços. Sem mais sonhos.

Segundas intenções

A cordei ainda cedo. Era sexta e o sol ainda estava baixo. O ar ao redor era frio. A única coisa que me mantinha aquecida era Ian. Seus braços ao meu redor. Estávamos tão embolados que foi impossível levantar sem acordá-lo. Ele deu um sorriso estonteante antes de abrir os olhos.

Nossos lábios se tocaram, intensamente, e ficamos assim, sem nos movermos.

–Bom dia pra você também – ele sussurrou com os lábios colados aos meus.

Ele me virou e fez com que eu ficasse por baixo dele, enquanto me dava centenas de beijos.

Ian beijou meu pescoço, em seguida meu ombro.

–Você me deixa sem controle me acordando assim – ele passou a mão pelas minhas costas, me deixando arrepiada.

Arquejei e Ian me beijou, me seduzindo. Sua língua penetrando minha boca.

Meu Deus! Se ele podia me deixar daquele jeito só com um beijo...

–Você quer ser minha namorada?

Fiquei meio surpresa e levei meio segundo para responder.

–Isso não é justo – disse ofegante. Ian me beijou novamente – Por que eu não poderia recusar.

Ele beijou meu pescoço.

–Isso é um *sim*?

–Isso é um *sim*!

Ele me beijou novamente e deitou ao meu lado, levantei-me depois de

me recuperar do efeito do seu beijo e de suas palavras.

–Então, agora você é minha namorada? – ele perguntou ainda deitado, fitando o teto.

–Acho que sim – tirei o short e me enfiar no meu jeans. Coloquei uma blusa preta e folgada do *Ramones*.

–Não acha que está muito cedo para estar de pé? – ele se virou para me encarar. Encolhi os ombros.

–Não estou com sono. Estou ansiosa para que as aulas acabem logo.

–Só por que não temos aulas juntos hoje?

Ele sorriu e pegou minha mão, me puxando de volta para a cama. Ian passou um braço pela minha cintura e se apoiou com o cotovelo para me encarar.

–Isso é uma loucura, sabia? – disse buscando seu olhar mais do que nunca.

–Eu sei – ele passou os dedos pelos meus cabelos – eu sei.

Ele beijou minha testa e me deixou ir.

Quero te levar para almoçar. Está afim?

Era uma mensagem de Ian. Isso alegrou o meu dia ainda mais. Depois de aulas de história, álgebra e inglês.

É claro que eu estou.

Faltavam apenas três minutos para tocar o sinal e ele disse que passaria na minha sala para me levar para longe dali.

Com a história da tal festa não teríamos aulas à tarde e os alunos seriam liberados para irem às compras, enquanto arrumavam a escola.

Quando o sinal tocou todo mundo saiu e eu ainda estava respondendo

a uma mensagem de Ian. Foi quando percebi que não estava completamente sozinha. Kaitlyn estava ali. Ela usava uma blusa com mangas compridas, apesar do calor, e parecia meio doente. Ela estava extremamente pálida, seus lábios estavam secos e ela segurava o livro de história junto ao corpo – Kaitlyn, como você está? – tentei sorrir, mas era óbvio que ela não estava nem um pouco a fim de olhar pra minha cara.

E mais óbvio ainda era que ela não estava bem. Ela caminhou até mim, com um débil sorriso nos lábios.

– Oh, por favor. Não seja falsa, K, não comigo – franzi as sobrancelhas.

– O quê? – endireitei minha postura.

– Acho que está bem claro de que estou me referindo a Ian, certo? – ela estava assustadoramente perto de mim e desejei que Ian chegasse logo. Por que ele estava demorando tanto? – Eu deixei claro para que ficasse bem longe dele assim que chegou aqui, no entanto, devo dizer que você foi capaz de seduzi-lo. E depois de séculos e mais séculos eu não estou disposta a perdê-lo para uma vadia. Uma mortal qualquer.

– Você transava com ele e eu sou a vadia? Obrigada por isso, mas se quer saber, estamos indo bem sem sua ajuda. Ou interferência.

– Você está se iludindo, querida. Talvez até ele esteja iludido também. Sobre esse papinho furado de amor. Afinal, é para mim que ele vem todas as noites, K.

– Não nos últimos dois dias, aposto. Desde que ele está comigo. Ele me contou do *relacionamento* de vocês dois – fiz aspas com os dedos enquanto pronunciava lentamente a última palavra.

Ela se aproximou. Kaitlyn não me assustava. Nem mesmo seu rosto sombrio; sem emoção. Seus olhos vazios que me fitavam até o âmago.

– O problema, K, é que você é lindamente Mortal e irá morrer. É uma consequência da vida. Um dia ela chegará ao fim – ela sorriu, com sarcasmo.

– Ótimo! – eu *senti* quando Ian entrou na sala, mas sua chegada não interrompeu minhas palavras. Não ousei me calar – Eu não iria querer viver para sempre amando alguém que não se importaria comigo a ponto de me dar um único beijo sequer. Nada além de sexo.

Percebi que minhas palavras haviam magoado-a, profundamente, mas ela precisava ouvi-las. No entanto, não dava a mim o direito de tê-las dito.

–Está tudo bem por aqui? – ele perguntou para mim, mas sua atenção estava completamente voltada para Kaitlyn.

Assenti sutilmente.

Ian se aproximou, segurou minha mão e pegou minha bolsa de cima da mesa.

–Foi bom te ver Kaitlyn – disse enquanto íamos até a porta, acenei antes que ela se fechasse.

–O que foi que você disse a Kaitlyn? – ele abriu a porta do conversível para mim e entrou logo em seguida, acelerando.

–Acho que escutou o suficiente, certo? – nós nos entreolhamos por alguns instantes antes de ele voltar sua atenção para a estrada novamente.

–Você não poderia ter dito aquelas coisas a ela – ele disse depois de alguns longos minutos de silêncio. Ian balançou a cabeça e olhou para mim por um segundo – Você a magoou.

Quando ele viu o quanto eu estava surpresa; boquiaberta, ele continuou: –Não querer nada com ela não significa que eu não me importe com os sentimentos dela. Eu não quero que Láquesis sofra. Eu me importo com ela – ele respirou fundo.

Voltei meus olhos para a estrada, em parte por que não queria que Ian percebesse que eu estava com ciúme dele e Kaitlyn, em parte por que perder nosso precioso tempo falando de Kaitlyn estava me irritando, mas ainda assim eu precisava fazer mais uma pergunta e mesmo que fosse absurda eu esperava que ele respondesse com o máximo de naturalidade que pudesse.

–Como era quando vocês transavam? – ele reduziu consideravelmente a velocidade para me encarar, aturdido.

–Eu não vou responder – ele foi aumentando a velocidade; gradual – Isso é ridículo, K.

–Não, não é – respirei fundo, mantendo os olhos fixos na estrada a nossa frente quando passamos por uma placa dizendo que estávamos em uma cidade chamada *Forty hills* – Eu só... Preciso saber, ok?

–Em primeiro lugar, você não precisa saber. E em segundo, eu não vou ficar falando dela desse jeito... Vulgar. E em ultimo – ele suspirou – podemos não falar dela mais?

Assenti.

–Sim, nós podemos.

Ele dirigiu por mais alguns minutos, aproveitei o silencio para ligar para Vince, como ele não atendeu, eu decidi enviar uma mensagem de texto.

Precisamos conversar. Me liga quando puder falar. Bjo.

Estávamos no restaurante, comendo, quando Vince finalmente retornou a ligação.

–Oi – disse quando atendi.

–Que voz é essa? Aconteceu alguma coisa? Está tudo bem?

Dei um risinho nervoso.

–Não, eu estou bem.

Ian estava me encarando abertamente e nem sequer tentou disfarçar isso.

Vince fez uma preocupante pausa antes de prosseguir em tom de voz estranho.

–Eu ia ligar, mas não queria atrapalhar seu almoço, deixei para ligar à noite.

–O que está acontecendo?

Houve mais uma pausa antes do mundo desabar.

–Você se lembra quando eu disse, há mais ou menos um ano, que iria procurar pela sua mãe biológica. Demorou algum tempo, por falta de tempo, mas principalmente por que eu não sabia por onde começar – engoli em seco – Há algumas semanas eu comecei a analisar algumas

câmeras de vigilância e... eu descobri quem é a sua mãe.

–K, você está bem? – ele se levantou e veio até mim. Levantei-me também – Você está pálida.

Eu o vi chamar o garçom e pedir a conta. Eu fiquei em silêncio, até passarmos pelas portas de vidro.

–Katie, você está bem? – Vincent quebrou o silêncio que havia se instalado entre nós.

–Mas que merda, Vince! – explodi – Claro que eu não estou bem. Eu te disse que não queria saber dela. Deixe o passado no passado. Por que desenterrar essa história? Justo agora.

Engoli as lágrimas e respirei fundo, tentando controlar a raiva que estava sentindo. Não de Vince, por que eu jamais conseguiria ficar irritada com ele, mas com *ela*.

Fiquei mais calma, depois de dizer o que precisava ser dito.

–Eu sei, K, eu sei, mas...

–Já basta! Precisamos conversar pessoalmente. Não dá pra resolver por telefone o que fazer com essa informação.

–Tudo bem, mas só posso sair daqui à segunda-feira. Estou cheio de trabalho e não posso sair e abandonar tudo assim.

–Tudo bem, nós nos vemos na segunda, então – concluí, encerrando a chamada.

–O que houve? – Ian perguntou sem olhar para mim. Talvez ele soubesse que isso era tudo que eu não precisava naquele momento.

–Coisas do passado. Não quero falar nisso agora – ele me encarou pelo que eu calculei serem dez segundos antes de eu explodir.

–Eu sei que mais cedo ou mais tarde vamos ter que conversar sobre isso, se nós dois quisermos levar essa nossa relação em frente, mas, agora realmente não é uma boa hora, Ian – Ian freou o carro, fazendo com que eu fosse de encontro ao painel do carro, mas ele segurou-me antes que eu pudesse me machucar.

–Se quisermos levar essa relação à diante...

–Em frente – corrigi.

–...nós já estamos levando essa relação em frente ou ao menos foi o que eu pensei que estávamos fazendo, me corrija se achar que eu estou

errado. É isso que estamos fazendo, Katie?

–Acho que sim – hesitei um instante antes de responder a sua pergunta.

Ele tirou os óculos e pude olhar em seus olhos sob a luz morna do sol. Seus lindos e perfeitos olhos verdes. Ele me puxou mais para si, beijando-me.

Primeiro seus lábios tocaram os meus de forma quase que imperceptível, depois a pressão da sua boca contra a minha foi se tornando mais intensa.

Eu me afastei dele, repentinamente e saí do carro. As lágrimas escorriam dos meus olhos de modo incontrollável.

Eu o senti atrás de mim antes de realmente poder vê-lo. Ian segurou meu cotovelo antes de me puxar e me abraçar, aninhando-me junto a ele.

–Eu sei que todas as suas defesas têm a ver com o seu passado, então a única coisa que eu posso fazer é ter paciência. Eu quero ser seu porto seguro, tudo que você precisar. Eu não vou te pressionar, não vou nem mencionar seu passado. Eu vou esperar que esteja pronta para me contar o que quer que seja. Preciso que confie em mim. Então, eu irei te amar e espero que seja o suficiente para que me ame também. Eu quero cuidar de você.

Funguei e ergui um pouco a cabeça para que pudesse observá-lo.

–Minha vida é complicada, Ian. Você precisa saber no que está se metendo antes de entrar nela.

Ele sorriu afetuosamente e enxugou uma lágrima no meu rosto.

–Eu já estou dentro, meu anjo.

Olhei no espelho pela centésima vez para me certificar de que tudo estava perfeito. Cabelo, vestido... ouvi batidas na porta e quando abri vi o cara mais perfeito do mundo vestido um terno cinza. Tive vontade de puxá-lo por aquela gravata azul para o meu quarto.

–Minha nossa. Você com certeza é a garota mais linda do mundo – ele sorriu e me puxou pela mão, me fazendo dar uma *voltinha*.

–Você não está de se jogar fora – sorri e fechei a porta. Ian fez questão de entrelaçar seus dedos aos meus enquanto caminhávamos em direção aquela música que fazia o chão vibrar.

Não houveram grandes acontecimentos, foi praticamente uma *festa normal*, se os convidados não fossem de um reformatório, foi o mais normal possível.

E estava tudo perfeitamente bem. Até Kaitlyn aparecer. Ela estava linda, num vestido longo bege e os cabelos loiros soltos em volta dos ombros e Ian a cumprimentou.

–Qual o problema? – Ian sorriu para mim depois de Kaitlyn ter saído.

–Nada. Só *meu namorado* dando em cima de uma garota na minha frente – dei de ombros, indiferente e virei o rosto quando ele deu um beijo na minha bochecha.

–Eu não estava dando em cima dela, ela só disse *oi* e eu como bom sulista fui cordial e cumprimentei uma bela dama.

–Bela dama, é? Então, por que não vai lá dançar com ela? – soltei a mão dele.

Ian continuou sorrindo.

–Porque você está aqui, meu anjo.

Ele se inclinou para me dar outro beijo na bochecha e deixei que ele me desse um na boca, só por que Kaitlyn estava olhando para ele, para deixar claro que Ian era meu.

–O que ainda estamos fazendo aqui? – perguntei depois de algum tempo. Começou a tocar *Uncertainty*.

–Mais uma dança. Depois vamos para qualquer outro lugar.

Nós dançamos abraçados aquela que era considerada a *nossa* música.

–Vamos para a minha casa – disse Ian, me puxando pela mão até o carro dele.

–Então, me deixe ver se entendi bem. Antes vocês estavam ficando e agora estão namorando?

–Correto – assenti.

Ian colocou duas canecas com leite morno sob a bancada da cozinha.

Sorri e Karolyn pegou uma das canecas e se levantou.

–Eu vou deixá-los a sós. Á julgar pelos seus trajes eu poderia supor que fizeram um longo caminho antes de virem para cá e que devem estar cansados. Então, boa noite.

–Boa noite.

Ian me deu uma camisa dele para vestir, já que eu ainda estava com o vestido da festa.

Tirei o vestido e coloquei a camisa e soltei o cabelo.

–Pronta para dormir? – ele perguntou enquanto enfiava uma camisa pela cabeça.

Balancei a cabeça afirmativamente.

–Amanhã será um longo dia, então trate de descansar – terminei de soltar o cabelo. Ele havia me dado lenços para tirar toda aquela maquiagem.

Deitei-me em sua cama e ele deitou ao meu lado puxando os cobertores e me cobrindo até a altura do queixo, então passou um dos braços pela minha cintura enquanto afagava meus cabelos com a outra.

–Está tudo bem, meu anjo? – ergui a cabeça.

–Meu anjo, é? Quando foi que eu me transformei em um anjo e não fui informada? – sorri.

–Você é o meu anjo, e não fuja da pergunta. Está tudo bem?

–Está sim – suspirei e descansei a cabeça no travesseiro.

–Vê se descansa um pouco – ele murmurou com os lábios nos meus cabelos. Sorri.

Peguei no sono rapidamente estando em seus braços.

Passado

— A corda, anjo — Ian sussurrou no meu ouvido. Estávamos deitados de lado, com sua mão na minha cintura, do jeito que havíamos dormido.

— Existe algum motivo para eu ter que acordar cedo num sábado? — perguntei sem abrir os olhos.

— Já está tarde, são nove horas e eu tenho planos pra você hoje. O dia inteiro, lembra?

— Não está tarde, mas se você tem planos... — me virei e beijei-o furtivamente antes de pular da cama — Eu poderia até pensar em me acostumar a isso, mas... eu estou quase nua, na sua cama e você também está quase nu, então...

— Você *quase* parece mãe de um adolescente tentando falar de sexo — ele sorriu e se sentou na beirada da cama.

— Não que...

— Shh — ele colocou o indicador levemente em meus lábios; calando-me

— Vai tomar um banho e ficar prontinha para sairmos que eu vou arrumar algo coisa para você vestir. O que acha disso?

— Perfeito — ele se levantou e dei-lhe um beijinho na bochecha. Ian girou a maçaneta — Eu preciso conversar com você a noite — Ian apareceu no banheiro quando eu estava enrolando-me na toalha, eu quase gritei, mas ele não me deu tempo para isso. Jogou um vestido em cima de mim e fechou a porta novamente.

Desci as escadas lentamente, apoiando-me no corrimão, usando um vestidinho preto de tecido leve com botões, que ia até a metade das minhas coxas e tinha manga curta.

Ian estava na cozinha preparando o café da manhã e Karolyn estava sentada à sua frente, na bancada comendo panquecas.

— Bom dia — ela se virou rapidamente oferecendo-me um sorriso

afetuoso.

–Bom dia – sorri. Eu ainda estava tentando me acostumar ao fato de ela ser uma Deusa.

Ian me ofereceu uma caneca de café que eu aceitei sem hesitação.

–Ficou lindo em você – disse ele apontando para o vestido. Dei um gole no café.

Coloquei a caneca na bancada e me inclinei sobre ela. Karolyn conversava sobre Ian e ele sorria ao mesmo tempo em que preparava o café da manhã.

–Ops! Esqueci-me de avisar que teríamos visitas hoje – exclamou Karolyn. Virei-me para a porta e às vi entrar. As três Moiras. Cloto, Láquesis e Átropos. Jasmine, Kaitlyn e Joanne. Ian as cumprimentou, educadamente.

Ele ainda estava sem camisa e percebi que Kaitlyn ficou observando seu corpo perfeitamente escultural.

–Não liga pra essa ceninha toda, não. Elas três o idolatram – disse Karolyn baixo o bastante para que ficasse claro que ela estava falando comigo, mas não o bastante para que apenas eu escutasse.

–Isso não é o contrário, Flora? – rebateu Jasmine em um tom um pouco agressivo.

Karolyn girou na cadeira, virando-se para encará-la, sorrindo.

Jasmine franziu os lábios.

–Minha cara, eu só estava falando para a namorada dele o quanto elas deve se preocupar com três malucas *devorando* o *namorado* dela com os olhos – ela encolheu os ombros – Nada demais.

Ian caminhou até ela e colocou as mãos em seus ombros rapidamente.

–Acalme-se, irmãzinha.

Ele entrelaçou seus dedos aos meus, de forma íntima.

–Nós temos planos pra hoje, mas fiquem a vontade – ele pegou as chaves do carro e caminhamos até a porta.

Ninguém ousou dizer mais uma palavra. Pelo menos até passarmos pela porta.

Quando voltei para a casa de Ian eu estava exausta, mas ainda assim eu tinha que conversar com ele. Abrir-me e jogar logo a verdade no colo dele. O que ele faria a seguir caberia a ele, o importante era que eu estava revelando meus segredos mais profundos a ele.

Ele passou o dia inteiro me mostrando a cidade e me fez comer uma centena de coisas. Levou-me a pontos turísticos da cidade, já que eu mal conhecia aquele lugar no qual eu havia sido praticamente jogada.

Ele acendeu a lareira de seu quarto quando percebeu que eu estava tremendo. Frio ou medo, eu não saberia responder se ele perguntasse por qual dos dois eu estava tremendo.

–Eu preciso falar com Karolyn. Dois minutos, anjo Ian depositou suavemente um beijo na minha testa. Ele tirou a roupa que estava usando o colocou a calça do pijama. Ele saiu e me deixou.

Sozinha, servi-me de uma dose de uísque e virei tudo de uma vez só. A bebida queimou tudo por dentro. Antes que eu tivesse tempo para uma terceira dose Ian estava de volta.

–Você disse que queria conversa comigo. Está tudo bem, meu anjo?

–Senta aí, Ian. Vamos conversar – ele fechou a porta e fez o que eu disse.

Apoiei meu quadril na escrivaninha ao lado da mesa de bebidas e olhei fixamente para ele.

–O que eu significo para você, Ian?

Ele hesitou por um instante antes de dizer firmemente: – Tudo. Você é tudo para mim, Kathryn. Eu te amei no momento em que eu te vi naquele corredor.

Respirei fundo por um instante. As lágrimas estavam me atingindo, me fazendo perder a coragem. Engoli as lágrimas e continuei.

–O que eu vou te contar aconteceu há... Oito anos. Quando eu tinha nove anos de idade e fui adotada, por assim dizer, por uma família de NY. Eu fiquei tão feliz e pensei que daquela vez eu realmente teria uma família, uma de verdade. Que não seria como todas as outras vezes. Eles eram perfeitos. Já tinham dois filhos. Adam, o mais novo tinha 13 e Bianca de 12.

“Eles eram legais – eu não estava olhando para ele. Eu não conseguiria

suportar o peso de seu olhar. Não naquele momento. Fiz uma pausa tão longa que cheguei a pensar que não teria forças para continuar, no entanto, continuei – eu tinha nove anos quando ele me estuprou ao longo dos anos em que vivi naquela casa.

Ian levantou no mesmo segundo e passou os braços pelo corpo e encostei a cabeça em seu ombro enquanto chorava.

–Meu anjo – ele afagou meus cabelos – Que coisa horrível. Só um monstro teria coragem de fazer algo assim com você.

Quando ergui a cabeça seus olhos brilhavam. Não o brilho habitual, do qual eu já estava acostumada, mas um brilho de raiva e ódio.

–Ian – ele limpou as lágrimas do meu rosto com os polegares.

Ele segurou meu rosto entre suas mãos e me beijou suavemente.

–Eu jamais permitirei que alguém faça algum mal a você, meu anjo.

Passei os braços em torno dele.

–Tem mais coisas que eu preciso te contar.

–Você pode me dizer qualquer coisa, Kathryn. Qualquer coisa.

Respirei fundo.

–Eu sou rica. Não, rica não. Eu sou milionária – ele ergueu a sobrancelha – Os... pais do Adam foram condenados e obrigados a pagar uma indenização para mim. Cinco milhões de dólares – respirei fundo com um suspiro – quando a Bianca descobriu tudo ela chamou a polícia. E quando tudo isso estava acontecendo... Vince foi quem apareceu na minha vida, para me salvar.

“Acho que, sem ele, eu teria desabado, por conta de toda pressão emocional. Eu era só uma garotinha, envolvida em processos judiciais e disputas por dinheiro. Ele me salvou de tudo aquilo que eu julgava ser meu pior pesadelo. Eu mal sabia o que acontecia. Vince é o meu melhor amigo. Ele é um pai para mim, Ian. Foi ele que cuidou de mim quando eu precisei... por isso é importante para mim que vocês se deem bem. Você entende?

Ele assentiu suavemente e me deu um beijo na testa, rápido, suave e carinhoso.

–Eu vou fazer de tudo que eu puder fazer para me dar bem com ele, K. Eu prometo. Eu quero fazer tudo certo com você – ele sorriu

afetuosamente com os lábios pressionados em meus cabelos – Você é o acontecimento mais importante em toda a minha existência. E tão rapidamente se tornou a pessoa mais significativa no meio de tudo. E pare de pensar no que está pensando, por que a resposta é *não*.

Franzi as sobrancelhas.

–Pensar? Você disse que não podia fazer isso, Ian – havia uma pontinha de irritação na minha voz.

–Só quando você me deixa fazê-lo, mas na maioria das vezes não.

–E no que eu estou pensando agora, então?

–É difícil dizer com precisão, seus pensamentos são confusos demais – ele balançou a cabeça – Porém, você estava pensando em *sexo* alguns segundos atrás.

Corei com a simples menção daquela palavra.

Ele puxou minhas pernas e me colocou no colo, sorrindo.

–Eu não quero estragar as coisas com você, K. Já te disse isso mais de uma vez. Quero fazer as coisas certas com você, então, por que não deixa de ser cabeça oca e aceita isso, hum? O que acha de revermos esse conceito em... dois anos? – ele me deu um beijinho rápido antes de continuar – Eu te amo mais do que qualquer coisa que possa existir no mundo. E eu nunca me senti assim com nenhuma outra pessoa.

–Você me ama mais do que amava à Lanore?

Senti seu corpo ficar rígido de repente, apenas com uma simples menção ao nome dela.

–Eu não quero falar dela. Isso é passado. Deixe o passado no passado, meu anjo – ele deslizou o polegar suavemente pela minha bochecha.

Soltei-me de seus braços e me afastei.

Ele cruzou os braços.

–Você pode amar alguém e ter de deixá-lo ir o que é totalmente diferente de tê-la arrancada de você. Só me responda se ainda a ama.

Aproximei-me dele novamente.

–Olha nos meus olhos e me diz se ainda a ama. Diz o que sente por ela.

–Meu anjo – ele segurou meu rosto entre suas mãos trêmulas – Eu não posso mentir para você. Sim, eu a amei. Lanny foi muito importante

para mim e foi subitamente arrancada do meu coração. Mas isso foi há muito tempo.

Tirei suas mãos delicadamente de mim.

–Você não pode esquecer alguém que ama, Ian.

Aquele conversa era sobre o meu passado, mas de alguma maneira havia se tornado sobre ele.

Caminhei até a porta e girei a maçaneta, mas antes que pudesse abri-la Ian me puxou, fazendo-me girar e me beijou.

Eu me debati em seus braços, tentando em vão me soltar. Empurrei-o e mordi seu lábio. Ele me agarrou pelos pulsos e me colocou contra a parede, então, me soltou do nada.

Eu estava ofegante. Então, dei uma tapa na cara dele com tanta força que meus dedos ficaram latejando.

–Nunca mais faça isso – girei a maçaneta e sai correndo pelo corredor. Ouvi os passos de Ian atrás de mim enquanto eu seguia pelo corredor até descer as escadas.

–Kathryn, espera, por favor – ele segurou meu braço quando eu estava aos pés da escada.

–Fica longe de mim, Ian – as lágrimas escorriam dos meus olhos, eu simplesmente não podia controlar. Comecei a esmurrá-lo, mas isso não fez com que ele me soltasse.

–Me escuta – disse ele irritado.

–Não, eu não vou te escutar – tentei me soltar novamente. Isso só fez com que ele me segurasse com mais força.

Vi uma sombra descer as escadas.

Joanne.

Ela ficou alguns degraus acima. Ela usava um vestido preto solto.

–Meu anjo... – ele sussurrou.

–Solte-a, Ian – ele se virou na direção dela – Solte-a. Eu estou mandando.

Ele me soltou. Mas eu continuei parada lá, sem conseguir me mover, fiquei encarando Joanne.

Por que Ian fez o que ela mandou?

Era algo que eu não conseguia entender.

–Por que você não cala a boca e volta pro seu quarto? – disse Ian.
Fui até Jo quando ela me chamou, por mais incrível que fosse por que ela havia tentado me matar.
–Não vá embora – disse Jo – Fique aqui essa noite. Está tarde para você ir embora.
Ela subiu mais alguns degraus.
–Venha, eu arrumo o quarto de hóspedes para você – assenti. Dormi o dia inteiro logo depois que cheguei ao reformatório. Só acordei quando Ian entrou no meu quarto e deixou comida lá.

Mesmo que eu estivesse me sentindo doente eu fui para todas as aulas na segunda. Ian não estava em nenhuma. Eu estava era mais ansiosa para que o dia acabasse logo para que eu pudesse encontrar Vince. Eu gostaria que Ian estivesse comigo enquanto eu caminhava pelo corredor em direção à sala da diretora.

Comecei a ficar meio tonta e quase desmaiei no corredor, mas duas mãos me seguraram, impedindo-me de despencar no chão.

Um perfume familiar inundou o ar rapidamente. Ele me colocou de pé, seus braços me envolvendo de maneira suave. Então, me largou.

–Me desculpa por ontem, Ian – foi a única coisa que me veio a cabeça
– Me desculpa por ter brigado com você. Eu sinto muito. Eu fui uma idiota, eu não deveria ter lhe dito aquelas coisas, eu sinto muito.

As lágrimas escorriam pelos meus olhos. Ian me abraçou a me embalou como uma criancinha. E era exatamente daquilo que eu precisava naquele momento.

–Kathryn, eu trouxe tudo que preciso para te provar o que eu disse. Tenho documentos.

–Você a procurou?

–Eu entrei em contato com ela por telefone, no entanto, ela está fora do país por alguns dias. Eu sinto muito por ter feito isso – ele fez uma pausa respirando fundo antes de continuar, como se para arranjar

coragem – Eu marquei um encontro com ela.

–O quê? – eu estava boquiaberta.

–Bem, se você não quiser ir comigo eu irei entender e acredito que ela também irá.

–Como assim, ela irá entender? Eu não posso simplesmente ir lá dar um abraço e um beijo nela e chamá-la de mamãe. Ela me abandonou, Vince. Não é simples assim para eu poder ir vê-la.

Eu estava me exaltando e falando um pouco mais alto do que o normal e Ian deve ter percebido meu nervosismo. Ele colocou a mão no meu ombro e eu respirei fundo, afundando-me novamente na cadeira.

Olhei para Ian ao meu lado, seus olhos verdes reluzentes. Ele apertou meus dedos trêmulos com ambas as mãos, enquanto sorria suavemente para mim.

Voltei novamente minha atenção para Vince.

–E qual o nome dela?

–Cristina Walker.

Parei de respirar por cinco segundos.

–Algum problema, K? – perguntou Vince.

Ian estava tão surpreso quanto eu.

–Eu a conheço – foi tudo que eu consegui dizer.

–Ela é minha mãe – disse Ian, por fim.

Mamãezinha querida

Levantei-me com a intenção de sair daquela sala, mas Vince me impediu de sair. Sequei as lágrimas dos meus olhos e disse a mim mesma para permanecer ali sem chorar. Obriguei-me a manter o controle.

–Me expliquem essa história – pediu Vincent.

–Cristina é minha mãe adotiva. Nós três somos filhos adotivos, ela não pode ter mais filhos. Tudo que eu sei é que ela não pode ter mais filhos por conta de uma complicação que ela teve no parto da primeira filha dela. Ela disse que havia tido uma filha, mas ela morreu.

–Eu não quero mais saber dessa história – disse levantando-me outra vez. Dessa vez caminhei até a porta e Ian estava ao meu lado.

Ele abriu a porta para eu sair.

Corri pelos corredores até estar na porta, quando eu enfiei a mão no bolso e uma mão me puxou, fazendo girar nos calcanhares. Meus lábios foram de encontro aos seus e ele me beijou tão intensamente a ponto de eu mal conseguir respirar, então ele me soltou e me encarou por um instante.

–Você está bem?

Balancei a cabeça e me joguei em seus braços, ele me abraçou enquanto eu chorava.

–Você quer conversar sobre isso? – assenti e abri a porta do quarto. Nós entramos e eu me sentei na cama e pedi que eu sentasse ao meu lado.

Limpei as lágrimas e funguei.

–Quando eu era mais nova, eu ficava pensando se a minha mãe me amava e por que ela havia me deixado – eu não conseguia mais controlar as lágrimas – e que só as boas meninas mereciam ter uma

mãe.

–Meu anjo... – ele me abraçou. Apoiei o queixo em seu ombro enquanto chorava – Isso vai passar, você vai ver. Você vai ficar bem.

–Eu preciso de você, Ian. Preciso que esteja ao meu lado, por favor – funguei.

Afastei-me um pouco dele. Ian deslizou o polegar pelo eu rosto enxugando as lágrimas.

–Diz o que você está sentindo, meu anjo.

Respirei fundo.

–Eu amo você – passeis os braços em torno de seu pescoço e sorri por entre as lágrimas – Eu amo você – beije-o mais uma vez.

Ficamos alguns instantes só nos encarando.

–Mesmo com essa coisa toda da minha mãe biológica acontecendo, eu estou feliz, Ian. Eu estou feliz com você. Eu te amo – beije-o novamente enquanto sorriamos.

–Eu também te amo, meu anjo.

–Minha nossa, eu... eu nunca senti isso por ninguém. Estar apaixonada assim, te amar assim. É tão bom que chega dói.

–Eu estou aqui pra quando você precisar, isso é o que eu quero que você saiba – ele deu um beijo na ponta do meu nariz.

–Eu amo você – segurei seu rosto entre minhas mãos e beije-o novamente, desta vez com mais intensidade – eu nem acredito que estou aqui, te dizendo isso. E que fique claro que eu jamais disse isso a ninguém.

Ele me abraçou e eu chorei até que aquela dor me deixasse adormecer.

Joguei as cobertas para o lado e fiquei de pé, sentindo dores em todas as partes do corpo que estava meio sem forças. Ian segurou-me pelos ombros, ajudando-me a ficar de pé, quando eu quase desabei no chão.

Fui até o banheiro lavei o rosto e escovei os dentes. Quando saí Ian me entregou um copo de plástico com café.

–Obrigada – dei um gole no café que devia ter custado uns seis dólares fosse onde fosse que ele havia comprado.

Ele sorriu; perfeito como sempre. Desta vez seus olhos estavam negros.

–Você vai para a aula?

Assenti, dando mais um gole no café.

–Eu tenho que encarar a minha vida, Ian. Eu não posso fugir quando tudo começa dar errado, bem que eu queria, mas infelizmente, não posso.

–Eu tenho uns assuntos para resolver, então não vou poder ir com você para a aula hoje. Desculpe-me – ele sorriu e eu mordi o lábio. Ele me abraçou e afagou meus cabelos meio bagunçados.

–Podemos conversar depois da aula? – ele perguntou colocando a mão na minha nuca e me beijando suavemente.

Balancei a cabeça afirmativamente.

–Que horas?

–Umas sete. Eu te espero no meu quarto as sete – confirmei que estaria lá e ele saiu.

Sentei-me com um garoto ao lado de um garoto chamado Ethan, que parecia normal demais para estar num lugar igual aquele. Nós conversamos durante as aulas sobre livros, filmes e gostos que tínhamos em comum. Na hora do almoço ele me chamou para sentar com ele e me apresentou algumas pessoas, que também pareciam normais demais para pertencerem àquele lugar.

Durante todo o tempo pude sentir que as Moiras me observavam a certa distancia. Não houve uma aula sequer em que ao menos uma das três não estivesse lá e aquilo estava começando a me deixar assuntada. Ethan e eu tínhamos quase todas as aulas juntos e embora fosse estranho demais eu nunca tê-lo notado, preferi considerar aquilo tudo como uma feliz e alegre coincidência.

Quando acabou a última aula, despedi-me de Ethan e de todo mundo e corri até o quarto, tomei banho e coloquei um vestido branco com forro que renda e uma jaqueta jeans azul clara. Aproveitei o tempo que ainda faltava para fazer as atividades e estudar para uma prova no dia seguinte.

Fiquei contando os segundos para às sete para ver Ian logo. Fui

praticamente correndo até lá. Bati na porta e quando ele abriu pulei em seus braços e passei as pernas em torno de sua cintura e os braços em volta de seu pescoço, beijando-o vorazmente. Ele segurou minhas coxas, impedindo-me de cair e afastou os lábios por um instante.

–Boa noite pra você também, meu anjo – ele sorriu com os cabelos bagunçados.

–Minha nossa, você não faz ideia do quando eu senti sua falta – ele me beijou leve e rapidamente e eu segurei sua nuca puxando-o mais para mim.

–Eu também senti a sua– afastei-me por um instante mal podendo respirar.

Ian empurrou uns livros para o lado e me colocou na escrivaninha enquanto nos agarrávamos. Só depois de alguns minutos nos beijando sem parar foi que paramos para que pudéssemos respirar e conversar.

–Sobre o que você queria conversar comigo?

Ele me ajudou a ficar de pé e pediu que eu me deitasse na cama dele, e eu fiz o que ele disse. Ele deitou e eu me deitei ao seu lado, com a cabeça apoiada em seu peito. Ele respirou fundo, pegou minha mão esquerda e começou a fazer círculos na palma de modo carinhoso.

–Eu quero que você me diga umas coisas. Sobre seus sonhos – ele respirou fundo mais uma vez – Karmel, primeiro, eu quero que saiba que eu amo você mais do que qualquer coisa, independente de qualquer passado que possa existir ou qualquer outra coisa que possa nos atrapalhar. Qualquer coisa – minha mão esquerda começou a tremer sutilmente e meu coração acelerou. Ian apertou levemente minha mão tremulo e a levou até os lábios. Ele beijou meus cabelos. Fechei os olhos – Mas eu preciso saber para te ajudar com o que quer que esteja acontecendo, meu anjo.

–Ian, por favor, é difícil pra eu falar disso. Tudo o que eu quero é poder fingir que isso jamais aconteceu. Eu sei que não posso esquecer, então quero apenas não falar nesse assunto – virei-me apenas o suficiente para fitá-lo e virei a cabeça novamente.

–Katie, você não acha que precisa de ajuda? Isso é muito grave, esses sonhos e você se machucar. Eu não posso ficar parado e ver você se

machucando. Você é importante demais para mim.

–Eu não estou pronta para falar disso. Dê-me um tempo, eu prometo que vou te contar tudo, só me dê um tempo pra pensar sobre isso e pra tomar coragem – ele me deu um beijinho na bochecha.

–Tudo bem, mas não vá me fazer esquecer isso.

–Eu vou contar, Ian. Eu prometo.

E me fez virar e encará-lo.

–Você já pensou em ir a um psiquiatra ou algo assim? – ele perguntou, escolhendo as palavras com cuidado – Talvez um profissional possa te ajudar, meu anjo.

–Eu passei os últimos oito anos da minha vida fazendo terapia. E ainda fazia até algumas semanas. Isso nunca me ajudou em nada. Eu simplesmente ia até ele, contava o que estava acontecendo e o que eu estava sentindo e ele me aconselhava.

–Talvez sejam seus problemas com confiança. Diga-me o que está sentindo, meu anjo.

Ian colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha e pressionou o polegar suavemente contra minha bochecha, ele sorriu e eu retribuí seu sorriso com afeto. Não dava para esconder meus sentimentos por ele.

–Eu estou feliz Ian. *Extremamente* feliz. É assim que eu fico quando você está por perto. E sobre as coisas estranhas sobre você, eu tenho tentando encarar da maneira mais natural possível, por que eu não consigo ficar longe de você, isso me dá uma sensação boa de paz de espírito. Você é a minha *heroína* – beijei-o inalando seu perfume e falei quase que num sussurro: – Acho que estou viciada em você.

–Eu vou fazer de tudo para que você seja o mais feliz possível e não vou deixar nada nem ninguém estragar sua felicidade.

–Promete?

Ele depositou suavemente um beijo na minha testa, sorrindo afetuosamente.

–Eu prometo – ele murmurou.

Faltei vários dias de aula e passei quase todo o meu tempo livre com

Ian e Ethan, que me passava às matérias. Eu realmente não estava bem para estudar.

—Quando você vai voltar para a aula?

—Na segunda, eu prometo – sorri. Eu abri a porta e ele me deu um beijo na bochecha como forma de despedida.

—Até mais, K, eu te vejo na segunda.

Quando me virei para deixar Ethan passar me deparei com Ian nos observando com olhar de que queria socar Ethan, o que eu realmente achei que pudesse acontecer.

Ethan se virou e viu Ian parado atrás dele.

—Ethan, esse é o Ian – Ethan, educadamente estendeu a mão para Ian, que o ignorou –, meu namorado. Ian, esse é meu amigo Ethan.

—Oi, amigo da Katie. Tchau, amigo da Katie – ele acenou sarcástico.

Ethan se despediu e foi embora.

Cruzei os braços na altura do peito e encarei Ian.

—Não dava, ao menos, pra fingir que você tem um pouquinho de educação e tê-lo tratado bem?

—Não. Não me agrada a ideia de chegar aqui e ter um cara saindo do seu quarto e te beijando – ele entrou no meu quarto e me puxou, fechando a porta.

—Sem ataques de ciúme, por favor – sussurrei, ao perceber o quanto ele estava perto. O quanto a sua boca estava tão perto da minha, tão acessível. Ele me beijou, pressionando meu corpo contra a parede e com os braços na minha cintura. Ian só parou de me beijar quando eu fiquei sem ar. Ele pressionou sua testa contra a minha.

—Eu não estou dando ataque de ciúme, meu anjo. Será que eu tenho que ficar te lembrando constantemente que você é minha?

Respirei ofegante.

—Do jeito que você fala parece que é o meu dono – libertei-me de seus braços e fiquei de costas por alguns segundos enquanto lutava para respirar. Virei-me para encará-lo, finalmente.

—Não foi isso que eu quis dizer – ele segurou meu rosto entre suas mãos frias.

—Eu sei, eu sei – aninhei meu corpo junto ao seu. Ele me abraçou com

toda a intensidade da qual eu precisava naquele momento.

–Ótimo. Por que não quero nenhum cara perto de você.

–E eu não quero Kaitlyn perto de você. Devo me preocupar com isso?
–afastei-me.

–Não se depender de mim. Você sabe que eu jamais tive nenhum interesse nela. Não romântico – ele deslizou os braços suavemente pelos meus e me puxou para si outra vez. Ian me beijou, sugando meus lábios, prendendo-os entre os seus.

–Ian. Podemos conversar? – parei de beijá-lo, mas continuei perto dele.

Muito perto.

–Sobre?

Ele foi me dando beijinhos, da boca às clavículas.

–Sua mãe – senti sua língua em meu pescoço e soltei um gemidinho. Mordi o lábio – Ian. Isso é sério.

–Eu sei. *Isso* também é sério. Pode falar. Sou todo seu e estou ouvindo.

–Acho que não quero conhecê-la, quer dizer, falar com ela – ele me deu mais um beijo de língua. Sua boca tinha gosto de hortelã.

–Por que não? – ele finalmente parou de me beijar para olhar em meus olhos.

Dei de ombros.

–Se ela *me jogou fora* foi por que não me quis na vida dela, então, não haveria motivo para eu aparecer agora.

–Eu entendo, mas você deveria procurá-la, querida. Ela tem o mesmo direito que você de saber. Ela pode não ter tido condições de te criar, financeiras, psicológicas – ele deu ombros suavemente – Cristina pode ter tido as razões dela. Duvido que foi apenas porque *não te quis*. Assenti e beijei-o, querendo encerrar aquela conversa. Dei alguns passos para trás puxando-o comigo. Caímos na cama e puxei a camisa dele, entretanto Ian me impediu de fazer isso pairando alguns centímetros acima de mim com um sorriso.

–Kathryn – ele expirou lentamente.

–Ta bem – puxei-o outra vez para mais um beijo.

Ian colocou o joelho apoiado no colchão na altura do meu quadril e eu agarrei os cabelos dele sentindo uma leve dor nos nós dos dedos. Ele gemeu e penetrou minha boca com a língua de um jeito sexy e provocativo.

Suguei os seus lábios com os meus. A tensão sexual entre nós era quase palpável. Ele se afastou primeiro me dando chance para respirar.

–Se você não ficar distante de mim *agora mesmo* há o risco de eu arrancar sua roupa – ele respirou fundo com certa dificuldade.

–Fica aqui comigo. Por favor.

–Como eu posso dizer *não* a você, me olhando desse jeito?

Ele se inclinou segurando minha nuca me deu um beijo inocente porém demorado, mantendo seus lábios nos meus pelo máximo de tempo possível.

Ian ficou ali comigo, sem falar nada. Eu sabia que ele estava dormindo, mas, fora o som baixo da sua respiração e o calor que emanava de seu corpo em direção ao meu, não poderia ter certeza se haveria ou não alguém ali além de mim. Ele estava sem camisa. Só usava uma cueca boxer. Fiquei puxando os pelos de seu peito, os pouquíssimos pelos que ele ainda tinha.

Eu não conseguia dormir, não com os pensamentos que rodopiavam por ali e *com* certeza, não com Ian quase nu ao meu lado. Mesmo que eu o que eu sentisse por ele fosse muito, muito além de simples atração eu ainda não conseguia dizer a ele que o amava, não depois do dia em que Vince havia contado sobre Cristina. Mesmo que ele me dissesse constantemente que me amava. Eu estava meio que esperando o momento certo, sem nenhum desespero, nem nada. Estava a espera do momento da certeza como se fosse mesmo acontecer, assim de repente. Remexi-me na cama e passei a perna esquerda por entre as dele. Seu peito se movia num vagaroso ritmo.

–Eu acho que amo você – murmurei – eu não sei o que está acontecendo aqui dentro – pousei a mão dele em meu peito –, por isso é confuso, mas acho que te amo. Isso parece ridículo. *Isso* é realmente

ridículo. Mas o amor é ridículo mesmo, então, tudo bem por mim – fiz uma pausa longa, *quase* percebendo o quão ridícula eu poderia estar soando – Não é uma sorte eu ter você para amar? – meus olhos começaram encher de lágrimas – você é melhor para mim do que eu mereço que seja e... – coloquei a cabeça no travesseiro olhando para o teto – eu quero ser boa para você. Quero ser melhor do que jamais serei. Você é a melhor pessoa do mundo, mesmo que ache que não – revirei os olhos – e eu realmente queria ter alguma coisa bonita para te dizer todos os dias em que estivermos juntos – pausa – você me acostumou muito mal e não consigo mais ver um futuro sem que você esteja nele. Seria uma tortura.

Segurando um coração

— Ian, por que você foi embora? Eu acordei e você não estava mais lá.

—Katie, fale baixo – ele me alertou em tom de voz baixo. O professor continuou falando, mas parecia que ninguém estava interessado.

Ian levou tanto tempo para responder que achei que não fosse fazê-lo. Estávamos sentados nas ultimas cadeiras, no fundo da sala.

—Eu escutei o que disse ontem. Não estava dormindo – ele estava girando o lápis entre os dedos.

Minhas bochechas ficaram vermelhos.

—O quê? E... por que não disse nada? Por que me deixou continuar falar feito idiota.

—Você estava tão linda que eu fingi que estava dormindo para ouvir o que tinha a dizer – ele deu um meio sorriso e virou-se para mim. Fiquei encarando o caderno por alguns instantes, depois olhei para ele.

—Me desculpe.

—Pelo que está se desculpando?

—Eu não sei. Pelo que disse, eu acho. Eu queria dizer, mas você não deveria ter escutado. Eu sinto muito – virei-me fingindo estar atenta a aula; no que o professor Colin dizia.

—Oh, K – ele colocou a mão sobre a minha – Não se desculpe, tudo bem? – ele me fez girar e olhar para ele – Eu adorei tudo que escutei ontem, amor.

—Ta, sem mais desculpas hoje – dei um sorriso torto e ele colocou sua mão sobre a minha.

—Meu quarto hoje.

Passei a noite no quarto de Ian e enquanto conversava com ele eu disse que tinha pensado na noite passada e decidido que queria falar com Cristina. Ou queria ao menos que ela soubesse que eu era a filha dela.

–Se precisar de qualquer coisa, pode me pedir.

–Quero falar logo com ela. Amanhã é sábado e é melhor ser o mais depressa possível antes que eu perca meu último sopro de coragem – respirei fundo. Estava com a cabeça apoiada em seu peito nu.

–Eu te amo.

–Eu sei – beijei-o no escuro.

Eu insisti para que Vince não fosse; sabia o que acontecia ali, eu mesma já havia presenciado coisas estranhas naquela casa.

Ian abriu a porta do carro dele para que eu entrasse e hesitei por longos segundos até que finalmente entrasse e fôssemos para a casa dele. A casa da minha mãe.

Eu não disse nada durante nosso curto *passeio*. E foi como se, de alguma maneira, ele esperasse que eu iniciasse uma conversa. Um silêncio mais do que mortal. Quando Ian parou o carro na frente da casa dele eu demorei algum tempo para sair do carro. Era uma mistura de medo e ansiedade.

–Você está bem? – Ian tirou os óculos escuros.

–Claro. Estou ótima, só imagino como ela reagirá – saí do carro e ele segurou minha mão.

Não dissemos mais nada. Cristina estava sentada numa poltrona, ela se levantou imediatamente quando Ian abriu a porta. Ian tinha me contado que Vince tinha contado para Vince no dia anterior que eu era filha dela e isso me pouparia algum tempo e desgastaria a minha coragem que já era pouquíssima. Respirei fundo olhando para ela. Eu tinha vontade de chorar estando ali, tão perto da minha *mãe*. Mãe essa que me largou. Mesmo assim, naquele momento eu não sabia o que dizer para ela. Cristina me observou por um longo segundo. Os dedos de Ian ainda estavam entrelaçados aos meus e Cristina ateu-se a cada detalhe.

–O que pretende, Srta. Afternoon? – ela finalmente resolveu dizer, ou

melhor, perguntar.

–Não entendo – minha voz soou trêmula. Ela sorriu; com sarcasmo. Eu conseguia sentir as lágrimas.

–Eu não estou nem aí se você é a minha filha. Não ligo para você. Para mim você não é a minha filha e deveria entender isso. Se me importasse, não teria te abandonado quando você nasceu, Kathryn. A questão é que não quero você e Ian juntos. Ian é *meu* filho – ela falava dele como se fosse uma propriedade dela – e você é uma bastarda. Foi só um empecilho na minha vida. Mas depois que joguei você fora, tudo voltou ao normal.

Uma única lágrima saiu do meu olho esquerdo.

–Você não faz ideia do que eu passei por sua causa. Eu não preciso de você, eu vivi muito tempo sem precisar. E a sua obrigação era cuidar de mim e me proteger – as lágrimas escorriam pelas minhas bochechas – você *era* a minha mãe, seu papel era ter me protegido.

Ian puxou-me pelos ombros.

–Suas atitudes me enojam, Cristina – ele franziu as sobrancelhas, como uma criança.

–Eu não preciso de você. Nunca precisei e posso continuar vivendo sem mãe, como eu sempre fiz.

Ela parecia estar se divertindo, apesar de, quando eu olhava em seus olhos não havia muita coisa. Apenas uma mulher insensível. E eu... chorando como uma criancinha que perdeu o pirulito.

–Não quero vocês dois juntos. Tecnicamente, ela é sua irmã, Ian.

–Vai a merda com esse seu papo furado. Você não é minha mãe. E eu não moro mais aqui. Pode ficar com a casa todinha pra você.

Ela o chamou de volta, mas Ian nem ousou olhar para trás. Ian me colocou no carro e deu algumas voltas pela cidade para me deixar respirar direito, enquanto meu choro se transformava em algo entre lágrimas doces e soluços.

–Você não precisa dela, meu anjo.

–Eu sei, mas doeu – as lágrimas vieram à meus olhos novamente e Ian parou o carro para me abraçar.

Quando estávamos de volta ao reformatório eu pedi a Ian que me deixasse sozinha e ele me deixou, depositando um beijinho de boa noite na minha testa de maneira protetora, como um pai faria com uma filha.

Assim que acordei, pouco antes das sete, meu telefone tocou. Era Elijah. Mesmo que eu não soubesse por que ele estava me ligando.

–Elijah, por que está me ligando?

–Preciso conversar com você, está ocupada? É importante, Katie.

–Tudo bem, pode vir aqui, se é mesmo importante, Elijah.

Antes de eu colocar o telefone novamente no criado-mudo ele bateu na porta. Convidei-o a entrar, mesmo concordando comigo mesma que aquela visita dele era absurdamente estranha.

Fechei a porta quando ele entrou. Elijah virou-se para mim e começou a falar.

–Katie, eu venho aqui em nome do Conselho, enquanto você e Ian descumprem ordens expressas para deem fim a este relacionamento. Agora, eu venho falar diretamente com você, a espera que tenha um pouco mais de juízo que ele.

Tossi.

–Está me dizendo que veio aqui, a essa hora para me dizer que *quer* que eu termine com *meu* namorado, como se o seu querer fosse alguma coisa relevante?

–Por Deus, Katie. Eu não estou *pedindo* que termine com ele e nem estou aqui como o cara que está afim de você. Estou aqui como membro do Conselho e também como amigo e por que eu gosto de você, te dando um aviso prévio antes que o Conselho te convoque para uma audiência, numa sala onde há apenas acusadores, sem nenhuma defesa. Então, estou te defendendo enquanto ainda posso, Kathryn.

–Eu não tenho medo do Conselho, Elijah e agradeço pela sua preocupação, mesmo que seja ela desnecessária.

–Eu estou apaixonado por você – ele fez uma pausa estranha e ficou me encarando, como se eu devesse dizer alguma coisa, e acho que devia, só não sabia direito o quê. Elijah parecia procurar alguma coisa em meus olhos – Mas você já sabia disso – ele desviou os olhos.

–Eu sinto muito, Elijah. Talvez se tivéssemos nos conhecido antes, em algum outro momento, mas agora... – foi doloroso até para mim dizer aquelas palavras e eu pude ver em seus olhos o quanto doía cada palavra minha – *eu* estou apaixonada por Ian e é por isso que eu não posso te dar ouvidos, nem fazer o que está me aconselhando a fazer.

Sem perder muito tempo, analisando o que eu deveria ou não fazer, coloquei os braços em seus ombros e puxei-o para mim.

–K, não precisa fazer isso – ele colocou as mãos em meus ombros e me afastou, calmamente.

–Isso, o quê?

–Ter pena de mim. Eu estou bem e não vou morrer por amor.

Dei risada e desviei os olhos dos dele por um segundo.

–Uma declaração e um fora no mesmo minuto. Você deveria ganhar algum prêmio. Mas, vamos falar do Conselho, já que é disso que veio falar – ele assentiu sutilmente – quem são os membros do Conselho?

–Somos seis membros. Eu, obviamente, Cloto, Láquesis, Átropos e Ângelus.

Ele fez uma pausa esperando que deduzisse o óbvio e fizesse a pergunta do milhão.

–E quem é o sexto membro?

Ele sorriu, com um retrato de ironia estampado em seu rosto.

–Ian.

–O quê? Ele nunca...

–Nunca te contou? Há coisas sobre ele que você não sabe, e são muitas as coisas. Você ainda não puxou o fio da meada. Se eu fosse você perguntaria ao seu namoradinho, o qual está *apaixonado* o que ele faz quando não está com você. Aposto que a resposta iria te intrigar.

Eu não disse nada, tamanha minha surpresa, quando Elijah abriu a porta e deu um passo para fora, embora minha surpresa tenha sido demasiadamente maior quando ele levou um soco no rosto e caiu.

Só depois de alguns instantes foi que Ian realmente entrou no meu campo de visão, por cima de Elijah esmurando a cara dele. Ele agarrou um punhado de tecido da camisa de Elijah, esmurando-lhe a face.

–Ian, para. Pelo amor de Deus.

Elijah saiu de baixo dele e levantou, desaparecendo em seguida. Pisquei os olhos para ter certeza do que tinha visto. Ian se virou para mim.

–Por que está chorando?

–Oh, meu Deus! – entrei no quarto sem responder a sua pergunta.

Ele entrou atrás de mim e fechou a porta, trancando-a, mesmo que aquilo me incomodasse depois do que tinha acabado de acontecer.

–Por que está chorando, Katie? Vamos, me responda.

–Por que fez aquilo com Elijah? Você chegou aqui batendo nele. Que *merda* foi aquela, Ian?

–Você o chama pelo nome agora? Não finja que não sabe que ele é apaixonado por você. Ele mesmo já foi até mim e deixou claro que faria qualquer coisa para tirá-la de mim – ele fez uma breve pausa, respirando fundo – e agora ele te faz visitas à essa hora da manhã?

–Ele veio aqui falar do Conselho, e sim, ele me disse que é apaixonado por mim. Isso muda alguma coisa para você? Por que para mim continua na mesma – ele não disse nada, então prossegui – o que muda as coisas aqui é o fato de você ter espancado alguém na porta do meu quarto. Eu odeio violência, de qualquer tipo.

Depois de alguns instantes respirando fundo, sentei-me na cama, expirando todo o ar dos pulmões.

–Me desculpe, meu anjo. Foi uma coisa impulsiva e eu ainda estava com raiva. Da Cristina, por ontem. Perdoe-me – ele franziu as sobrancelhas e aproximou-se relutantemente, em passos hesitantes, embora firmes.

Levantei os olhos para ele e franzi os lábios, meu rosto contorcendo-se em algo semelhante a um sorriso, misturado a algo doloroso.

–Têm sangue dele na sua camisa, Ian – ele não disse nada – por que não me contou que faz parte do Conselho? Por que espera que eu saiba pelos outros, coisas que tenho que saber por você?

–Eu não sei por que Morte te contou isso, mas isso era algo que eu realmente não poderia ter contado pra você. O Conselho é... complicado. É um jogo de poder e eu não queria envolvê-la nas

complicações da minha vida.

—Quem matou Lanore?

Dessa vez ele fez uma pausa acentuada antes de olhar nos meus olhos e responder.

—Angelus, ele arrancou o coração dela na minha frente — ele cerrou os punhos — e eu não pude fazer nada para salvá-la.

Ele desviou os olhos, passando a mão pelos cabelos, bagunçando-os, em seguida olhou para mim, suas sobranceiras franzidas.

—Você está assustada. Está com... medo de mim?

Balancei a cabeça e enxuguei uma lágrima, mais de frustração. Ainda não conseguia entender por que continuava chorando.

Cobri o rosto com as mãos. Ian ajoelhou ao meu lado, na beirada da cama e segurou meu queixo entre o polegar e o indicador, fazendo-me encará-lo.

Passei a língua nos lábios, suntuosamente enquanto ele continuava a me observar de maneira constrangedora.

—Por que você não pode simplesmente esquecer o Conselho?

—Está tudo bem, Ian. Eu não tenho medo de você. Só fiquei brava por não ter me contado, mas está tudo bem. Vamos deixar o Conselho pra lá — tentei sorrir, mas pareceu uma coisa forçada demais para quem estava tentando esquivar-se de uma discussão.

Passei os braços pelos seus ombros e abracei-o.

—Eu preciso de um tempo sozinha, para pensar sobre tudo isso. Por favor, não ache que estou brava ou tentando... me esquivar... de você. Nem de nada.

Apertei-o ainda mais forte, como se para ter certeza que ele sentiria ou que estava ouvindo, entretanto Ian continuou em silêncio. Enfim, ele se soltou e se afastou.

—Eu vou te dar tempo, se é o que quer. Embora eu não concorde em ficar longe de você, eu concordo que você precisa associar o que têm acontecido.

Ele se aproximou novamente e deu um beijo na minha testa. Ian recuou alguns passos até chegar à porta, destrancando-a como se temesse ser ouvido. Ele se foi.

Ela veio destruir

Quando percebi que minhas possibilidades de socialização eram praticamente nulas, resignei-me a passar todo o meu tempo livre na biblioteca, procurando títulos velhos e esquecidos e pensar em alguma coisa para escrever para faculdades, já que não demoraria muito tempo para terminar o ensino médio, mesmo com aquela confusão toda eu não podia esquecer que eu ainda era humana, medíocre e teria que escrever até extrair alguma coisa dos meus neurônios que uma Universidade fosse valorizar e me colocar no tópico do qualificados para poder estudar. Eu ficaria feliz em qualquer que fosse. Mas eu tinha meus sonhos de Harvard ou Toronto.

Uma semana sem ver Ian. Livros velhos e empoeirados, que me davam alergia, era tudo que eu tinha naquele fim de mundo.

Na noite de domingo Ian me mandou uma mensagem, que para mim, não tinha muito nexo, mas que eu reli umas duas, três ou quatorze vezes, foi tudo que tive na última vez. Ele nem ia mais às aulas. E na noite de domingo, eu estava na biblioteca, praticamente sozinha.

De repente o alto-falante soou dizendo que a biblioteca iria fechar dentro de dez minutos, e que, todos os estudantes deveriam se dirigir a saída mais próxima, dentro do horário. A voz, que eu não acreditava ser da diretora nem da bibliotecária, invadiu toda a sala. Parecia-se com um quadro-negro sendo arranhado, dizendo que quem estivesse na biblioteca depois do horário de fechamento, seria punido severamente, segundo o regulamento da *escola*. Juntei todas as minhas coisas e enfiei alguns papeis dentro da bolsa e coloquei-a no ombro, estava caminhando em direção a porta que dizia Saída Leste, quando ouvi vozes, então parei, assim que percebi se tratar da voz de Ian há duas prateleiras de onde me escondi.

Ele estava falando com uma garota e tentei me concentrar no que

estavam dizendo, pois falavam muito baixo, como se para ninguém escutar ou como se fosse um segredo. Mil e uma coisas se passaram pela minha cabeça.

–Eu não posso sair com você, gracinha. Muito menos ir a uma festa. Sinto muito, mas sem chances.

–Pense bem, ta – pude vê-la inclinar-se, um botão de sua blusa estava aberto, deixando uma grande parte de seu sutiã a mostra. O que faltava era ela rasgar as roupas e deitar nua numa daquelas mesas – Tanto quando pensa em Lanny.

Ian puxou a camisa dela e abotoou dois botões, meio apressado.

–Não toque no nome dela, Kaitlyn Deveroux – ele franziu o cenho.

–Eu sei de coisas sobre ela que você jamais imaginou. Por acaso pensou em pesquisar sobre a vida dela? Acho que não.

Ele se afastou.

–Você não sabe nada sobre ela, Láquesis. Cale a boca – ele disse com os lábios perto demais dos dela. Ian passou a língua pelos lábios.

–Você sabia que ela transava com Elijah em... 1864? E em 1863? Ela traía você com ele. E agora, mais de 150 anos depois a história de repete. ou... como você acha que irá acabar isso? Vocês não podem ficar juntos. Quando vai conseguir interpretar isso de maneira coerente? Pelo amor de Deus, Ian.

–Já chega, Kai. Você já disse o bastante. Chega – ele passou a mão pelos cabelos rapidamente, em seguida olhou para ela de maneira intensa – Kathryn não é assim e eu confio nela.

Aquela curta frase não me causou nem um pouco de alívio apenas um calafrio por imaginar que eles falavam de mim, sabe se lá Deus o quê eles falavam.

–Eu não sei o que te dizer. Mas, sobre Lanore, eu tenho mais coisas e te dizer. É só – ela ajeitou o colarinho da camisa dele – Me dar algo em troca.

Ele franziu as sobrancelhas.

–Sabe que eu gosto de sexo selvagem – suas palavras foram acompanhadas de um risinho irônico/lascivo.

Meu estomago estava se revirando e fiquei com ânsia de vômito.

Saí correndo de onde eu estava em direção à Saída Leste e abri a porta, correndo pelo jardim morto e seco que cercava tudo ao redor. Pude ouvir os passos de Ian atrás de mim.

–Katie, espere. Escute-me, por favor – alguns instantes depois ele me alcançou e me agarrou pelo cotovelo, fazendo-me girar e encará-lo.

–Me larga, eu não quero falar com você. Fica longe de mim – tentei me soltar e puxar meu braço, mas ele era cem ou mil vezes mais forte do que eu, o que fez com que eu me machucasse.

–Eu só quero dizer que... o que você escutou, ou o que eu acho que você escutou, para sair correndo desse jeito, não foi nada. Foi apenas a Kai, sendo... a Kai. Nada além disso, meu anjo.

–Não me chame de *meu anjo*. Eu não sou *seu anjo*. Me solta.

–Só me escuta – ele me puxou para mais perto – Por favor. Eu vou te soltar, mas não corra de mim. Eu só preciso que você me entenda.

Minha expressão se tranquilizou, mas meu coração continuava batendo forte dentro do peito, as minhas veias pulsavam rápido, fazendo o mundo virar e perder o foco ao meu redor. Tudo que eu queria era sair dali. Meus olhos começaram a se encher de lágrimas.

–Eu não preciso da sua explicação – com estas palavras ele me soltou, mas eu estava com raiva demais e sem pensar no quão fundo iriam minhas palavras – Eu não preciso que me explique que *merda* o que estava fazendo na biblioteca com *ela*. Eu não me importo – ele abriu a boca para dizer alguma coisa, a decepção em seu rosto denunciava tudo que ele não conseguiu dizer.

Virei-me, sem qualquer tipo de remorso pelas minhas palavras e deixei-o parado no meio de plantas mortas.

Fui para o meu quarto, totalmente alheia a Ian, aos sentimentos dele, se é que ele tinha algum, naquele momento eu já não tinha certeza, mas havia algo na minha mente, enevoando meus pensamentos, que eu havia me apaixonado por um monstro. Sem sentimentos, nem humanidade. Ainda assim a pessoa mais doce que eu conhecia. Joguei água no rosto quando tive vontade de chorar e liguei para Vince, estava

tarde, mas ele atendeu. Vince sempre costumava dormir tarde, trabalhando em casos esforçando-se ao máximo para resolvê-los.

–Loirinha. Faz tempo que não me liga – ele sorriu, aquele sorriso doce que me fazia bem, mesmo estando há milhas e milhas de qualquer lugar.

–Loirinha? Essa eu não sabia. Eu tenho estado bem ocupada com trabalhos, provas e essas coisas e... bem. Ian também me ocupa uma parte do tempo – sorri, apesar de não saber mais se aquilo era bem uma verdade.

–Eu entendo – ficamos em silêncio; –Eu te amo, Vince. Espero que você saiba, você sabe, certo?

–Eu sei e também te amo, mas por que está me dizendo isso? Está acontecendo alguma coisa?

–Não, não está acontecendo nada. Nada que você possa ajudar. Eu só... briguei com Ian e acho que a culpa foi minha e... não sei se tem algo que eu possa fazer a respeito e nem se tem... volta.

–Kathryn, se tem uma coisa que eu aprendi foi que se você errar sempre pode se desculpar e outra coisa que aprendi no pouco tempo que passei com Ian é que ele te ama. Ele cuida de você e te protege até do que você não precisa ser protegida. Então, se você errar se desculpe. Uma ou duas vezes na minha vida eu vi um homem como ele amar tanto uma mulher.

–Obrigado, Vince. Acho que você está certo, mas como está indo tudo por aí?

Ficamos mais vinte minutos conversando.

Vincent disse que o advogado daria notícias sobre o processo de manhã e que ele me ligaria assim que pudesse. Quando enfim desligamos fiquei olhando para o papel de parede do celular, que era uma foto minha e de Ian. Tentei tirar uma foto bonitinha, mas acabou com ele com o nariz no meu pescoço, uma marca levemente avermelhada e uma foto para o papel de parede e para o contato dele.

Tudo aquilo duas semanas antes.

Liguei para Ian.

Chamou duas vezes e eu pensei em desligar, por que se ele atendesse

eu não saberia bem o que dizer. Quando afastei o celular da orelha apareceu na tela que ele havia atendido e ouvi sua voz, que soava um tanto sonolenta.

–Por que está me ligando tão tarde? Está tudo bem?

–Está, eu... ah... me desculpe por mais cedo e desculpe por ligar tarde. Eu vou... desligar agora – minha voz era hesitante demais para alguém que deveria ou achava ter certeza de alguma coisa.

–Não, não desligue. Está tudo bem, você pode me ligar à hora que quiser e precisar. Eu estava esperando você ligar, mas estava cansado.

–Estava me esperando ligar? E se eu não ligasse?

–Eu iria atrás de você. eu não te deixaria ir assim, sem uma boa discussão. Nem pensar – ele sorriu e eu acabei sorrindo também.

–Eu amo você – tudo pareceu silencioso de repente.

–Então não me deixe, nem brigue comigo porque eu também te amo e não sei como conseguiria viver se você ficasse com outro cara. Eu aceito qualquer resquício de amor que você puder me oferecer, só não brigue mais comigo.

Eu não sabia o que responder diante daquilo.

Kai

Vince me ligou na segunda de manhã e disse que estava no aeroporto, ele soava empolgado, mas não quis dizer por que. Eu esperava que fosse algo muito, muito bom para fazê-lo sair da Califórnia, largar o emprego numa segunda de manhã. Ele desligou quando entrou no avião e eu passei na sala da Sra. Martin para perguntar se eu poderia receber uma visita em plena segunda.

—Eu já fui informada por Vincent, Srta. Afternoon. Ele tem notícias, mas prefere dar pessoalmente. Vá para a aula, tranquila. Eu aviso quando ele chegar.

—Obrigada, Sra. Martin — fechei a porta da sala dela e fui para a aula.

Estava meio distraída, pensando no presente que Ian havia deixado no meu quarto enquanto eu dormia, o estranho foi que ele entrou e saiu sem que eu percebesse, mas com esse tipo de coisa eu já estava acostumada. Na caixa havia um livro velho, muito velho, com o cheiro forte de poeira e mofo, feito de couro, com uma tira couro, algo semelhante a uma fechadura de diário.

Quando abri, deixei cair um pequeno envelope, com meu nome escrito na parte de trás com a letra de Ian. Quando abri-o, tudo que continha no bilhete era um:

Eu sinto sua falta. Mas antes que possamos nos ver novamente, preciso que leia este diário. Avise-me quando terminar, meu anjo. Amo você. Ian.

Eu acordei faltando vinte minutos para a aula e ainda conversei com Vince e a Sra. Martin, de modo que ainda não tinha tido tempo para ler, então, enquanto eu andava de um prédio para o outro, fui folheando

as páginas, para pelo menos saber do que se tratava, ou, naquele caso, à quem pertencia.

Não dava para ter certeza se era de Ian, mas havia várias e várias páginas narradas por Kaitlyn e outras várias por ele, ela narrava a respeito deles e como se desenvolveu o relacionamento dos dois. No começo, tinha algumas datas que não consegui identificar o que poderiam significar, mas eram datas antigas, que iam de 1863 à 1912.

A guerra de Secessão estava acontecendo quando Ian conheceu Lanore Katrin, Kaitlyn narrou como eles se conheceram, mas essa narração eu tive que adiar a leitura quando o professor de História entrou para dar sua aula, que coincidentemente, seria sobre Guerra de Secessão.

Vince chegou pouco antes da hora de almoço e a Sra. Martin foi me avisar. Ela me guiou até a sala dela onde ele já estava a minha espera. Graciosamente, como de costume, ela saiu e nos deixou a sós.

–O que fez com que você saísse da Califórnia para vir até aqui, Vincent?

Ele se levantou, com um sorriso enorme no rosto e uma folha na mão.

–O que é isso, Vince?

–Sua liberdade – meu mundo girou para o lado errado de repente.

–Quer dizer... – sentei-me para tentar lidar com o Choque da situação à vista – Que vou poder sair daqui? Quando? – meus olhos se voltaram para ele, meu rosto estava surpreso demais e já denunciava minha reação.

–Era gás, K. Você pode sair daqui hoje mesmo e... ir comigo para a Califórnia – ele posou a mão esquerda em minhas costas e abaixou-se para olhar em meus olhos – se você quiser.

–E é claro que eu quero, é só que... – respirei fundo – Tem coisas aqui – fiz um gesto abrangente com as mãos – que eu preciso terminar, não posso apenas ir embora. Me dá umas duas semanas. Ou... – levantei a cabeça – até o Natal.

–Acho que consigo te entender... porque não quer largar tudo como sempre faz. Mas... é por causa de Ian?

Balancei a cabeça.

–Vocês terminaram?

Não respondi.

Depois de alguns instantes eu me levantei e ele fez o mesmo, olhando para mim com *aquela* olhar de preocupação paterna nos olhos.

–Eu não posso ficar muito, Kathryn – ele colocou o papel em minhas mãos – me ligue quando decidir que está pronta para ir comigo – ele deu um beijo na minha testa e saiu, deixando a porta aberta.

Depois da aula decidi que precisava respirar e só havia um lugar naquele inferno que eu podia respirar e pensar tranquilamente e sozinha. E o único lugar que eu podia fazer aquilo era no fim da pequena floresta, perto do lago, mesmo que aquele lugar me lembrasse Ian. Era para lá que eu precisava ir para ler o diário, não no meu quarto que já me sufocava demais. E talvez fosse melhor, para eu repensar minhas ideias e ações. Conforme eu andava e me aprofundava por aquelas árvores, o ar quente e úmido dava lugar à ar fresco e ao cheiro de folhas. Uma brisa que atravessava, de tempos em tempos, minha alma. E assim como Ian se apossou do meu coração.

Sentei-me como de costume à sombra do velho carvalho, que devia estar ali há décadas, senão mais. Finalmente respirei fundo, aquele ar tranquilo e melancólico e olhei para o diário em minhas mãos, tomando coragem de passar a página e ver o que tinha ali que precisasse ler lido. Por mim.

Inverno de 1863.

Sei que ainda deve haver algum resquício de humanidade em Ian e é nisso que tenho acreditado todo esse tempo. É isso que tenho esperado, ver se ainda existe alguma coisa por dentro que o lembre que ele foi humano, mas o tempo passa e nada acontece, não envelhecemos, apenas continuamos um velho ciclo interminável de almas e caminhos que nos levam ao Outro Lado. Vê-lo intoxicar-se

com todo esse sangue e contaminar-se com a alma de inocentes é terrível, vê-lo corromper sua humanidade que sei, está ali, só preciso de algo para despertá-la.

Tudo que ele precisa é de um motivo para ligar a humanidade. E eu bem que gostaria de ser este motivo, mas não. Tem uma garota, vinda da Bulgária, por quem Ian tem melhorado. Lanore Katrin. Eu tenho que dizer que não gosto dela, pois ele gosta dela. Mas enfim, ela é humana, a menos que Morte se meta nisso é assim que ela vai continuar.

Ian continua se encontrando com a garota. E continua se alimentando de sangue ao invés da energia vital dos corpos e das almas e eu o ajudo a se alimentar de humanos. Eu sou o que o controla para não matá-los, para que tire o sangue necessário e ainda os mantenha vivos.

Ele bebe sangue com minha ajuda. E eu ajudo para que o Conselho não o arraste para uma reunião formal por matar humanos. Então os hipnotizo e os curo, com meu sangue e eles voltam para casa como se nada houvesse acontecido.

Meros mortais.

E um pouco menos de sangue em seus corpos.

Eu queria ligar para Ian, queria conversar sobre o que estava acontecendo, queria perguntar por que ele havia deixado aquele diário no meu quarto e por que tinha sumido depois, como se eu não existisse mais na vida dele, ou como se nunca tivesse existido, talvez ele fosse daquele jeito. Eu estava *competindo* com décadas, talvez séculos ou milênios de convivência dele com Kaitlyn, ou *Kai*, como ele a chamava, contra algumas semanas que haviam passado juntos e alguns momentos bons compartilhados.

E aqueles momentos que tivemos juntos era tudo que eu tinha. Eu não conseguia me lembrar de tudo, como se um veneno maldito houvesse se apossado do meu coração, das minhas lembranças. Eu não conseguia me lembrar do gosto do seu beijo, do sabor da sua boca, ou do som do seu coração batendo ritmicamente enquanto ele dormia. A

cor dos seus olhos. Eu precisava vê-lo e tocá-lo, ouvir sua voz me dizendo que eu não estava sonhando nem delirando.

Precisava que ele me beijasse, me tocasse novamente. Acima de tudo eu precisava saber por quem eu realmente havia me apaixonado. Por um ser humano, de sangue quente e emoções ou um monstro sem humanidade. E só ele poderia me dar àquelas respostas.

Ou Kaitlyn.

Meus olhos estavam cheios de lágrimas, fechei os olhos e deixei que caíssem, secando-as em seguida, eu peguei o telefone e disquei o número de Ian.

–Atende, por favor. Atende – esfreguei as costas da mão, com raiva, para secar as lágrimas. A chamada foi encaminhada para a caixa de mensagens.

Resolvi que deveria deixar uma mensagem, para o caso de ele estar ocupado com qualquer coisa naquele momento, ou o telefone estar no silencioso, ou eu estar inventando desculpas para mim mesma para o fato de ele, tecnicamente, ter me deixado depois de ter dito que jamais iria me deixar.

Fazia todo o sentido.

–Eu estou lendo o diário – foi tudo que eu disse. Em seguida a voz perguntou se eu queria enviar aquelas mensagem ou gravar uma nova. Mesmo que minha voz fosse chorosa e desesperada e ridícula demais eu enviei porque ele precisava saber que eu precisava dele. E que o amava, apesar de tudo e apesar do que eu estava lendo sobre ele. Engoli em seco e coloquei o diário dentro da bolsa, apoiando-me no velho carvalho levantei-me, puxando minha bolsa, coloquei-a no ombro, entretanto, um segundo depois desejei não ter levantado para ver Kaitlyn caminhar em minha direção, com um sorriso irônico nos lábios.

O segredo dos seus olhos

Ela caminhou até mim a passos lentos, parecia uma criatura indefesa, se observada a partir daquele ângulo, mas, infelizmente eu sabia que ela não era. Ela sorriu o acenou; a parte estranha.

Engoli em seco e olhei em volta rapidamente, depois para ela que já estava perto o suficiente, para o que quer que fosse que ela estivesse fazendo ali.

–Então, Katie... acha que eu... escrevo bem? *Escolho* bem as minhas palavras?

Arqueei a sobrancelha.

–Não seja boba e, por favor, não diga: *Não sei do que você está falando* – ela sorriu, brincando com um anel peculiar em seu dedo.

–Sim, eu sei do que você está falando – respirei fundo.

–Ótimo, então, comecemos por aqui – ela fez uma pausa e continuou como se fossem palavras de efeito – O *diário* – mais uma pausa – O *meu* diário.

Franzi o cenho e pisquei algumas vezes, tentando entender e me sair o melhor possível naquele joguinho dela.

No qual eu me mostrei péssima.

–Você está surpresa – o tom de voz dela também parecia surpreso. Ela deu uma volta ao meu redor, como se me avaliasse. Como um animal avalia o outro antes de dar o bote, escolhendo o melhor local para abocanhar – Ian não te disse que era meu e nem te disse que *eu* emprestei a ele. Mesmo achando e, tenho *quase* certeza que ele não tem o intuito de devolver, ele disse que era a melhor forma de você saber – ela fez aspas com os dedos – *a verdade*.

Abri a boca, em seguida, fechei-a, depois abri de novo, Kaitlyn agora

estava na minha frente, à mais ou menos um metro.

–*Ótimo* – disse com ênfase, imitando o que ela tinha dito – Porque eu pretendo te devolver seu precioso diário – abri minha bolsa – Se quiser posso te devolver agora mesmo – meus dedos tocaram o couro da capa do diário, mas a mão de Kaitlyn me impediu de tirá-lo de lá.

–Não – sua expressão ficou mais séria, de repente – Você precisa ler. Pode me devolver depois... se quiser, mas precisa ler primeiro, Kathryn.

Olhei para ela, com uma interrogação no olhar. Havia algo, como uma espécie de preocupação. Quando ela tirou a mão do meu braço, eu agarrei seu pulso – minhas unhas estavam grandes e compridas, então isso pode tê-la machucado – Kaitlyn levantou os olhos.

Parecia vulnerável se observada daquela maneira, dessa vez *realmente* vulnerável.

Ela entreabriu os lábios, mas não disse nada.

–O que está acontecendo? O que tem naquele diário sobre Ian que ele quer que eu saiba? Ou *precisa* que eu saiba?

Ela balançou a cabeça de um lado para o outro, olhando para o chão, em seguida olhou para mim.

–Eu não posso te dizer, terá que descobrir sozinha – ela puxou o braço – Sinto muito.

–Por favor – franzi as sobrancelhas, de frustração – Me diz alguma coisa. Tem algum segredo por trás desse diário?

–Você quer saber o segredo? – ela sorriu; eu não disse nada – Está nos olhos.

–O quê...

–E isso é tudo que eu vou dizer. Eu te dei a ponta, desate o nó, Katiezinha.

Ela foi andando e eu não disse mais nada, até por que não ia conseguir arrancar nada dela e era melhor ficar longe depois de *ler* as loucuras que ela fez por Ian, talvez me matar fosse o mais fácil e eu tinha lido apenas uma página.

Resolvi que seria melhor sair logo dali, já estava escurecendo e eu não queria surpresas. Tomei banho e comi alguma coisa no refeitório, com

Ethan, que fazia algumas aulas comigo e tinha sido minha única companhia nos últimos dias, sem Ian.

Conversamos sobre nossas séries e filmes favoritos no jantar e eu voltei para o meu quarto, com os fones, ouvindo *Kiss With A Fist*.

Quando virei o ultimo corredor, para sair do prédio e ir para o meu quarto, dei de cara com Joanne.

—Oh, meu Deus! Você não olha por onde anda? — tirei os fones e dei um risinho. Ela levantou a cabeça; os lábios franzidos e um livro na mão.

—Me desculpe, eu me distraí — ela franziu a sobancelha, como se nunca tivesse me visto na vida — Por que está me olhando assim? — ela realmente estava me olhando de um jeito estranho e assustador.

Ela balançou a cabeça.

—Não é nada, Kathryn.

—E por que está me chamando de Kathryn?

—É o seu nome — ela suspirou — Ah, antes que eu me esqueça — ela tirou um bilhete de dentro do livro e me entregou — Ian pediu para eu te entregar isso.

—Quando você o viu? — passei a ponta dos dedos no papel esperando ela responder.

—Ontem — ela fez um biquinho, como se aquela pergunta não fizesse sentido.

E não fazia mesmo, por que Ian tinha brigado *comigo* e era *eu* quem não sabia onde ele estava e não o resto do mundo. Talvez ele não tivesse falado com ninguém sobre nossa briga, nem a Joanne.

—Eu não sei o que ta rolando entre vocês, nem por que ele não falou o que tinha para falar pessoalmente e... nem se está... fugindo de você — ela balançou a cabeça, parecendo perturbada — eu realmente não sei o que está acontecendo entre vocês dois, K. e sinto muito se ele tiver... ahn... partido o seu coração — ela olhou para o corredor atrás de mim — eu preciso ir. Até mais.

Ela foi caminhando pelo corredor, até enfim desaparecer na escuridão.

Voltei para o meu quarto e peguei o diário, rezando para estar pronta para o que quer que estivesse por vir. Coloquei-o de lado e abri o

bilhete de Ian.

Meu anjo, tem uma chave na caixa na qual de entreguei o diário de Kai. É a chave do meu apartamento em Forty Hills. Quando terminar de ler o diário você pode vir para cá. Se quiser, e, junto da chave encontrará meu endereço, mas termine de ler, para que saiba quem eu realmente sou. Se não conseguir encontrar pode jogar a caixa no chão. Mas seria uma pena desfazer-se de uma bela relíquia como aquela.

Com amor, seu
Ian.

Aquilo me perturbou um pouco, ao mesmo tempo em que me tranquilizou em saber que ele ainda se importava o bastante para me escrever e me dar as chaves do apartamento dele. Ajeitei-me na cama, sentando mais perto do abajur e abri o diário, que tinha palavras meio rabiscadas, com pressa, mas, mesmo que a curiosidade estivesse tomando conta de mim desde a hora em que eu havia abri-o, eu não conseguia abrir e ler, meu coração ficava apertado só de imaginar o que estava ali e que Ian queria que eu soubesse. Peguei o celular e desbloqueei. Havia algumas mensagens de texto e de voz, assim como E-mails, mas não quis perder tempo abrindo e respondendo tudo, apenas verifiquei se não tinha nada de Ian nem de Vince. Mas eram apenas bobagens de alguns amigos.

Liguei para Ian. Como da outra vez, foi direto para a caixa de mensagens.

–Ian... ãh... eu não sei se você ouviu a última mensagem que eu deixei e não sei se vai ouvir essa, mas... bem, eu *preciso* saber qual é a cor dos olhos. A cor *original* dos seus olhos. Segundo o que Kaitlyn me falou sobre o diário é importante, então, se ouvir isso, me responda, por favor, nem que seja por E-mail ou um torpedo. Qualquer coisa se não quiser falar comigo – pausa – Eu amo você.

14 de Maio de 1865

Ian e seus olhos. Doces. Agora, talvez, nem tanto mais, claro. Mas antes... eram tão adoráveis. Sim ele já foi humano, mas agora parece que fez tanto tempo que ele deve ter se esquecido de como é. E já deve fazer algum tempo que ele se alimenta de sangue humano. Talvez não exista nada pior para alguém como ele. E por mais que eu tente ajudá-lo, não consigo. Muito menos depois de Angelus ter matado Lanore. Ele piorou muito depois da morte dela. Ele não chorou uma lágrima e já faz um ano. Então, foi depois desse tempo que percebi que tenho que fazer alguma coisa mais drástica para que ele retome sua humanidade, de um jeito ou de outro, por mais que o ame e não queira machucá-lo, isso, infelizmente, é necessário. Por isso Ian está preso, acorrentado, numa cadeira na minha casa, em minha sala de estar, de aspecto medieval. Ele está preso há dois dias, sem se alimentar de sangue e está enfraquecido sem seu anel. Estou de frente para ele agora. Mas seus olhos são os mesmos de alguns dias. São sombrios e assustadores à qualquer humano. São mais negros que qualquer coisa que eu já tenha visto e assustam até a mim. Eu disse a ele que sinto muito, mas sem sua preciosa humanidade, ele não se importa muito com nada que eu diga. E, por Deus, eu já fiz tanta coisa. Eu já o queimei, esfiquei e o torturei como estou torturando agora e jamais desistirei dele. E em algum momento de consciência ele deve saber que o que estou fazendo é por que o amo. Ele deveria saber disso. E saberá, quando tiver de volta sua humanidade. Ele me grita e está com raiva. Ele está com tanta raiva e eu caminhei até ele e disse que o amava. Mas, seus olhos estavam cheios de raiva e ódio. E eu o expus ao sol. Havia lágrimas em meus olhos diante de sua dor e seus gritos. Eu queria dizer que sentia muito, mas, é claro, não disse. Depois de algum tempo ele ficará bem, sua pele irá se curar. Mas eu me importo de mais a ponto de machucá-lo. Então, pedi ajuda

de quem não se importa. Elijah.

Só com dor. A dor real é que sua humanidade irá voltar.

Havia um espaço em branco e ela escreveu que se passaram várias horas, sobre o que aconteceu quando Elijah esteve lá.

Elijah entrou pela porta e caminhou até Ian, fuzilando-o com o olhar. Ian trazia à tona a pior parte de Elijah e Elijah conseguia fazer o mesmo com Ian, de alguma maneira mórbida, o amor havia feito isso com eles. Tornando aquela rivalidade a tal ponto que eu não sabia se podia ser revertida.

Elijah quebrou os dedos de Ian e uma lágrima solitária escorreu pela minha face, mesmo sabendo que ele iria se curar doeu mais em mim. Depois de algumas horas Elijah disse que não conseguiria trazer de volta sua humanidade com tortura.

Elijah se aproximou, como um animal selvagem, pronto para dar o bote, e sem que eu pudesse me defender, ele agarrou meus braços, torcendo-os para trás, deixando-me em posição vulnerável e mordeu meu pescoço. Ele sugou meu sangue, como um vampiro, coisa que eu jamais soube que ele houvesse feito antes, enquanto ele o fazia eu lentamente perdia a consciência e sentia como me senti quando ele me matou, quando eu era humana.

Mas eu vi alguma coisa antes que Elijah pudesse me matar, mesmo sem eu saber o porquê daquela ação.

Ian se soltou das correntes. Num segundo ele se soltou das correntes que havia tentado arrebentar a dias e quebrou o pescoço de Elijah. O corpo dele caiu pesadamente com um baque surdo sobre o assoalho. Ian me agarrou pela cintura e me pegou no colo quando eu quase caí. Ele acariciou minha bochecha, tirando mechas do meu cabelo que caíam sobre meu rosto. Ian sorriu olhando para mim.

“Eu vou cuidar de você”, seu tom de voz era suave e gentil, nem um pouco parecido com o seu tom de voz quando eu dizia que ele estava

perdendo o controle sobre sua humanidade, nem depois de desligá-la. Seus olhos eram verdes.

Meu corpo todo tremeu e eu fechei o diário, eu sabia que havia mais coisa, mas havia certa quantidade de coisas que eu podia aguentar por uma noite. Chequei o celular para ver se não havia nenhuma nova mensagem, se Ian havia respondido. Havia um E-mail dele. Peguei o laptop do criado-mudo. Eu estava tremendo e tomei um copo de água enquanto o sistema inicializava. Abri minha caixa de E-mails. O primeiro era o de Ian.

Meus olhos eram verdes, meu anjo.

Foi tudo que ele disse. Aquilo só piorou meu estado de nervos e decidi que poderia lidar com aquilo tudo na manhã seguinte. Guardei aquelas coisas todas e coloquei o diário na gaveta do criado-mudo. Não havia nada que eu pudesse fazer. Não até que terminasse de ler o diário.

A sensação que tive quando acordei foi dor de cabeça, como se tivesse bebido até cair na noite anterior. Respirei fundo antes de tomar coragem de sair da cama. Eram cinco da manhã, eu tinha bastante tempo antes de ir para a aula e com certeza não conseguiria dormir de novo. Escovei os dentes e sentei na cama, após abrir a janela, deixando a brisa invadir o quarto. Peguei o diário e folheei até a página em que eu havia parado. Dessa vez já havia um salto no tempo de alguns anos.

Carolina do norte, 1894

Entre festas, bailes e luxo há morte e desespero. Sexo e luxúria, dentre os nobres desta época. E Ian e eu passamos novamente juntos por tudo isso. Como passamos por outros tempos, vendo-os nascer, crescer e morrer. Acabar-se, assim como todos os outros. E continuaremos quando tudo isso se acabar. Depois que ele recuperou sua humanidade, há poucos anos, todo tempo que passamos juntos é pouco. Todo amor e sexo. Aqueles de devaneios eloquentes.

O sexo e a cidade.

Tínhamos até um cachorro há um ano, ou quase isso. Depois de tantos milênios tempo passa a ser relativo. E esse sacrifício de tempo foi um sacrifício que eu decidi fazer há tempos, era o que eu estava determinada e predestinada a fazer, foi minha escolha. Mas Ian não teve escolha e mesmo se tivesse isso não seria certo para ele.

Certo, quando escrevo acredito que alguém lerá o que escrevo em alguma época ou talvez neste mesmo ano de 1894. Mas contarei uma história para quem estiver lendo isso.

Ian tinha quinze anos, acredito quando Morte o conheceu. Ele se encantou pelo garoto na primeira vez que o viu. Ele achou Ian forte o bastante para trabalhar para o Conselho. Entretanto, ele não acreditava em verdade, não em relação a isso. E talvez por isso Ian o odeie tanto. Mas a verdade é que, certo dia, enquanto Ian ajudava a mãe doente, Elijah o compeliu a repetir as palavras do encanto que ele lhe disse, em seguida, compelindo-o, lhe deu uma faca de caça, mandando que ele matasse a própria mãe. Sob o efeito de magia, Ian fez o que Morte lhe ordenou. Mas quando ele se deu conta do que tinha feito, já era tarde. E eu a teria salvo, e salvo também Ian de se transformar em um monstro semelhante a mim, mas eu não fazia ideia dos planos de Elijah. Alguns dias depois do assassinato, ele foi obrigado a fugir com Elijah para não ser capturado e morto, pois segundo a Lei, era o que aconteceria, mas ele era apenas um garotinho, um lindo garotinho assustado. Ele tinha medo de Elijah, acima de qualquer coisa, mesmo sendo corajoso e desafiando-o. E claro, Elijah não gostava nem um pouco de sua coragem.

Quando ele já tinha dezesseis, quase dezessete anos, que eu pedi a

Elijah que me deixasse tomar conta dele e ensiná-lo, o que ele precisasse aprender.

Por Deus! Temo que naquela época eu também o assustasse e aquela ideia também me assombrava. Por fim, ele foi cedendo e suas magoas foram deixando-o mais forte. Quando ele não precisava mais de mim para ensinar nada mais, ele disse que preferia ficar perto, ao invés de vagar pelo mundo sozinho, acompanhado da própria sombra. E ficamos juntos, em todo o sentido da palavra. Por séculos e mais séculos, não houve nem um sequer dia em que tenhamos ficados separados. Atravessamos o mundo, fingindo-nos de mortais e vivendo como um casal.

Fechei o diário. O modo como Kaitlyn escrevia e *o que* ela escrevia me faziam gostar dela, mesmo sem querer, mesmo que ela já tivesse dito que não gostava de mim por que Ian me amava. Eu gostava dela e gostava do diário. Se aquilo fosse um livro eu teria gostado dela e de Ian como um casal, fora a parte que Ian *era* o meu namorado. E isso eu nem sabia se ele continuava a ser depois do que eu falei para ele e o que ele me disse, depois ter desaparecido da minha vida e deixado a merda do diário.

Nervosa, deixei o diário de lado e peguei a caixa, avaliando-a por fora, antes de abrir e ver que não tinha nada, balancei-a para ver se estava realmente havia e não foi emitido barulho algum, então o que pude concluir foi que Ian estava brincando com a minha cara de idiota. Sacudi a caixa com raiva, percebendo que não havia nada ali.

Abri-a novamente e só então percebi que havia uma coisa que não se encaixava, uma pequena festa, num canto. Puxei, com cuidado e aquele pequeno encaixe da madeira se moveu, saindo do lugar e a chave caiu de onde estava presa na lateral da caixa, no fundo dela.

Peguei a chave, observando-a e sorri para mim mesma, em seguida guardei-a.

Respirei fundo e tentei descansar mais um pouco antes de ir para a aula, mas eu não iria conseguir dormir, ao mesmo passo que não

suportaria ler mais nem uma página daquele diário pelas próximas horas. Eu precisava respirar um pouco de ar. Levantei as sete e coloquei um vestido branco, a primeira roupa que encontrei quando enfiei a mão no armário. Deixei os cabelos soltos, caindo em volta dos ombros e uma bota de saltos baixos.

Só que eu não estava me arrumando para tomar café e ir para a aula nem nada do tipo. Fechei a porta do quarto e caminhei mais alguns corredores até estar na porta do quarto de Kaitlyn.

Ergui a mão, mas tive que reunir um pouquinho de coragem para bater na porta. Alguns segundos depois ela abriu a porta, em seguida franziu as sobrancelhas quando me viu.

–Podemos conversar? – alguns minutos depois estávamos juntas no refeitório, cada uma com uma caneca de café.

–Você precisa falar sobre o diário, eu entendo e já imaginava que fosse me perguntar sobre e Ian também, por isso... ele me pediu para não te contar nada sobre o diário – ela deu um gole no café olhando para mim – Nem terminou de lê-lo.

–Eu preciso saber algumas coisas. Como por exemplo... se Ian te amava por que não ficaram juntos, mas isso terei que perguntar para ele. Me diga alguma coisa.

–Sinto muito, K. Eu fiz uma promessa – ela fez menção em si levantar, mas segurei-a pelo pulso suavemente.

Kaitlyn sentou-se outra vez.

–Por que vocês não ficaram juntos?

–Ainda não chegou nessa parte – ela arqueou a sobrancelha – eu não posso contar, K. eu prometi para Ian que não iria te contar. Quando terminar você pode perguntar para ele.

–O que aconteceu em 14 de Maio de 1865?

–Elijah tentou me matar, mas ele me contou que era um plano e parece que funcionou. Ele recuperou sua humanidade e é o que importa – ela se levantou novamente – o resto só ele pode te contar.

Ela saiu e eu fiquei. O refeitório ia ficando cada vez mais vazio e por

fim o sinal tocou só que eu não fui para a aula. Arranjei um escape dos coordenadores e fugi, subindo no telhado através de uma escada no prédio dormitório.

Abri o diário, dessa vez minhas mãos tremiam porque eu não sabia o que estaria na próxima página e na próxima ou na próxima. E aquilo me assustava. *Não saber* me assustava.

Respirei fundo algumas vezes, tentado me acalmar e estar pronta para aquilo, mas eu não estava e jamais estaria. Seria simplesmente impossível preparar-se para o desconhecido. Eu precisava terminara logo e decidi que aquele seria o momento.

Abri o maldito diário.

1901

Raiva. Significa que ela quer sentir. Ela não está simplesmente puta comigo por tê-la deixado, está com raiva e não quer sentir por que sabe que não consegue lidar com suas próprias emoções confusas. Ela enfiou uma faca em mim hoje de manhã quando eu lhe roubei um beijo e isso é ótimo. Estou começando a despertar emoções como ódio, raiva e rancor. Kai, meu doce, espero que leia isso daqui dois anos ou menos, talvez até mais, mas você significa muito para mim agora, antes e depois, claro. E preciso que saiba que jamais a deixarei, alias, é por isso que estou escrevendo no seu precioso diário, que não é bem um diário, mas você irá se lembrar do que aconteceu hoje daqui cem anos? Duzentos?

Ainda vai se lembrar do que eu sentia por você daqui cem anos? Ou do que você sentia por mim cem anos atrás? Por isso estou escrevendo, meu amor. Para que você se lembre e para que eu me lembre.

Você é o meu gatilho emocional.

1903

Você é o meu gatilho emocional. E nossa relação de mil anos é tóxica

demais. E preciso que se lembre, mil e poucos anos daqui de onde estamos. Mil anos antes. Eu me lembrarei. De você como se fosse uma gota em meio ao oceano, e você saberá que não terá fim nem começo. É como as histórias de amor.

Aquilo ficou meio confuso na minha cabeça. Ela havia deixado Ian? Mas por que se ela o amava tanto quando dizia? Por quê? Voltei algumas páginas para procurar qualquer sinal, ou indicio que pudesse indicar o que poderia ter acontecido, certamente algo que eu não conseguia entender. eu devia ter perdido algo como era possível uma relação de séculos se despedaçar assim?

1903

“Preciso me largar de você”, eu disse a ele imediatamente assim que ele entrou a sala. Ian largou as chaves em qualquer lugar que não pude ver e caminhou até mim, mas fez sinal para que ele parasse onde estava e ele o fez.

“O que está dizendo, Kai?”, ele franziu as sobrancelhas, seu olhar parecia assustado e frágil. Vulnerável.

“Isso é tóxico, Ian. Será que não consegue ver? Eu estou aqui depois milênios... eu abandonei toda a minha moral, meus amigos e todas as pessoas que eu amava... por você. Eu não estou jogando isso em você, mas... você fez o mesmo por mim. E isso tem me perturbado seriamente e acho que afeta você, de algum modo isso te afeta. Ou espero que te afete de alguma maneira, por que deveria, se não”.

“Meu amor, eu não estou te entendendo...”

Nesse momento eu já estava de pé há algum tempo, nervosa e alterada a ponto de explodir.

“Não precisa entender, eu só... estou te deixando”. Fechei os olhos para reprimir as lágrimas e me afastei quando Ian tentou me tocar, respirando com dificuldade, como se fosse humana. Meu coração estava acelerado e eu sentia como se fosse o início de uma queda

lenta e gradual.

“Está me deixando, sem... explicações? Não acha que me deve uma explicação, Kaitlyn Deveroux?”

“Eu não tenho uma explicação, Ian. Eu sinto muito. Eu não tenho uma explicação, mas isso dói... e está me consumindo por dentro e... eu não consigo mais suportar”. Ele segurou meus cotovelos e me agarrou, quase que numa ação desesperada e descontrolada ele me beijou, em seguida se afastou e tirou lentamente as mãos de mim.

“Eu amo você, mas, infelizmente, não posso te prender nem te obrigar a me amar nem a estar comigo”.

“Eu sinto muito, sinto tanto”. Agarrei seu rosto com ambas as mãos.

Finalmente parei de chorar e soluçar. Ian foi se afastando gradualmente e meu mundo foi caindo até eu me dar conta sobre mim mesma. Aquele ser emotivo não era eu, era algo em que ele havia me transformado metamorficamente sem que eu me desse conta.

Enfiei o diário na bolsa, novamente, meio que em estado de choque e fiquei sentada no telhado por bastante tempo até me deitar e perder os sentidos rapidamente sem conseguir pensar naquelas palavras, enfim escutei um barulho. Abri os olhos assustada com um par de mãos segurando meus ombros, já era noite. Demorei alguns instantes para lembrar onde eu estava até perceber que tinha pegado no sono ainda no telhado. Só que eu ainda não sabia quem estava me segurando. Olhei para o lado, para baixo e percebi que tinha escorregado para baixo e aquele estranho tinha me segurado, impedindo-me de cair. Olhei para o homem, mas estava escuro para conseguir vê-lo.

–Quem é você?

Ele deu uma risada, foi uma risada bonita, *realmente* bonita.

–Niklaus. Chame-me de Klaus. Eu estava procurando por você – pisquei algumas vezes.

–Por mim?

Olhei para baixo na tentativa de calcular a altura e quantos e quais os

ossos eu quebraria se pulasse daquela altura. Devia ter, pelo menos, sessenta metros.

–Sim, Kathryn – ele seguiu meu olhar – Precisa de ajuda para descer? Olhei para ele novamente. A única coisa que pude perceber era que seus cabelos eram loiros e pude apenas identificar seu sorriso em meio à escuridão.

–Não – passei a língua pelos lábios, lentamente e fiquei de pé, com a ajuda dele. Eu me sentia meio tonta e quase caí. Mas Klaus me agarrou pela cintura. Por algum motivo obviamente estranho eu sentia uma conexão com ele, semelhante ao que eu sentia quando estava com Ian e aquilo me assustava porque era algo que eu não queria. Meus olhos estavam arregalados em espanto e em contraste ao que eu estava sentindo naquele momento.

–Ainda não me disse *quem* você é – fiz com que ele me soltasse e me afastei tomando cuidado com o quão perto eu estava da beira.

–Tudo bem, claro. Talvez eu tenha soado um pouco assustador. Você se assustou? – ele parecia sinceramente preocupado em ter me assustado.

–Um pouco – minha voz soou vacilante.

–Tudo bem – ele sorriu novamente e meu coração quase se derreteu – meu nome é Niklaus e eu... meio que trabalho para Elijah, mas não se assuste – ele ergueu as mãos, em seguida abaixou-as – e o Conselho deseja vê-la.

–Eu vou ser julgada por alguma coisa ou... corro o risco de perder a cabeça?

–Só no sentido figurado, minha bela – ele observou a confusão em meus olhos e balançou a cabeça – desculpe. Mas você deseja ir? Ou devo comunicar a Angelus que você recusou *novamente* um chamado do Conselho? – pequena pausa – você vem comigo?

Respirei fundo.

–Acho que preciso de ajuda para descer.

Nik era doce. Mas infelizmente ele me lembrava muito Adam em sua

aparência. Cabelos loiros e olhos verde escuros que pareciam mudam de cor conforme as mudanças de luz do ambiente.

Ele me levou até o Conselho e se sentou ao meu lado quando eu pedi a ele que ficasse. Todos os membros do Conselho entraram na sala, vestindo roupas semelhantes a túnicas. Ele se sentou ao meu lado de frente para o Conselho, onde todos os membros me olhavam com olhar fuzilador.

–Sabe por que está aqui, Kathryn? – Angelus perguntou sutilmente.

–Não.

–Pois bem, tentamos não levar isso adiante, mas, você preferiu levar isso a sério mantendo relações... íntimas com Ian.

–O quê? – minha boca se entreabriu instintivamente em surpresa as suas palavras.

Klaus segurou minha mão por debaixo da mesa e eu fiquei tentada a olhar para ele, entretanto não desviei o olhar de Angelus, tendo em vista que ele estava me fazendo uma acusação e o resultado daquela acusação era a morte. No caso, a minha.

–A senhorita sabe do que está sendo acusada.

–Eu não faço parte disso, nem do Conselho. Sou uma mera mortal.

–Ian faz parte do Conselho e como não podemos matá-lo – ele deu de ombros – a punição é aplicada a ambos.

–Você é doente, seu miserável de merda.

–Calma – sussurrou Klaus.

Respirei fundo.

–E por que vocês acham que isso é plausível... que membros do Conselho não possam ter uma vida normal?

–Por que não *queremos*. Isso atrapalha no trabalho desempenhado por nós com relação aos mortais. A relação entre mortais e nós é tênue e estamos aqui para assegurar que essa linha não seja ultrapassada por ambos.

–Isso é uma espécie de processo? Acho que eu tenho direito a um advogado de defesa – franzi os lábios; irritada.

–Não, apenas uma acusação formal do Conselho.

–Ian e eu nem estamos mais juntos. Ele simplesmente saiu da minha

vida... se assim está bom para vocês. Há tem um tempo que não nos vemos.

—É mesmo? — Angelus riu; era um som irritante.

—É mesmo — disse com convicção, franzindo os lábios, irritada com seu sarcasmo repulsivo.

—E vocês terminaram... — ele se levantou e deu a volta na bancada, ficando de frente para mim há um metro, ou menos — assim — ele estalou os dedos na minha cara — num estalar de dedos.

—Parece que amor — inclinei-me um pouco, ficando meio sentada e meio de pé — não dura para sempre, *Angelus* — ele também se inclinou um pouco em minha direção, franzindo os olhos, formando rugas ao redor de seus olhos e algumas linhas de expressão. Klaus apertou minha mão mais forte ainda a ponto de doer um pouco. Eu realmente não sabia o que ele estava fazendo, mas parecia servir para me tranquilizar um pouco — igual nos contos de fadas.

—Não brinque comigo, garota. Você sabe o que pode acontecer — ele ficou de pé, ereto, outra vez me olhando como se eu fosse uma bactéria insignificante que ele desejasse possessivamente me eliminar.

Engoli em seco, embora eu não estivesse com medo, estava nervosa. E era estranho que eu não estivesse com medo, mas era algo que eu não consegui senti naquele momento.

—Basta, Angelus — Elijah levantou-se e apoiou as mãos na enorme bancada.

Angelus baixou a cabeça como um cachorro que se vê reprimido por seus atos pelo dono.

—Não há acusação sem que haja o *real* acusado presente — passei a língua pelos lábios secos e respirei fundo. Elijah estendeu a mão e a porta se abriu, magicamente. Aquilo poderia ter me assustado se eu já não estivesse assustada o suficiente até o fim da semana. Então, mais surpreendentemente ainda, Ian entrou pela porta e ela se fechou novamente com um barulho bizarro. Ele olhou para mim e por mais que eu tentasse procurar um significado em seu olhar não havia nada.

Pela primeira vez seu olhar não significou nada para mim.

Guarde este beijo

Klaus largou minha mão instintivamente e eu fui incapaz de expressar qualquer reação diante do olhar de Ian, assim como o de todos os outros pousados sobre mim. Mas *aquele* olhar inexpressivo era o que doía. O peito se apertou um pouco mais quando ele desviou o olhar de mim e começou a andar, em direção aos *membros* do Conselho. Mordi o lábio, mas, enfim, não deixei que minha coragem toda se esvaecesse. Ian parou a mais ou menos o metro de onde os demais membros se encontravam.

Respirei fundo quando Ian falou: – Me chamaram aqui por que acham que quero perder meu tempo olhando para a *cara* de vocês? – ele estava olhando diretamente para Elijah de forma pessoal e me lembrei do que estava escrito no diário sobre a mãe de Ian.

Era de partir o coração de qualquer um e me peguei idealizando um Ian mais novo e *humano*. Uma criança de cabelos negros e lindos olhos verdes.

–Fique calado antes que seja mandado ao exílio ou qualquer outra coisa que me dê na telha – disse Elijah erguendo-se sobre Ian.

Elijah era uns dez centímetros mais alto que Ian e aquilo pareceu fazer alguma ameaçadora diferença.

–Não seja um babaca, Elijah. Assim você não ganha a garota – parecia haver certa confusão no rosto de Elijah – Nem hipócrita, você a quer tanto quanto eu e a ama *quase* tanto quanto eu. Só não tem coragem o bastante não fazer *isso* na frente do Conselho.

–Como tem o atrevimento de falar assim comigo? – Elijah balançou a cabeça e deu a volta na bancada. Era estranho o silêncio que se seguia perante o restante dos membros.

Elijah veio até mim e estendeu a mão que eu aceitei relutantemente. Sem saber o que pensar ou que linha de raciocínio seguir, deixei-o

guiar-me sem uma palavra.

Ele me levou até Ian, deixando-nos frente a frente. Prendi a respiração por um segundo. Seus olhos estavam pretos e aquilo me assustou mais do que deveria.

–Katie – ouvi Elijah me chamar e olhei para ele – Você guardou o anel que eu lhe dei, certo? – assenti – Tenho uma proposta a lhe fazer – ele respirou fundo – Quero que venha morar comigo. Não... comigo e sim no *Instituto* para que você possa desenvolver suas habilidades. É disso que se trata você estar aqui hoje – franzi o cenho.

Se eu estivesse em uma série de TV e houvesse uma trilha sonora com certeza seria *Breaking down*.

–Às vezes acho que você é louca pelas insanidades que você pensa – disse Elijah.

–Oh, Deus – baixei a cabeça, escondendo meu rosto com as mãos.

–Tudo bem. Preciso de uma resposta.

–Ela não vai morar com você, seu idiota.

Elijah lançou um olhar mortífero a Ian e eu ergui a cabeça, olhando para ele, meio surpresa, meio apaixonada. Eu deveria estar ridícula, com os cabelos bagunçados e o vestido amarrotado, junto com minha bolsa ainda pendurada no ombro.

–Fique quieto, isso não te diz respeito.

Ele deu um risinho e voltou seu olhar para mim, mas não fui capaz de olhar de volta para ele, eu fiquei parada, encarando Ian. como eu havia sentido falta dele. Eu havia fantasiado beijá-lo até não conseguir mais respirar, pular no colo dele, entrelaçar minhas pernas na sua cintura e continuar a beijá-lo, como se não houvesse nada mais importante nessa vida e nem tivesse tempo parar e pensar. E talvez não houvesse.

Parei de ter aquele tipo de pensamento *erótico* quando me lembrei que Elijah, Ian ou qualquer outro presente naquela sala podia escutar ou ler, ainda não tinha certeza de como eles faziam aquilo. Virei para olhar nos olhos de Elijah.

–Elijah, não é simplesmente assim. Isso é estranho demais – balancei a cabeça.

–Eu não quero que você se machuque. Por isso estou fazendo isso.

Você só precisa terminar com Ian e ficará segura. Ele não te faz bem – ele franziu o cenho, seus olhos pareciam... *inocentes*.

–Você já amou alguém, Elijah? – ele riu e chegou ainda mais perto.

–Você não entende que quero te proteger – ele agarrou minhas mãos, quase que num gesto desesperado. Pude ouvir a respiração irregular de Ian às minhas costas.

–Acho que *quero* entender, mas não consigo quando isso vai ser bom. E você não quer me proteger, por que... ficar longe de Ian me faz mal. Me faz morrer por dentro. E... eu estava longe dele por tanto tempo – minha voz soava suficientemente desesperada – Eu pareço bem agora, Elijah?

Eu tinha plena consciência que eu estava terrível em todos os sentidos da palavra. Eu não usava maquiagem, na maior parte do tempo e eu parecia doente, sem cor sem vida; mais pálida que uma folha de papel.

–Não – ele respondeu sutilmente.

–Exatamente – respirei fundo – Eu não estou. E nem vou ficar – dei de ombros em uma reação involuntária – longe de Ian. Nós falamos sobre isso e... bem, eu não sei o que mais te dizer.

–Diga que aceita.

–Eu não posso – larguei suas mãos e dei alguns passos para trás, para longe dele e de Ian.

Meus pulmões pareciam que iam explodir, arfando desesperadamente por ar fresco. Sentei-me lentamente, com os olhos fechados.

Klaus apoiou as mãos em meus ombros, massageando-os suavemente com os polegares. Aquilo foi estranho. Meus músculos se retesaram e as pontas dos seus dedos movimentavam-se gentilmente. Impulsivamente, levantei e puxei-o para mim num beijo. Um plano mirabolante se formando na minha cabeça.

Num primeiro momento ele ficou imóvel diante da pressão dos meus lábios sobre os seus e fiquei de pé ainda beijando-o. Seus lábios se entreabriram e ele finalmente me deixou beijá-lo, mas ficou tecnicamente imóvel enquanto minha língua explorava sua boca, com desejo. Ele me deixava excitada de uma maneira que eu jamais me sentira com ninguém à exceção de Ian. Mordi seu lábio suavemente e

agarrei seus cabelos, como se não houvesse o suficiente dele em mim.

–Me dê a sua faca – murmurei. Suspeitei que ele não tivesse ouvido de tão baixo que eu disse, mas ele ouviu a pareceu surpreso.

–O quê? – ele sussurrou de volta.

–Dê-me logo a sua faca. Eu sei que você tem uma, Klaus.

Ele segurou minha mão e levou até sua cintura. Agarrei-a até que meus dedos doessem para ter certeza se eu teria coragem de levar minha ideia insana a frente.

Enfiei a faca na minha barriga. Cambaleei alguns passos para trás enquanto sangrava. Ian correu até mim tudo parecia uma câmera lenta. Elijah estava mais perto de mim e chegou mais perto, segurando-me antes que eu pudesse cair. Ele colocou minha cabeça apoiada em sua coxa. Fiquei deitada no chão em seu colo, sentindo o sangue deixar meu corpo. Muito sangue e uma dor corrosiva por dentro. Sentia meu corpo morrer.

–O que deu em você? – ele mordeu o próprio braço, cortando-o com os dentes e colocando seu sangue perto de meus lábios, mas empurrei seu braço e tirei a faca enterrada em mim com um gemido.

–O que você fez, Katie? – Elijah não esperava que eu respondesse, mas havia algum resquício de que houvesse explicação.

–Não está vendo... que eu estou morrendo, Elijah?

–Me deixe salvá-la – outra vez empurrei-o. Veementemente, eu não deixaria que ele me salvasse sem que ele concordasse com o que eu dissesse.

Ele puxou meus cabelos para o lado.

–Não, me deixe ir ou... me salve. A escolha é sua, mas... se for me salvar, me salve por completo para que eu possa ser feliz com quem eu amo e sem que eu seja obrigada a ir para o seu maldito instituto.

Ele parecia estar em conflito consigo mesmo pensativo sobre suas futuras atitudes e consequências.

–Então fique com os dois. Mas me deixe salvá-la e fique com Ian. eu ficarei com qualquer atenção sua, mas eu quero – ele baixou o tom de voz – do Conselho. Deixe-me salvá-la e fique com ele, só não posso perdê-la.

Olhei por mais alguns instantes para ele. Tossi um punhado de sangue e ele estendeu-me seu braço novamente. Dessa vez agarrei-o com ambas as mãos e bebi com sangue, a cada gota parecia que a dor começava a cessar. Afastei-o por instante e tossi novamente.

Ele acariciou meus cabelos e respirou fundo, como se estivesse lutando contra alguma coisa dentro de si, como se houvesse alguma vontade de chorar misturado ao alívio em seus olhos.

Ele franziu suas sobrancelhas e depositou um beijo rápido e sutil em meus lábios manchados de sangue. Ian agarrou Elijah por trás e tirou-o praticamente de cima de mim e me puxou para si.

–Eu amo você – ele me agarrou e me colocou de pé enquanto eu tentava ficar de pé, ele me segurou pela mão – não faça uma loucura dessas outra vez.

Ian segurou meu queixo entre o polegar e o indicador, esfregando o polegar na pequena mancha de sangue em meu lábio. Ele me segurou quando eu desmaiei e só acordei em seu pequeno apartamento em *Forty hills*.

Quando eu acordei, ele estava ao lado da cama. Fiquei um tanto assustada antes de me lembrar de já ter me habituado acordar com ele ao lado da minha cama no *reformatório*, mas daquela vez era completamente diferente. Primeiro por que aquele era o apartamento dele, seu lar. Com *as coisas dele*, coisas que eu ainda não conhecia e nem sabia se ia conhecer, tendo beijado um cara que eu nem sequer conhecia na frente dele e esfaqueado a mim mesma para provar alguma coisa e arrancar juramentos de Elijah.

Talvez eu tenha sido uma vadia com ele e aquilo era o que eu podia aguentar no momento.

Empurrei as cobertas para o lado, deixando a passagem livre e cheguei até ele que estava meio sentado, meio de pé na beira da cama, o mais distante possível de mim e ele deveria estar me odiando.

–Ian, nós podemos... conversar? – ele não respondeu – por favor – minha voz era num tom de súplica.

–Ta – ele se virou. Meu coração se encolheu quando ele me olhou daquela maneira indiferente. Havia simplesmente indiferença em seu olhar, em seu rosto e teria doido menos esfáquear-me novamente porque aquele tipo de dor não poderia ser curado com um pouco de sangue.

Funguei e tentei respirar fundo, mas engasguei, por que não conseguia respirar e comecei chorar. Enfiei o rosto num travesseiro mais perto.

Por deus, eu estava completamente desequilibrada com tudo o que estava acontecendo.

–Kathryn – senti a mão de Ian nas minhas costas e levantei a cabeça, com os olhos chorosos.

–Me desculpe – tentei respirar outra vez. Em vão – me desculpe – passei os braços em volta de seus ombros, como se eu pudesse puxá-lo para mim e nunca mais largá-lo. Ele não se afastou, mas também não me tocou. Parecia que estava enojado, talvez pelo fato de eu ter beijado Klaus.

–Kathryn, vamos conversar – ele se afastou.

–Sobre o que quer conversar? Sobre o diário? Ou...

–É. Sobre o diário. Você terminou de ler?

Fechei os olhos por alguns segundos antes de balançar a cabeça.

–Merda – ouvi um barulho e reabri os olhos, para ver que Ian tinha quebrado o abajur, batendo-o contra a cabeceira da cama.

–Ian – chamei duas vezes antes de ele se virar para me encarar, seus olhos voltaram a ser cinzentos, como um céu nublado – eu sei quase tudo e faltam apenas alguma poucas páginas – fiquei de joelhos no colchão, ficando apenas alguns centímetros mais baixa que ele – mas, também deve ter algo que você queira me contar que não está no diário...

Deixei as palavras no ar, ele não disse nem fez nada, quando enfim fez, foi inclinar-se sobre mim e me beijar, delicada e gentilmente.

–Que eu te amo, isso provavelmente você não encontrou lá – ele se afastou sorrindo e segurou meu rosto, tocando-me apenas com a ponta dos dedos, como se ainda houvesse nele algum receio – que eu quero estar com você a cada momento que se passa.

—Então por que me deixou? — meu rosto se contorceu em algo semelhante a dor; abandono e perda — não houve um sequer segundo que eu não estivesse pensando em você.

—Eu jamais te deixei.

—Deixou sim — baixei a cabeça, choramingando.

—Não deixei, mas você precisava de um tempo para você e para ler o diário e decidir por si mesma, sem que eu estivesse por perto para te influenciar na sua decisão. E você está aqui agora.

Não o deixei terminar.

—Eu queria estar com você. Por que... apesar de tudo não consigo me manter longo, e cada vez... cada hora, cada segundo que ficamos longe eu... morro um pouquinho por dentro. Então, acho que... agora que já li o tinha a ser lido naquele diário, não há mais nada que nos impeça nem nada que faça com que se afaste e, foi você quem me trouxe para cá.

—Quanto a isso de eu ter te trazido para cá foi pelo fato de você ter esfakeado a si mesma. Além disso, você não tinha mais nada a ver com o Conselho, por que para todos os efeitos, tínhamos terminado. Aquela confusão toda... — ele balançou a cabeça — não tinha a ver com você.

—Sempre terá a ver comigo.

—Você poderia ter se matado, Kathryn. Percebe o quanto isso é grave?

—Acho que não, por que eu poderia ter me matado e ainda assim não teria percebido o que estava fazendo, mas, não faça isso de colocar a culpa em mim, porque eu não fiz *nada* de errado. Nada que fêrisse ninguém além de mim.

Ele puxou minha mão até seu peito.

—Mas feriu a mim — pausa — feriu a mim vê-la se machucar, ou acha que eu não me importaria? Que equivoco da sua parte.

—Eu estou bem agora. E o importante é estar aqui e agora, com você — ergui-me mais um pouco, o suficiente para beijá-lo.

—Kathryn — sua voz se desfz com um suspiro e ele me beijou longa e profundamente, deixando escapar um gemido gutural de sua garganta.

Ian puxou-me para si, entrelaçando os dedos em meus cabelos, ele

explorou minha boca com a língua suavemente e eu gemi, meio ofegante, meio extasiada pelo prazer que me causava seu toque, mesmo que apenas um beijo.

–Eu amo você – disse por entre beijos – disse eu tenho certeza. E esse tempo que ficamos separados, por mais doloroso que tenha sido... serviu para que eu pudesse ter certeza do quanto *eu* tenho certeza sobre isso. Do quanto eu senti falta *disso* – soltei um gemido ofegante.

–Eu também senti falta de tocá-la – ele se afastou um pouco – e de tê-la nos meus braços.

–Eu quero você, dessa vez para sempre, Ian.

Ele segurou meu rosto entre suas mãos e beijou-me novamente, dessa vez mais devagar, a fim de capturar cada nuance daquele momento.

–Eu prometo que farei o que puder para que possamos ficar juntos e se eu não conseguir continuarei tentando, pelo seu bem e o bem de quem não consegue mais viver sem você.

–Eu quero transar você.

–A essa altura, acho que faria qualquer coisa que me pedisse – ele sorriu gentilmente –, mas preciso saber se quer mesmo isso?

–Eu quero e eu ficaria feliz e acho que você também. E... eu quero ser feliz e que você também seja... comigo. Chega dói aqui por dentro.

Ian tirou toda minha roupa e tocou com cuidado e delicadeza as cicatrizes em minhas costas. Ian tirou a minha roupa em gestos sutis tocando com cuidado e delicadeza as cicatrizes em minhas costas. Tirei sua camisa e ele tirou os sapatos com as pontas dos dedos dos pés. Ele apoiou os cotovelos no colchão pairando acima de mim e virou meu corpo seminu fazendo-me ficar parcialmente de costas. Ele tirou os fios de cabelo que grudavam com o suor em meu rosto.

–Não tenha medo, meu anjo – ele beijou meu pescoço e tocou com a ponta dos dedos uma cicatriz logo abaixo do meu pescoço.

Meu corpo ficou gelado e Ian me acalmou, esfregando com carinho o polegar em minha bochecha.

Seus joelhos estavam em volta da minha cintura como se tivesse medo que, como sempre, eu fugisse.

–Eu amo você. Confie em mim, querida – ele ajoelhou-se, pairando

sobre mim e tocou as cicatrizes ao longo de minhas costas e eu estremei.

Ian colocou suas mãos quentes em minhas costas, fazendo-me parar de tremer instantaneamente. Eu estava assustada principalmente pelo fato das lembranças ruins e pelas minhas péssimas memórias com relação ao que aconteceu para que estivessem ali.

—Eu estou aqui para curá-la a tentar te ajudar a lidar com o que quer que for. Você está ferida por dentro e não por fora. Ele colocou a mão em minha nuca e beijou-me intensamente. Agarrei-o pela nuca, puxando-o mais para mim como se aquilo não fosse perto o suficiente. Como se jamais fosse perto o suficiente. Até eu me afastar um pouco para poder respirar e beijá-lo outra vez, desesperadamente, mais do que eu precisava do ar que servia apenas para manter— viva, mas sem ele eu jamais poderia realmente viver; de verdade.

Puxei seus cabelos com força, puxando-me e enfim saí de debaixo dele para ficar por cima, ainda segurando-o presa por seus lábios e hipnotizada pelo seu olhar.

Entrava apenas uma pequena fresta de luz através da janela que denunciava minhas *quase* nudez de forma crua. Tirei sua calça lentamente, ao mesmo tempo nervosa com seu olhar incessante sobre mim. Ian segurou minhas mãos de repente e me fez deitar-me sobre ele.

—Você está muito nervosa. Está tremendo e suas mãos estão suando frio — ele depositou um beijo na palma da minha mão.

—É que eu nunca fiz isso. Pelo menos não... consensual, então tenha um pouquinho de calma comigo. Por favor.

Ele sorriu e envolveu-me em seus braços, pressionando o nariz em meu pescoço, depositando outro beijo suave naquele local.

—Então, não faça isso até sentir-se segura. Vem cá — ele me puxou, beijando-me rapidamente — Não iremos fazer isso.

Ele me beijou de novo e mais algumas vezes, antes de sentar-se, puxando-me junto. Ele esticou o braço e acendeu a luz do abajur. Apaguei.

—Você está acabando com o... clima e talvez, também com o bom

senso.

–Eu não faria isso com você. Olhe para mim, K – levantei a cabeça – vamos sair e dançar, hum? Nos divertir e talvez pensar mais sobre isso depois?

–Espere um pouco, como assim “*vamos sair e dançar*”. Ian! – puxei o lençol e enrolei-me nele.

–Por que não pensa nisso? Vamos lá – ele sorriu, de maneira contagiante fazendo com que eu sorrisse também. Ele colou os lábios aos meus – vamos lá.

–Comprei uma coisa para você – ele me entregou um vestido preto clássico, sem mangas e bastante cavado na parte detrás e tecnicamente curto, indo até a metade das coxas.

–Quando comprou isso?

–Há alguns... dias.

–Dias – sorri através da porta do banheiro e também pude ouvi-lo sorrir do outro lado – você fez uma aposta. Uma grande aposta.

Enfiei o vestido pela cabeça em alguns segundos e soltei o cabelo, deixando-o cair pelos ombros, coloquei um par de sapatos altos que Ian me entregou junto ao vestido.

Abri a porta do banheiro e saí, dando uma voltinha.

–De onde foi que você saiu mesmo? Da TV? – ele sorriu, segurando minha mão e puxando-me para si. Ele me beijou de forma intensa e demorada fazendo-me perder o fôlego.

–Vamos, temos muito a fazer para nos divertir.

Ian dirigiu por quase meia hora e já estava tarde quando chegamos num lugar estranho que parecia mais uma casa de prostituição.

–Que lugar é esse? – perguntei quando ele parou o carro.

–Não faço ideia. Foi apenas o lugar mais agitado que vi desde que saímos daquela cidade fantasma – ele saiu do carro e abriu a porta para mim – aquelas pessoas realmente *não* sabem se divertir.

Sai do carro e ele segurou minha mão.

–O que é isso? Uma *rave*?

–Acho que sim – ele repuxou os lábios e parou – podemos ir para outro lugar. Se quiser.

–Sem nem antes entrar e ver o que esse lugar tem a nos oferecer? Eu não correria esse risco.

Ele puxou para mais perto de si, deu um beijo estalado na minha bochecha.

A música do lado de fora era ensurdecadora e quando entramos a musica era tudo que eu podia escutar. As pessoas pareciam ter usado alguma espécie de entorpecente pelo modo que dançavam e esfregavam-se umas nas outras. Ian virou para mim e falou alguma coisa que não pude escutar, então ele se aproximou para falar mais perto.

–Você quer beber alguma coisa?

Assenti e ele segurou minha mão, ainda mais firme, puxando-me até o bar lotado. Ele segurava minha mão, enquanto tentava. Gritei o nome dele tentando soar mais alta que a música, contorcei minha mão tentando, em vão, soltar-me, mas ele era, obviamente, mais forte.

–Ian – gritei ainda mais alto e mais perto de seu ouvido. Ele finalmente se virou – vá comprar as bebidas, eu fico bem aqui – ele franziu as sobrancelhas – se não me deixar esperando aqui vai demorar uma eternidade até conseguir chegar lá – sorri e dei-lhe um beijo – eu te espero aqui.

–Tudo bem, mas não saia daqui – ele me beijou devagar com um braço em minha cintura e o outro em meu rosto, ele deslizou o polegar suavemente pela minha bochecha.

Ele se afastou e foi engolido por uma multidão de pessoas que tentavam comprar uma bebida.

Ou várias.

Alguns instantes se passaram e as pessoas continuavam ininterruptas em sua dança e em seu vai e vem. Saí de onde estava, local em que a cada segundo as pessoas embarravam em mim e fui para um canto mais afastado, próximo a um extenso corredor, com dezenas de portas fechadas. Aquilo *quase* parecia uma casa de prostituição, até eu perceber que realmente era.

Fiquei imediatamente enojada com a ideia e virei-me para sair dali

quando esbarrei em um cara que parecia estar sob efeito de drogas e bebidas, talvez mais coisas do que eu poderia realmente suportar. Ele segurou meu braço e me chamou para dançar.

—Eu estou acompanhada — gritei na esperança que ele me soltasse, entretanto, ele chegou ainda mais perto, seu hálito com cheiro de uísque, e, alguma coisa mais forte e barata, que não pude identificar.

—Eu não estou vendo ninguém aqui. Você está? — balancei a cabeça, assentindo.

—Meu namorado foi comprar bebidas — gritei, tentando ficar o mais longe possível daquele cara enquanto tentava me soltar da sua pegada.

—Por que não dança comigo enquanto isso? — demorei um instante a mais do que o necessário para responder enquanto pensava se deveria *tentar* sair correndo — você é linda. É a garota mais linda que já vi por aqui — ele sorriu, encantadoramente.

—Bem, eu dançaria com você se não tivesse *namorado* e seria educado me soltar *agora* — franzi as sobrancelhas e ele afrouxou o aperto de seus dedos em meu pulso.

Em seguida olhou para o lado e, ao invés de me soltar de vez, ele apertou ainda mais. Eu tinha certeza que ficaria uma marca roxa.

—Me solte — eu tinha certeza que se eu começasse gritar ninguém prestaria atenção pelo modo como estavam loucos.

Olhei para o lado e vi Ian surgir em meio aquelas pessoas, entretanto ele estava longe demais para fazer qualquer coisa. O cara apertou-me contra a parede e tentou me agarrar. Entretanto, não foi Ian quem o tirou praticamente de cima de mim.

Alguém deu um soco nele, surgido do nada e o cara caiu no chão. Encolhi-me e Ian apareceu atrás de mim, passando os braços em torno da minha cintura.

—Você está bem, meu anjo? Sinto muito, não deveria tê-la deixado só, por esse *lugar*. Sinto muito.

Virei-me, tremendo da cabeça aos pés e beijei-lhe, muito embora, alguns segundos depois eu já estivesse olhando, encarando novamente o cara que havia me *salvado*.

—Vamos embora daqui, Ian — agarrei sua mão — por favor, me tire

daqui.

Puxei-o em direção a saída e fui andando rápido, entretanto *aquela* cara ainda estava atrás de mim e eu tinha certeza que não deixaria de estar até falar o que queria.

—O que está acontecendo, Kathryn? — larguei a mão dele — meu amor, fale comigo. Diga alguma coisa, está me preocupando.

—Karmel, espere — *ele* gritou, muito mais alto que a música para que pudesse ser escutado. Sua voz me fez estremecer. Ele me chamou outra vez quando já estávamos do lado de fora. Virei para encará-lo.

—O que você quer comigo? — cruzei os braços — não — balancei a cabeça — eu não quero saber. Só... fique longe de mim.

—Eu só quero conversar. Não sabe que todo esse tempo eu quis vê-la? Em penso em você todos os dias, sem exceções. Me dê uma chance, por favor. Apenas alguns minutos para que eu possa me desculpar.

—O que diabos está havendo aqui? Você o conhece?

Ele esticou o braço para me tocar, entretanto eu me afastei. A última coisa que eu precisava era ficar com a memória de seu toque em meu cérebro e o arrepio em minha pele. Dei as costas para ele, mas pude ouvir o som de seus passos chegando ainda mais perto, virei-me novamente para olhar em seus olhos.

—Vá para o inferno, Adam.

Tormenta

— Por favor, Karmel, me escute. Eu apenas quero me desculpar. Não sabe como eu quis vê-la outra vez por todos esses anos. Por favor, me dê uma chance para eu me explicar – ele franziu as sobrancelhas – por favor. Todo esse tempo eu só quis saber onde você esteve, mas ninguém me disse nada, então deixei para lá.

—Eu não vou escutar suas explicações, simplesmente por que elas não existem – respirei fundo – e você não pode se aproximar de mim, caso tenha se esquecido e talvez seja por isso que não te disseram onde eu estava.

—Pelo amor de Deus, Karmel. Eu quero apenas conversar... em um local público, onde você quiser. Isso é pedir demais?

—Sim. Escute, eu quero apenas que desapareça da minha vida – apenas naquele momento me dei conta de que estava chorando.

Abri a porta do carro, enquanto um Ian bastante surpreso estava parado ao meu lado.

—Me dê apenas *uma* chance, Karmel.

—Adeus, Adam.

No momento em que entrei no carro, tive a impressão que Ian faria o mesmo, mas ele não fez. Ian voltou-se para Adam.

—Não a procure ou *eu* te procuro e te acho nem que seja no quinto dos infernos, seu filho da puta.

—Ela é completamente louca e desequilibrada. Talvez você esteja enganado a respeito de Kathryn – Ian segurou Adam pela gola da camisa e acertou três socos em seu rosto.

Fiz menção em abrir a porta do carro e sair de lá, mas a voz fria de Ian me impediu, dizendo-me para ficar lá.

—Espero que tenha entendido o recado ou eu serei capaz de matá-lo se tocar em um único fio de cabelo dela, está me escutando?

Adam assentiu debilmente e Ian deu mais um soco, soco esse que eu tinha quase certeza que havia quebrado sua mandíbula ou qualquer outra coisa. Ian o deixou caído no chão e entrou no carro, acelerando. De volta para casa.

Eu estava assustada com seu silêncio e sua frieza, coisas com as quais eu *ainda* não havia me acostumado. Sua mudança de personalidade, talvez, fosse algo que eu jamais conseguiria me habituar, embora ele fosse dócil na maior parte do tempo.

Quando chegamos ao seu prédio, Ian simplesmente parou como se nada estivesse acontecendo nem tivesse acontecido. Ele posou a ponta dos dedos na base da minha coluna, o que me fez estremecer. Ele abriu a porta de seu apartamento, como um convite para que eu entrasse. Ian serviu-se de uma dose dupla de uísque e eu tirei o casaco, em seguida os sapatos que apertavam meus pés e finalmente o vestido, ficando apenas de *lingerie* sob a pouca ou quase inexistente luz de seu apartamento. Caminhei lentamente em sua direção como um felino que prestes a dar o bote. Apoiei ambas as mãos nos braços de sua poltrona, inclinando meu corpo seminu sobre ele. Ian posou o copo sobre a mesa ao lado e fixou seus olhos em mim: – O que está havendo, Ian?

–Kathryn...

–O que foi? Primeiro me defende, depois age como se não se importasse. Então me diga o que eu não percebi.

Ele virou o rosto, em seguida virou-se outra vez para mim e segurou-me pelas coxas, me puxando para seu colo.

–Eu só estou pensativo com relação a tudo. E me desculpe por ter te arrastado para aquele lugar e invocar coisas ruins do seu passado. Perdão, Katie. Mas nada disso significa que me importo menos com você. Significa que me importo mais e o quão *mais* eu me importo. O quão... apaixonado por você eu estou. Me desculpe se não estou fazendo isso, me expressando, como você merece.

–Você não precisa provar nada. Mas, ainda assim, você não faz ideia de como me senti quando se afasta e se tranca assim. Parte meu coração,

essa é a maneira como me sinto. E sim, eu acho que você não se importa o suficiente – respirei fundo. Inspirando e expirando fundo com dificuldade como se houvesse alguma coisa presa em meus pulmões. Algumas palavras.

–Olhe para mim – ele segurou meu queixo – eu não estou impondo nenhuma distancia entre nós. Estou dando tempo para você pensar e se acalmar. Eu sei que o que aconteceu mexeu com você de varias maneiras.

Ele se inclinou mais um pouco e me beijou gentilmente como se eu pudesse me quebrar com qualquer coisa a mais que aquilo.

–Eu amo você – com um movimento ele me puxou e me segurou em seus braços, deitando-me em sua cama – por que não descansa um pouco? Posso pegar uma camisa ou pode ficar sem. Se assim quiser – ele deu um sorriso lascivo, cobrindo-me com seu lençol de cetim e me deu um beijo na testa antes de abrir a porta de seu guarda-roupa e puxar uma camiseta. Ele vestiu a camiseta em mim e deitou-se ao meu lado, até que eu adormecesse, enfim.

Acordei no meio da noite, envolta a uma sensação infinita de vazio, igualmente a cama ao meu lado. Envolta nos lençóis, tirei-os de cima de mim e levantei. Andei por todo apartamento, mas Ian não se encontrava mais lá. Tomei um pouco de água e decidi ligar para Elijah quando o dia amanhecesse. Eu não precisava de muito mais tempo para pensar. E nem precisava de *tempo* para dizer se confiava em Elijah, por que não confiava, não com relação a meu relacionamento. Ele já havia deixado claro que faria o que pudesse para me afastar de Ian. Mas ainda assim aquela parecia a melhor ideia.

Ao menos naquele momento.

Fiquei por algum tempo, sem conseguir dormir observando a lua e os primeiros raios de sol que se lançavam sobre o céu escuro, fazendo despontar os primeiros raios de luz, iluminando aos poucos aquela imensidão; tingindo-lhe como faces enrubescendo-lhe. De repente ouvi um barulho, o suave e inconfundível clique da fechadura. E Ian estava

ali. Parado a me observar de joelhos em sua cama, e de costas para ele, usando apenas sua camisa que deixava descoberta parte de minha bunda e meus braços cruzados, minha cabeça gentilmente encostada na parede, quase que imperceptível a mim. Não fiz questão de virar. Ian deixou a chave em cima da bancada da cozinha e caminhou até mim, atirando-se na cama e passando os braços em volta da minha cintura, entretanto não me movi. Ele beijou minha bochecha, descendo até meu pescoço.

—O que faz acordada a essa hora, meu anjo? — ele continuou beijando meu pescoço até o ombro — você ta brava comigo?

Balancei a cabeça.

—Eu só não consegui dormir, Ian — virei-me e segurei seu rosto entre minhas mãos que suavam quase que imperceptivelmente — faz amor comigo?

Ele segurou minhas mãos, depositando um beijo em suas palmas.

—Por quê agora? E — ele fez uma pausa acentuada quando meu olhar encontrou-se com os seus — por que comigo?

Virei totalmente para encará-lo enquanto respondia suas tolas perguntas.

—Por que é o que *eu* quero e você também e por que eu amo você, pensei que fossem motivos suficientemente fortes.

—E *são* suficientemente fortes, meu anjo. Mas... bem. Talvez seja uma coisa minha de talvez não querer envolvê-la ainda mais. E pode ser apenas uma insegurança minha, mas... é tudo tão complicado. Foi complicado me habituar. Quero apenas estar o mais próximo possível de você a maior parte do tempo que houver. Pode ser apenas uma insegurança minha, mas não posso em hipótese alguma me arriscar a perdê-la.

Segurei seu rosto novamente quase em desespero completo.

—E você não vai. Não acha que eu posso falar e decidir por mim mesma as coisas que eu quero? Confie em mim.

—Você me deixa louco, Kathryn. Só pelo jeito que você fala já me faz *começar* a perder a cabeça — ele suspirou como se não conseguisse respirar direito — e não pensar direito e acredite isso não é bom. Isso

realmente não é bom.

Ele deslizou a língua pelo meu pescoço, agarrando minha nuca e puxando meu cabelo com as pontas dos dedos. Ele puxou minha coxa jogando-me na cama e puxando a camisa dele do meu corpo. Ian puxou-me até que eu estivesse colada a ele e me beijou novamente; intensamente enquanto cada parte do meu corpo excitava-se em desespero quase que implorando pelo seu toque. Ele mordeu levemente meu pescoço sugando a minha pele, gentilmente naquela região sensível fazendo gemer e contorcer minhas pernas ao redor de sua cintura e rasgando a pele de suas costas. Ele deu um grito pouco audível e pude sentir o sangue nas pontas de meus dedos.

Que tipo de homem ama assim?

Qualquer descrição do que tive com Ian seria desonesta porque não haveria maneiras de descrever como ele era incrível. Tudo que eu conseguia me recordar depois foi de ter acordado em seus braços cerca de duas horas depois. O sol aquecendo a pele da minha bochecha e iluminando o apartamento inteiro. Ian ainda estava ao meu lado dessa vez e foi uma coisa boa; acordar e ele estar ao meu lado. Uma coisa boa que eu me recordaria por tanto tempo que jamais seria capaz de contar, não importando quantas vezes pudéssemos fazer a mesma coisa, mil vezes e em mil anos.

Cada pedaço meu estava vivo e eu estava amando. Amando tudo aquilo e, sobretudo, estava amando *o* ainda mais. Com todo meu corpo. Levantei-me e tomei um banho vestindo uma camisa de Ian e um short de elástico que pareceu fundir-se ao resto da roupa. Abri a geladeira, certificando-me que ele ainda estava dormindo.

Meia hora depois Ian acordou. Eu tinha feito o café da manhã, o melhor que pude, mas que nem chegava aos pés de qualquer coisa que ele cozinhava. Ian levantou a cabeça, apoiando os cotovelos na cama e sorrindo. Ele passou a mão pelos cabelos e levantou-se. Ele estava usando apenas uma cueca e eu estava sentada, segurando o jornal que eu havia pegado na porta, numa mão e não outra segurava uma caneca de café.

–Bom dia – Ian caminhou até mim e dei um beijo na minha bochecha.

—É um *ótimo* dia – sorri.

—Tem razão – ele sorriu de volta e foi até o banheiro, tomou banho e voltou vestido um short de dormir xadrez. Ele me puxou para si, abraçando-me e quase fazendo que eu derramasse café quente em cima dele.

—Por que *esse* sorriso?

—Eu estou feliz por você estar aqui – ele depositou um beijo em meu a meus cabelos bagunçados.

—E eu estou feliz por *estar* aqui – respirei fundo.

—Mas...

—*Mas* precisamos conversar – afastei-me uns dois passos dele, voltando a me sentar.

Ele expirou e afastou. Ian deu a volta na bancada da cozinha e pegou uma caneca servindo-se uma grande dose de café e dando um gole demorado antes de pousar a caneca na bancada e sentar-se de frente para mim.

—Primeiramente – pousei a caneca de café na bancada e levantei a cabeça quando havia coragem suficiente em mim para encará-lo e ter aquela conversa, mesmo que ainda houvesse o desejo de deixar para lá e correr para ele; para seus braços calorosos.

Seus lábios convidativos. Respirei fundo algumas vezes.

—Você mentiu para mim.

—Quando? Em que parte? – ele franziu as sobrancelhas.

—Você disse que nunca tinha beijado Kaitlyn e que o que tinha com ela era *sexual* – a palavra saiu forçada demais para parecer que eu estava fazendo apenas perguntas das quais não me importaria com a resposta, fosse qual fosse. Entretanto assustavam-me suas próximas palavras, mesmo não sabendo quais eram elas.

—Eu a amava, Kathryn. E eu a amei por mil anos – sua voz soava triste e ressentida. Como se reprimida pelas lembranças de um passado distante. Ele continuou – mas eu estou aqui, *agora*, não estou?

—Você está – assenti meio fora de mim – mas não tenho certeza se está aqui por que quer. Foi Kaitlyn quem te deixou. Quero... quero dizer... será que, por você, ainda estariam juntos?

–Kai queria voltar a ser quem ela realmente era e eu também não estava sendo eu mesmo com ela. Pena que demorou mil anos para um de nós perceber isso e éramos amigos – ele fez uma pausa – Eu pensei muito sobre isso, Kathryn. Sobre eu e você. Pensei em carma, destino ou qualquer outra coisa que pudesse ter feito você ir parar no mesmo lugar que eu. Pode ter sido coincidência ou mesmo destino. Eu não tenho certeza e talvez nunca saiba. O que eu sei é que meu coração estava partido e eu encontrei você, que o curou e me fez amá-la como eu nunca antes amei ninguém – ele fez uma nova pausa, dessa vez mais longa, encarando-me – mas... parece que eu cortei as asas do *meu anjo*.

Respirei fundo, engolindo as lágrimas. Meus olhos encheram de água e fechei os olhos com força. Limpei as lágrimas que escorreram pelas minhas bochechas e um segundo senti os lábios de Ian nos meus. Levantei-me para deixar que ele me beijasse melhor. Ian sugou suavemente meu lábio inferior e afastou-se milimetricamente. Abri os olhos cautelosamente enquanto meus ombros tremiam suavemente.

–Eu não irei te magoar e nem, jamais, sob hipótese alguma irei deixá-la. A não ser que você não me quisesse mais e, mesmo assim, eu imploraria seu amor.

Eu precisava contar a ele sobre minha decisão com relação à proposta de Elijah.

–Eu preciso falar uma coisa, Ian e preciso que me entenda – eu estava chorando ainda mais e mal conseguia olhar em seus olhos.

–Diga, meu anjo. Estou ouvindo – ele segurou meu queixo com a ponta dos dedos – o que quer que for e tentarei entender, não importa o que seja.

–Eu... decidi aceitar a proposta de Elijah – ele fechou os olhos por uma fração de segundo que pareceu ter sido o bastante para roubar um pedaço do meu coração. Cobri o rosto com as mãos, sentime profundamente perturbada.

–Não se sinta culpada por suas próprias escolhas – ele segurou minhas mãos e me beijou novamente.

–Eu não quero ter que ficar longe de você, Ian. Eu jamais quis isso,

mas sinto que as circunstâncias têm me obrigado a fazer o que eu não quero. E talvez isso não seja totalmente ruim. Se tem uma coisa que eu não quero é que fiquemos separados, e eu preciso muito que me entenda, porque eu te amo. E não há argumentos que eu possa usar. Você roubou um pedaço do meu coração com o seu amor e a pessoa incrível que você é.

Ele me beijou intensamente, sua língua explorando cada parte da minha boca gentil e intensamente como ele jamais poderia deixar de ser. Ian me puxou para si, entrelaçando minhas pernas em sua cintura. Puxei seu cabelo com força quase me deixando sem ar. Eu estava ofegante quando parei de beijá-lo e olhei em seus olhos verdes.

–Algun problema? Eu fiz algo errado? – ele tirou uma mecha do meu cabelo desgrehado que caía em meu rosto.

–Não – balancei a cabeça e sorri instintivamente, como se aquilo fosse algo que eu não pudesse controlar e eu realmente não podia controlar bem minhas emoções perto de Ian, jamais consegui.

–Eu só estou pensando – tirei uma mecha de seu cabelo que começava a crescer de seu lindo rosto – em como eu consegui passar tanto tempo fingindo que não te amava quando na verdade eu sempre fui apaixonada por você, desde o primeiro dia, o primeiro olhar. A primeira piada sem graça – ele sorriu, respirando fundo com os lábios encostados aos meus. Ian rosnou junto aos meus lábios, pressionando seu corpo no meu contra a parede da cozinha e em seguida, praticamente me jogou contra a bancada da cozinha, arrancando sua camisa do meu corpo e em seguida seu short.

Epílogo

Cada beijo seu, cada imagem passavam pela minha cabeça enquanto Ian me levava de volta até aquele inferno para que eu pudesse pegar minhas coisas.

Quando ele parou o carro fiquei parada, imóvel. Olhando pela janela uma vida que eu estava deixando para trás e parte de mim sentia que também estava deixando-o. Ian saiu e abriu a porta para mim, parado com a mão estendida, pareceu que se passou uma eternidade até que eu a aceitasse e saísse, sentindo uma imediata brisa quente soprando em meu rosto e agitando meus cabelos semiúmidos.

Sorri. *Aquilo* também era algo que eu sentiria falta. A falta de vida, a brisa quente e a paisagem morta.

–Você está pronta? – sorri ao virar-me para ele e coloquei uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

–Para dizer adeus disso aqui? – respirei fundo – nunca vou estar. Eu tenho ótimas memórias daqui – inclinei-me para beijá-lo demoradamente.

Ian segurou minha mão.

–Eu também preciso pegar umas coisas minhas já que estou me mudando para a Califórnia.

Virei, surpresa com suas palavras.

–O quê? Não tinha me dito isso.

–Claro que você deveria ter imaginado que eu não te deixaria sozinha. Quantas vezes eu tenho que dizer que não vou deixá-la escapar agora que te encontrei – ele me beijou novamente. Terminei de arrumar minha mala e cruzei os braços olhando ao redor do *meu* quarto, que na realidade jamais tinha sido realmente *meu*. Alguém bateu na porta e quase pulei para trás, imaginando quem poderia ser.

Abri cautelosamente e vi a Sra. Martin se empertigando em seu cardigã azul-marinho e seu jeans escuro casual. Seus cabelos estavam soltos e ela parecia, pelo menos, vinte anos mais jovem do que alguma semanas.

–Kathryn, espero que tenha sido bem tratada aqui – não respondi, não sabia se deveria responder e dizer *sim, obrigada, eu conheci o amor da minha vida aqui* – eu posso entrar um segundo para conversarmos?

Abri mais a porta gesticulando para que ela entrasse.

–Eu estou um pouco surpresa.

–Bem, eu vim te dizer adeus, formalmente. Eu já recebi a *tal* carta dos investigadores. Acho que sentirei sua falta.

–Obrigada – disse enquanto mexia sem parar nas mãos, nervosa. Eu não tinha nada a dizer e ela também não.

–Eu já estou de saída. Espero vê-la novamente algum dia. Preciso que passe seu novo endereço para que eu possa enviar alguns documentos.

Ela caminhou em direção a porta.

–Adeus, Sra. Martin – consegui sorrir – e eu fui, sim, muitíssimo bem tratada aqui, pela senhora e meus colegas – apertei a maçaneta da porta – acho que vou sentir saudades daqui – balancei a cabeça quando ela acenou mais um adeus e partiu.

Com todas as malas arrumadas, tomei banho e coloquei uma roupa bastante casual. Jeans escuros, camiseta dos *Ramones* e os velhos *All star*. Ainda tinha uma coisa que eu precisava fazer antes de ir até o quarto de Ian encontrá-lo.

Peguei o diário de Kaitlyn. Entretanto, quando tentava me lembrar por qual direção seguir, Kaitlyn quase esbarrou comigo no corredor. Ela tinha uma expressão profunda e o olhar melancólico.

–Eu queria devolver isso – estiquei o diário em sua direção, mas ao invés de pegar ela me encarou por alguns longos instantes.

–Você não leu tudo – ela mordeu o lábio suavemente.

–Não, mas quero te devolver antes de ir embora.

–Fique com ele, Katie – ela respirou fundo, baixando a guarda – e termine de ler quando estiver pronta –Adeus, Kaitlyn. Eu espero revê-la algum dia. Você foi uma boa amiga. *Por certo tempo* – expirei

pesadamente como se temesse dizer o que estava pensando – sentirei sua falta tanto quanto desse lugar e talvez possamos nos encontrar novamente – sorri genuinamente e ela sorriu de volta.

–*Talvez* eu também vá sentir sua falta, K – surpreendentemente, Kai envolveu-me em seus braços, abraçando-me.

Depois de me despedir de Kaitlyn fui até o quarto de Ian e bati na porta, ele abriu imediatamente puxando-me para si. Ele arrancou o diário das minhas mãos e atirou-o na cama e fechou a porta ao mesmo tempo.

–Não imagina como senti sua falta nessas poucas horas – ele soltou uma espécie de rosnado quando me beijou, puxando minhas pernas e entrelaçando em sua cintura. Ian agarrou meus cabelos, num ritmo maluco, enquanto me beijava.

–Não diga que só me chamou aqui para arrancar minha roupa – sorri e ele afastou-se um pouco para me olhar nos olhos.

–Eu estava pensando em outra coisa – ele colocou a mão espalmada na base de minha coluna. Seu toque quente enviando um arrepio por todo meu corpo – já que vamos ficar longe, bem, você sabe que Elijah vai fazer tudo que puder e o que não puder para que não nos vejamos e...

Esmaguei seus lábios com os meus na expectativa de fazê-lo calar a boca.

–Elijah não manda na merda da minha vida. Podemos *não* falar nisso? – ele assentiu sorrindo e voltou a me beijar fazendo círculos nas minhas costas, me distraindo.

Quase uma hora depois eu estava deitada no canto de sua cama, arranhando gentilmente seu peito nu enquanto Ian fazia cócegas em meu pescoço com sua barba por fazer.

–Isso é quase perfeito – disse mexendo em seus cabelos – o problema é que eu tenho que pegar um avião daqui algumas horas.

Ian levantou a cabeça e beijou o canto de minha boca.

–Durma um pouco, eu te acordo quando chegar a hora. Prometo que não vou te deixar dormir demais. Depois eu te levo no aeroporto e

aproveito para entrar no mesmo avião que você – endireitei minha postura, apoiando-me em meus cotovelos para encarar seu rostinho bonito que tinha as marcas das costuras dos travesseiros. Ele parecia cansado e com sono.

–O quê? Você não me disse nada sobre viajar comigo, só que ia para a Califórnia.

–Eu sei, mas depois que você me disse a hora que ia viajar eu liguei para o aeroporto e comprei uma passagem no mesmo voo que você. Deixei a cabeça cair no travesseiro e fiquei alguns instantes encarando fixamente o teto de maneira mórbida e silenciosa.

–Está tudo bem? Sua expressão ficou sombria de uma hora para a outra – ele enfiou a mão por debaixo do lençol traçando círculos na minha barriga.

–Eu estou com medo Ian de que fiquemos separados. Mas eu vou fazer o que eu puder para ficar com você.

Ele se virou de repente, ficando em cima de mim. Em seguida ele começou a me beijar, do ombro até minha clavícula, em seguida sugou a pele do meu pescoço. Agarrei seus cabelos, soltando um gemido.

Eu tinha quase certeza que aquilo deixaria marcas, mas quem estava notando? Ele se ergueu novamente acima de mim, pairando sobre meu corpo imóvel e quente que desejava por ele com todas as forças.

–Está vendo o que eu faço com você? – assenti. Ele beijou meu pescoço no mesmo local onde latejava e deslizou a língua por lá, fazendo-me puxar seus cabelos até meus dedos doerem – então, diga o que eu quero ouvi-la dizer.

–Eu amo você – ele tirou o lençol de cima de mim, chutando-o para os pés da cama. Seu corpo se movia em ondas acima do meu.

–Não é isso, Kathryn.

–Eu *quero* você. E... – arquejei as costas por um breve momento – e não consigo mais abrir mão disso.

Não perca a incrível sequência de “Na
escuridão”

Perdida na escuridão

Garota Americana

Mesmo quando o avião estava prestes a pousar tive receio em acordar o anjo ao meu lado que dormia tranquilamente como se o mundo ao redor fosse feito de paz. Ela gemeu e se mexeu, tirando sua mão de debaixo da minha, ela virou-se para mim e abriu os olhos. Seu lindo rosto sonolento se iluminou, causando arrepios em minha pele. Acaricieei a pele exposta de seu ombro por um breve momento antes de me virar ao som dos alto-falantes, dizendo que íamos pousar dentro de dois minutos.

–Dormiu bem?

Ela se ajeitou no assento, pegando um espelho em sua bolsa arrumando o cabelo perfeitamente desalinhado.

–Sim, você parece preocupado com... – ela se virou fechando o espelho – Alguma coisa. Quer dizer o que é?

–Não quero me preocupar nem que se preocupe. Só não estou totalmente certo de como irei lidar com essa situação de ter que ficar pelo menos um segundo longe de você – segurei sua mão e deposei um beijo suave em sua palma – e isso me incomoda.

–Se depender de mim ao menos isso de *ficar longe* não irá acontecer – ela sorriu e eu sorri de volta, mas eu estava longe de dar o tipo de sorriso despreocupado quando estávamos caminhando – naquele caso, voando – para onde eu teria que deixá-la.

Kathryn ficou parada, com as mãos entrelaçadas observando o movimento de pessoas, no meio do saguão do aeroporto, quando cheguei por trás dele e mordi seu pescoço, em seguida beijando sua pele macia. Ela se virou sorrindo, parecia realmente feliz e tentei relaxar um pouco mais para aproveitar todos aqueles momentos ao invés de me preocupar com os próximos. Ela segurou meu rosto e me beijou devagar, pude perceber que algumas pessoas diminuíram seus

passos para nos observar. Quando seus lábios se separam dos meus, continuei com os olhos fechados, absorvendo a sensação e o seu sabor da sua boca. Quando finalmente abri os olhos, percebi o quanto Katie estava perto. Eu podia ver cada pontinho de cor dourada em seus olhos castanhos, cada fio de cabelo em meio àquele emaranhado dourado de fios. O quanto eu queria pressionar meu nariz contra seu pescoço e deslizar a língua sobre sua pele e beijá-la e tocar sua pele. Apenas tocá-la, era tudo que eu desejava. Naquele momento e para o resto de nossas vidas.

—Eu acho que o que sinto por você não é mais amor. Deve ser algo muito mais profundo por que não existe amor desse jeito — beijei-a novamente.

Katie pegou uma de suas malas.

Eu não tinha levado quase nada meu. A maioria das minhas roupas estava no meu apartamento ou na casa de Cristina e algumas até na escola. Mas Katie estava acostumada a levar *sua casa* dentro de umas malas desde que nasceu. Eu levei a mala maior e Katie a menor, assim como sua bolsa. Conteí a ela que já tinha feito reservas em um hotel, enquanto ela ficaria hospedada por alguns dias na casa de Vincent.

—Você pode me ligar e eu te busco na casa do Vincent, se estiver entediada enquanto ele trabalha. Para falar a verdade, eu mal consigo dar um passo aqui na Califórnia sem um guia ou um GPS.

—Eu te mostro a cidade — ela continuava sorrindo, com aquela espécie de paz em seu sorriso.

—Eu ia adorar. Vincent vem te buscar ou quer que eu te deixe lá?

—Nenhuma das alternativas. Vincent vai preparar um jantar e queria que eu chamasse. Na verdade, eu vou fazer o jantar porque Vince é péssimo na cozinha — ela deu uma risada e chamou o táxi.

—Não tenho certeza se é uma boa ideia.

Ela olhou para mim quando o táxi parou no meio-fio.

—Não se atreva a recusar *nosso* convite, Ian Edward Walker — ela abriu a porta do táxi e eu coloquei as coisas do porta-malas. Entrei e sentei-me ao seu lado.

Katie falou para onde estávamos indo e entramos em movimento.

Passei o braço pela sua cintura puxando-a para mim e ela encostou a cabeça em meu ombro.

–Como sabe meu nome do meio, Kathryn?

–Eu andei conversando com Karolyn – ela sorriu novamente.

–O que mais ela te falou de mim?

–Nada de mais – ela deu de ombros.

Cerca de trinta minutos depois o táxi parou em frente a uma casa e Katie olhou pela janela com o olhar de uma criança entusiasmada com um brinquedo. Ela abriu a porta do carro e fez o mesmo. Vincent surgiu do interior da casa com seu uniforme de policial e Katie correu até ele. Peguei as malas dela e paguei o taxista. Ela continuava abraçando-o.

De certa maneira eu não gostava daquela proximidade que havia entre eles, fosse da maneira que fosse, não me agradava a ideia que ela *amasse* qualquer outra pessoa mesmo que como um pai. Eu estava sendo um cretino, possessivo de merda com a minha garota americana.

Assim como não me agradava em nada a ideia de ficar e jantar na casa daquele cara, que no primeiro momento em que olhei para ele não consegui sentir empatia alguma. Coloquei as malas de Katie no quarto em que ela dormia quando estava ali. Havia uma cama de casal, uma cômoda, banheiro. Nada que tivesse *a cara* dela. Coloquei as malas ao lado da cama e me virei, dando de cara com Kathryn. Ela tirou o casaco e colocou sobre a cama.

–Eu sei que não gosta de Vince – ela caminhou até o banheiro, prendeu os cabelos com uma coisa elástica e jogou água no rosto. Fechei a porta, trancando-a, antes que ela se virasse novamente para me encarar. Kathryn se virou – mas será que pode fingir um pouquinho e parar de torcer o nariz quando ele fala ou olha para você? Por favor. Por mim. É apenas um jantar – ela se aproximou a passos lerdos e preguiçosos em minha direção passando os braços em volta da minha cintura. Abracei-

a com força, apertando-a contra meu peito.

–Eu só não quero perder um tempo que eu poderia estar com você te beijando e tocando cada parte do seu corpo sentindo você ou simplesmente estar perto, sentindo seu perfume ou o cheiro do seu xampu – afastei-me o suficiente para encará-la – e qualquer uma dessas coisas é melhor do que passar uma tarde e uma noite inteiras com alguém que eu simplesmente não gosto.

Katie me beijou puxando-me mais para si e agarrando meus cabelos. Enfiei os dedos nos cabelos dela e passei o braço pela sua cintura. Meus lábios percorreram uma trilha de beijos gentis até seu pescoço. Lambi sua pele suavemente.

–Você se importa com uma marquinha vermelha? – ela balançou a cabeça negativamente. Chupei seu pescoço com força até faltar oxigênio em meus pulmões.

–É melhor não fazer isso – ela puxou ainda mais meus cabelos, arfando – não aqui.

–Tudo bem. Você está certa, meu anjo. Vamos descer – limitei uma ligeira distancia entre nós – eu posso aguentar isso por você – beijei-a novamente.

Agarrei a mão de Katie, impedindo-a de dar um passo sequer para longe de mim. Fomos para a cozinha enquanto Vincent tentava introduzir assunto sobre o jogo de baseball que tinha acabado de passar TV, pouco antes de Chegarmos. Em seguida ele começou falar sobre estatísticas de criminalidade do estado e no país enquanto eu ajudava Kathryn na cozinha. Ela parecia mais concentrada na comida que estava fazendo. Às cinco Vincent nos deixou sozinhos e foi tomar banho e trocar de roupa para o jantar.

–Você está ansiosa – disse alguns segundos após Vincent ter subido as escadas e desaparecido do meu campo de visão.

–Eu estou. Eu não sei cozinhar direito. Não faço muito isso, Ian – seus ombros estavam tremendo. Abracei-a instintivamente, envolvendo-a com meus braços.

–Eu preciso de você para me acalmar – ela murmurou.

–Estou bem aqui, meu anjo – depositei um beijo no topo de seus cabelos.